A Missão de Allan Kardec

CARLOS IMBASSAHY

Federação Espírita do Paraná
ACERVO DA BIBLIOTECA

A Missão de Allan Kardec

Federação Espirita do Paraná
BIBLIOTECA
Curitiba - Pr.
Nº Data
03906 B 04-11-94
REGISTRO CANCELADO

Edição
da
FEDERAÇÃO ESPÍRITA DO PARANÁ
Departamento de Difusão Doutrinária

CURITIBA
— 1988 —

Do 3.º ao 27.º milheiro
2.ª edição — 1988

©

Copyright 1957 by
Federação Espírita do Paraná "**Edições Mundo Espírita**"
Alameda Cabral, 300
80.410 — Curitiba-PR

Capa: José Luiz Cechelero

Impresso no Brasil
Presita en Brazilo

Gráfica Vicentina Ltda.
Alameda Cabral, 846
Curitiba — Paraná

Edição conjunta de:
Federação Espírita do Paraná
Federação Espírita Catarinense
Federação Espírita do Rio Grande do Sul
União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo
União das Sociedades Espíritas do Estado do Rio de Janeiro

Em comemoração aos 130 anos de "*O Livro dos Espíritos*".
18 de abril de 1857 — 18 de abril de 1987

FEDERAÇÃO ESPÍRITA DO PARANÁ
BIBLIOTECA
REGISTRO 00701 C
DATA 16/04/03
MFN 451





Fed. Espirita do PR.
Registro n. 00701

Dedicatórias

A CANUTO ABREU

Rendo, neste opúsculo, onde se fala de Allan Kardec, além de minha homenagem de amigo, o preito de admiração ao maior conhecedor, atualmente, da vida, da obra e dos trabalhos do mestre.

A JOÃO GHIGNONE

Dedico, ainda, estas linhas, ao confrade sincero, ao bom amigo, ao honesto e incansável trabalhador que, em prol da Causa que tem como patrono Allan Kardec, não poupa o seu tempo, a sua tranqüilidade, os seus bens, a sua saúde.

Prefácio à 1.ª edição

Ninguém ignora que Carlos Imbassy exerce a difícil arte de escrever com entusiasmo e devoção, sem visar a lucros. Os seus livros correm mundo, instruem e educam, e ele permanece sobranceiro ao interesse monetário, apenas preocupado em divulgar e defender o Espiritismo.

Ainda agora esta obra — "A Missão de Allan Kardec" — ele a destinou ao nosso amigo comum João Ghignone, que a enviará à Federação Espírita do Paraná, para fins de beneficência.

Tenho mesmo a impressão que Carlos Imbassahy nasceu escritor e, por índole e formação moral, nunca se esqueceu que o homem veio ao mundo para servir.

Conheci-o no ensejo de um congresso espírita, no Rio. Senti o seu coração em Niterói, na rua Mariz e Barros, 114, onde fui recebido, naquela ocasião, com a proverbial hospitalidade bem brasileira e espírita — generosa, espontânea, viva e eloqüente. Sabe conversar e debater. À sua volta, os problemas humanos e extra-humanos se apresentam com toda a claridade.

Anima o debate, desenvolve conceitos e cada qual dos circunstantes se esmera na discussão e solução das teses propostas. Saí de uma dessas reuniões sumamente grato, pela excelência do temário e extrema cordialidade nos debates.

Carlos Imbassahy faz parte, assim, da boa falange dos escritores que vieram edificar, com o favor de Deus, o Espiritismo no Brasil. Não se contenta em lançar amiudadamente à publicidade livros bem feitos; escreve para uma porção de jornais e revistas especializadas, e responde, com impecável pontualidade, pelo "Mundo Espírita", a uma infinidade de perguntas, que lhe chegam às mãos de todos os recantos do território nacional. Não termina aí, sua atuação no vasto campo do Espiritismo: ocupa constantemente a tribuna e o rádio, e nunca silencia ante a manobra daqueles que tentam lançar

confusão na doutrina, através de "Livros Negros" e "Pastorais".

Os adversários, que deliberadamente esquecem os fatos essenciais, de caráter informativo e formativo do Espiritismo, objetivam levar o descrédito para as hostes kardecistas. Carlos Imbassahy sustenta — e sustenta bem — que o verdadeiro espírita não pode e nem deve ficar calado, se o Espiritismo é atacado.

Sai logo a repelir o ataque, com as armas da experiência e da lógica, evidenciando a falsidade da agressão. Fala com sabedoria e dignidade. Recompõe, discute e convence. Ensina, de maneira clara e precisa, o nascimento, o desenvolvimento, a expansão e as conseqüências religiosas, científicas e filosóficas do Espiritismo. Esfarela a agressão. Mesmo para o adversário recalcitrante e de má fé, tem sempre uma palavra de bom humor, como a advertir que o Espiritismo e Allan Kardec continuarão a viver, pela eternidade, queiram ou não os dissidentes.

"A Missão de Allan Kardec" é bem a prova de amor de Carlos Imbassahy pelo Espiritismo e por Allan Kardec. Corre, no tempo e no espaço, em busca dos precursores do mestre; examina, em suas particularidades, as manifestações de Hydesville, o que quer dizer, "o início do Espiritismo"; vive a missão do reformador, "cheia de tropeços e perigos"; revive, em síntese magnífica, as características do Espiritismo; defende a vida e a obra de Allan Kardec, contra as arremetidas do clero, que dia a dia perde domínio sobre as massas populares.

Mas Carlos Imbassahy, escrevendo "A Missão de Allan Kardec", não se limitou a uma reconstrução histórica, o que seria, sem dúvida, trabalho meritório e digno de louvores. Foi além: fez obra de ensaísta, honrando a literatura espírita.

Allan Kardec se inscreve, sem favor algum, entre os grandes benfeitores da humanidade, e neste momento, com redobradas razões, o seu nome será invocado em todo o universo como o gênio do Espiritismo, porque, como já disse pelo jornal "MUNDO ESPÍRITA", "se deve a Allan Kardec a sistematização do Espiritismo, em forma clara e precisa. Não se prendeu, porém, a coordenar, colecionar e compor os fenômenos espíritas. Pois instituiu uma teoria completamente nova da vida humana e seu destino, a qual encerra toda idéia de progresso e de evolução, e a única que explica, racional e coerentemente, a diversidade de condições psicológicas, morais e sociais nos indivíduos. O Espiritismo influi poderosa e

decisivamente na ordem moral, no sentido de orientar o homem para o bem; e na ordem civil para tornar efetivos os sagrados direitos da humanidade que aspira o reinado da fraternidade. Por isso mesmo Allan Kardec ocupa, na história da ascensão humana, um lugar de excepcional relevo. Será sempre lembrado, como um dos vultos representativos da humanidade, por ter posto ao alcance de todo o mundo, com lucidez e perfeição, o condão da salvação, pelo progresso eterno das almas, através das vidas sucessivas. Sua doutrina — o Espiritismo — operou, como ele previa, "uma revolução completa nas idéias e nas crenças".

Razão porque sua obra se tornou imperecível, alcançando rápida propagação e aceitação, — "neutralizando o efeito das doutrinas subversivas da ordem social, no reconduzir os homens aos sentimentos de seus deveres recíprocos".

É "A Missão de Allan Kardec", valiosa contribuição às apoteoses do primeiro centenário do "Livro dos Espíritos",(*) destinada a ser compulsada com proveito por todos aqueles que se interessam pelos magnos problemas do espírito. Carlos Imbassahy tem a virtude do escritor de bom quilate, seguro no escrever, firme na argumentação, paciente no revide à capciosa crítica do adversário, e profundo conhecedor da vida e da obra de Allan Kardec.

É trabalho de mestre.

Francisco Raitani

(*) A 1.ª edição desta obra veio à público em 1957. — Nota do revisor.

Prefácio à 2.ª edição

CARLOS IMBASSAHY é figura ímpar no cenário cultural espírita do Brasil, constituindo constelação em que figuram estrelas de igual grandeza como Deolindo Amorim, Herculano Pires e outros.

A 1.ª edição deste livro teve a prefaciá-la a pena ilustre do jurista e confrade Francisco Raitani.

O Dr. CARLOS IMBASSAHY, além de escritor nato, que a doutrina da reencarnação bem explica, foi também notável polemista, filósofo, sociólogo e divulgador espírita, cultura polimórfica que as suas obras testificam.

A análise que se possa fazer de qualquer de seus trabalhos, além do acervo cultural que fica evidente e inegável, mostra ainda outra fase singular de sua vida, como seja a capacidade de pesquisar, discernir e demonstrar, com simplicidade, mesmo as questões mais complexas.

Além desse humanismo, ressaltava nele a invulgar capacidade de servir ao homem.

Ao par disso, era vasto seu conhecimento da obra do codificador.

Seu trabalho, neste livro que agora sai à lume, em 2.ª edição, conjunta das Federações Espíritas dos Estados do Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e das Uniões das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo e do Estado do Rio de Janeiro, é um preito de saudades e louvor a quem tanto fez pela grandeza do Espiritismo, como discípulo fiel da obra de Allan Kardec.

Walter do Amaral

PARTE I

OS PRECURSORES

A alma, seguindo a lei de evolução que rege os corpos, se vem desenvolvendo através dos reinos da natureza e através dos séculos até chegar à nossa espécie.

Ela traz, portanto, ao entrar na vida humana, resíduos milenários, e daí a selvageria, o egoísmo, a fereza, os sentimentos inferiores que parecem constituir os caracteres da grande maioria dos seres.

Para acelerar o nosso progresso espiritual vem o Criador enviando ao Planeta os seus Instrutores e eles nos comunicam as leis divinas, que são a pauta de nossa conduta, que são os ensinos que nos devem encaminhar ao Bem e aos bons sentimentos.

O Bramanismo, cujas raízes se perdem no tempo, recomenda aos homens a coragem moral, a sabedoria, o amor às criaturas, o sacrifício, a retidão, a austeridade.

No Prasada se atribui a Krishna as máximas que estabelecem a moral dos povos; elas nos dizem que o orgulho, a avareza, a crueldade, a cólera, o tédio, as paixões vergonhosas, os vícios tornam o homem desprezível.

Zoroastro, há muitos séculos, fundava na Pérsia, uma religião digna de respeito.

Jeremias toma a defesa dos oprimidos, clama pela paz, prega contra a tirania, a veniaga, o assassínio, os maus costumes. Deixa ao Mundo uma grande lição e um grande exemplo. Era um homem que chorava, como choram todos aqueles que percebem as fraquezas do povo, a falência da humanidade.

Buda, 600 anos antes de Cristo, apresenta uma religião fundada na misericórdia, no bem, na instrução, no desprendimento, no altruísmo, na mansidão, no respeito mútuo, na fraternidade, na ausência de desejos e paixões.

Recomendava a ação reta, a existência reta, a linguagem reta, a aplicação reta, o pensamento reto, a meditação reta.

Em síntese, era o não pequeis por pensamentos, palavras e obras. Por toda parte aconselhava e repetia a máxima bramânica — Sede como o sândalo que perfuma o machado que o corta.

No Oriente, fulgiram três grandes estrelas: Lau-Tseu, Mêncio e Confúcio.

Lau-Tseu apresenta o *Livro da Razão Suprema* e estabelece os princípios morais que os dois astros, mais tarde, espalham e desenvolvem.

Mêncio ou Meng-Tseu, em seu *Tratado de Moral*, aponta aos homens a sua verdadeira conduta.

Confúcio resume o seu longo ensino na frase — Não faças aos outros o que não queres que te façam.

Detenhamo-nos agora, nos dois gigantes nascidos naquele país onde floresceu o gênio antigo, onde a Literatura, a Arte, a Filosofia, a Política foram de uma ousadia que ainda causa admiração aos séculos que se seguiram.

Dir-se-iam os precursores do Cristianismo e as suas idéias se ajustam às que nos trazem os Espíritos, hoje englobadas na obra imorredoura de Allan Kardec.

Foram eles: Sócrates e Platão. Sócrates deixa a Platão a sua filosofia:

O homem é uma alma encarnada. Existe antes de tomar um corpo na Terra, à qual deseja voltar. Não é no corpo, porém, que encontramos a verdade; nele estamos sempre cheios de desejos, apetites, temores, ambições, quimeras, frivolidades.

A alma impura vive presa ao Mundo e persevera no mal. São longos e numerosos os períodos da vida. Só os bons podem esperar tranqüilamente a passagem deste plano a outro plano, ou seja a passagem da morte. A maior infelicidade é conservar a alma cheia de pecados.

Mais vale receber uma injúria que cometê-la. Devemos ser homens de bem. O bem é que eleva o homem. Não se deve fazer mal algum por muito mal que nos façam.

A árvore se conhece pelo fruto.

Como o Cristo, já Sócrates falava no perigo das riquezas.

— Pouco valem as preces — ensinava ele — se a alma não é virtuosa. E não é virtuoso aquele que prefere os prazeres do corpo às belezas da alma. É o amor que ornamenta a natureza e é o amor que dá paz aos homens. O amor e a dor contribuem para o progresso.

Costumamos ver os erros alheios, esquecendo os nossos. E o homem, na sua existência, espalha mais o mal que o bem.

Será sábio não supor saber o que não sabe.

A vida de Sócrates foi um apostolado. Conhece-te a ti mesmo — aconselhava sempre. É o *nosce te ipsum* de que os romanos fizeram uma divisa. É preciso conhecer — dizia ele. — O conhecimento nos leva ao caminho da verdade.

Conhecemos a vida e os ensinos de Sócrates pelos Diálogos de Platão e Xenofonte. Viveu ensinando e morreu pelos seus ensinos. Foi vítima da ignorância e da maldade humana. Os fanáticos não poderiam compreendê-lo, como, ainda hoje, muitos não compreendem os princípios de lógica nem a lógica dos princípios que os Arautos do Senhor nos trazem.

Teve a sorte de quase todos os que se destacam da craveira comum e procuram no bem, pelo bem e nos ensinos do bem, a felicidade de seus semelhantes.

Fizeram-no morrer. Mas achanou com o seu trabalho, o seu esforço, as suas penas e o seu sangue, o caminho que estamos palmilhando.

Finalmente o Cristo. Este legou à humanidade um Evangelho de paz, de harmonia, de perdão, de amor. Sua maior máxima era um resumo de toda a sua pregação messiânica — Amai-vos uns aos outros.

E para Ele os apodos, o opróbrio, o flagício, o açoite, os espinhos, a cruz.

* * *

A IMPERIOSA NECESSIDADE DO ADVENTO ESPIRITUAL

A palavra de Deus estava esquecida, se é que se tornou lembrada alguma vez. Foi quando chegou a época em que era preciso abalar a consciência humana por meios persuasivos, pela força da prova.

A Ciência tinha aberto profundos sulcos nos espíritos e por esses sulcos a fé, sem base segura, sem lógica esclarecedora, se ia escoando, e deixava secos esses veios por onde antes corria a seiva da crença.

Apresentava-se diante da Psicologia o quadro do nosso Nordeste, quando sobrevêm as grandes estiagens. Rios, mais ou menos caudalosos que, com suas águas fertilizantes, regavam grandes tratos de terra, que banhavam as cidades, que levavam a vida a toda parte, agora se mostram com seus leitos vazios, exangues, nus, dando àquela região o mais terrível aspecto da desolação e da miséria.

Assim seria o espírito quando dele retirassem a idéia de Deus, idéia que é a linfa vivificante, e que o progresso científico faria certamente estiolar, se a Providência não nos socorresse imediatamente com o remédio salvador.

Mas aquela idéia ia empalidecendo à proporção que os processos de investigação iam ganhando vulto. A Ciência estabelecia leis para os fenômenos. O Universo aparecia-nos com o seu mecanismo devidamente estudado e devidamente firmado. Já não era presidido pela vontade arbitrária de Deus; já não haviam milagres; já não era Júpiter tonante quem preparava os trovões; os cataclismos não mais significavam a cólera divina e o desejo de oblatas e imolações; já os nossos destinos, já os fatos naturais, já a atividade cósmica não dependiam dos desejos ou dos caprichos inexplicáveis do Onipotente.

Tudo passava ao império formidável da *Lei*. Pesquisavam-se as causas e descobriam-se os efeitos. Verificava-se porque os astros se moviam; perscrutava-se a gênese das molés-

tias; sondava-se a origem dos abalos telúricos, das avalanches, das enchentes, das inundações, das nevadas, dos temporais... Os descobrimentos mostravam o crescente valor da matéria, à proporção que iam fugindo os vestígios do espírito.

Não o viam no corpo os anatomistas; não o percebiam os biologistas; não o explicavam os filósofos. E a Psicologia, da qual tudo se esperava, mancomunada com as demais disciplinas, entrava a vislumbrar nas ações psíquicas a influência somática.

Era o completo desbarato das religiões, impotentes diante do avanço do progresso material, desmoralizadas diante da ruína das realizações morais.

De fato, elas tinham sido incapazes de dominar as paixões humanas, para conter-lhes os ímpetos de animalidade, para trazer ao coração do indivíduo o amor que pregavam.

Os grandes Missionários vinham ao Mundo com a palavra de Deus; tal era a sublimidade e a grandeza da Missão, tais os sacrifícios que dela dimanavam; por tal forma a criatura investida do excelso mandato se identificava com o Criador, na Idéia, que o verbo se fazia carne. Daí, talvez, os versículos de João:

"No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus... E o Verbo se fez Carne e habitou entre nós..."

Mas o calor do Verbo se apagava ao contato dos seres humanos, sempre cheios de egoísmo, de revoltas, de ambições, de fereza, de maldades. E não só desobedeciam aos Preceptores como os imolavam.

Os vícios costumavam trazer a ruína do corpo e da alma. Corruptores e corrompidos, para todos a virtude era motivo de irrisão. Diante de um gozo terreno, atascavam-se nas maiores vilezas. Tinham pela liberdade, pela honra e pela vida alheia, a maior indiferença, senão o maior desprezo. Adoravam a si próprios, e a Deus, quando muito, em imagem.

Em vez da paz, supremo escopo de todas essas mensagens baixadas do Espaço à Terra, o que imperava era o sentimento bélico; o que vinha constantemente à tona eram as lavas, encobertas até o momento de explodirem, era o facho de Belona rarissimamente apagado, eram os povos a se trucidarem, a se matarem, a se aniquilarem, com uma impiedade assombrosa, fazendo os homens que os animais os invejassem na sua selvageria, na sua truculência, na sua perversidade.

Em nome das próprias seitas e dos seus Ministros, viviam os seres em perpétua hostilidade. As lutas entre sarracenos e cristãos ensangüentaram as terras da Europa, Ásia e África. A bandeira do Cristo, nas mãos de católicos e pro-

testantes, trouxe à Europa, durante vários séculos, a inquietação, a ruína, a devastação, o sangue, o luto, a morte.

Em nome do Cristo acenderam-se as fogueiras da Inquisição, em que uns por serem judeus, outros por serem doentes, outros por serem sábios e outros por simples e infundadas denúncias, iam expiar nas labaredas, crimes que não tinham cometido, doenças de que não tinham culpa, idéias que não supunham ser pecado; e expiravam, depois dos atrozes suplícios a que eram submetidos.

Levavam-nos à pira em solenes procissões, por vezes com feições carnavalescas; havia rezas e cantos sacros, tendo os condenados sempre diante do rosto o crucifixo, e era com o crucifixo à vista, que padeciam as mais terríveis dores físicas e morais.

Não admira que os verdugos preparassem essa falange de cépticos, que hoje habitam o planeta; as antigas vítimas levavam para o Além uma triste e dolorosa lembrança do Divino Mestre e com ela voltavam à Terra.

Os vivos, pelos exemplos por eles deixados; os mortos, com a lembrança das torturas experimentadas e a que associavam a efígie do Cristo, voltando à carne, viriam com aquela imagem, que era a da bondade, a do perdão, tendo a amargura incrustada n'alma, e só o tempo poderia fazer que o Nazareno tornasse aos corações dos mártires.

Em nome de Jesus proscreveram o indulto, a justiça, a lealdade, a benignidade. E então cometeram-se as maiores perfídias, como a da noite de S. Bartolomeu; as maiores insânias como a das Cruzadas; as maiores crueldades como o extermínio dos cátaros e dos albigenses; a maior infâmia como a Inquisição; as maiores expoliações, como o confisco dos bens das vítimas; como o sacrifício dos índios do Pacífico, vencidos, roubados e assassinados.

Em nome de Deus, procurava-se prender o vôo do Progresso, fazer calar a voz do conhecimento, emudecer a razão, e daí a retratação de Galileu, os sustos de Copérnico.

"Quando a influência de Averrhoes levantou na Espanha um grande movimento, que envolvia as ciências conhecidas, como a Astronomia, a Matemática, a Cosmografia, a Hidrostática, a Óptica, a Química, a Medicina, a Literatura, logo a Inquisição se ergueu para abafá-la".

O Cardeal Ximenes destrói, solenemente, em praça pública, oito mil manuscritos de grande importância histórica; Torquemada incinera as bíblias hebraicas e faz queimar em Salamanca mais de seis mil volumes de literatura oriental.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA DO PARANÁ
BIBLIOTECA

Quando Cristóvão Colombo se lembrou de viajar para a Índia, pelo Atlântico, esbarrou nos princípios teológicos, que condenavam essa viagem, por estar em flagrante oposição às profecias, aos salmos, ao Pentateuco, a S. Basílio, a Santo Ambrósio, a Santo Agostinho, a S. Jerônimo, a quanto santo e a quanto Padre da Igreja por aí havia.

Giordano Bruno publicou a teoria da pluralidade dos mundos, sem lembrar-se que isto iria golpear a Gênese, e este seu descuido fê-lo perecer numa fogueira purificadora, em Roma, no ano de N.S. Jesus Cristo, aos 16 de fevereiro de 1600.

Descobrir qualquer coisa que, implícita ou explicitamente, entrasse em desacordo com a Sagrada Escritura, ou seja com a Palavra de Deus, que ninguém sabia quem a ouviu ou como nô-la foi transmitida, era ter, como certa, a cremação em praça pública, para escarmento dos hereges.

Havia um guerreiro sanguinário, de notável ferocidade. Rezam as crônicas que, jovem ainda, gostava de beber e brigar. No cerco de Pamplona cometeu iniqüidades incríveis. Mas o energúmeno quebrou uma perna e se deu, então, a leituras sacras. Passou a ter visões; apareceu-lhe o diabo, o que não seria de admirar. O espantoso é que fosse ele substituído por Maria, mãe do Cristo e depois pelo próprio Cristo.

Fez-se mendigo, anacoreta, e fundou uma sociedade misteriosa para a propagação da fé. Esse homem se chamou Inácio de Loiola.

O que foi a Companhia de Jesus, a tal sociedade, todos o sabem. Era a conversão pela opressão, pela espada, pela violência, sob qualquer forma, pela traição, pelo punhal, pelo veneno, pela fogueira.

A terrível Companhia foi uma das fontes da civilização ocidental — dizem historiadores conscienciosos, e segundo Schwill *(Political History of Modern Europe)* as benesses desse progresso estenderam-se à Índia, ao Japão, à China e aos íncolas americanos.

Pedro Tarsier nos diz que Romanismo e Jesuitismo se confundem com ligeiras diferenças: "A Igreja de Roma matava às claras; o jesuitismo às escondidas; Roma assassinava na sua credulidade; o jesuitismo com hipocrisia e com dolo..."

A Igreja Protestante não tem sido menos intolerante. Calvino manda matar Miguel Servet. Não escapou à fogueira Baltazar Hubmaier, filiado em Zurich à Igreja de Zvinglio, da qual se desaveio. Sua mulher foi lançada ao Danúbio, e aí pereceu afogada.

Na Segunda Dieta de Spira os católicos uniram-se aos protestantes e exterminaram os anabatistas. Na Inglaterra, os anglicanos baniam ou queimavam os não conformistas. Em muitos pontos eram os batistas as vítimas.

Se os católicos queimavam por um lado, os protestantes queimavam pelo outro. O ponto era terem na mão o bonifrate real, que se supunha o soberano.

Maurice Magre *(Porquoi je suis budiste)* dizia-nos que era fácil saber quando se tinha instalado na América a civilização cristã, pelos seus suplícios e suas piras.

E o pensador, estarrecido diante desse oceano de maldades, desse pélago assustador da ignorância e da estupidez humanas, começava a descrer da bondade divina e até mesmo da existência da Divindade.

As desordens planetárias; as agrestias da natureza; os flagelos; a luta ininterrupta entre os seres de qualquer espécie; a carnificina entre os homens, e entre homens e animais, levou certo filósofo a afirmar — *le monde est un éternel carnage;* tudo isto e mais a estultícia de par com a desonestidade; a obstinação no mal e as dores que suportamos, ou que suportam, principalmente, os inocentes, eram o mais profundo desmentido aos predicados emprestados a Deus: onisciente, fez um mundo errado; onipresente, lugares havia onde não lhe era dado ingressar; onipotente, não tinha o poder de reformar as criaturas; sendo a bondade infinita, criava um orbe das mais pungentes agonias... Um Deus capaz de fabricar esta morada, onde uns tinham o quinhão da miséria, do sofrimento, das lágrimas, das angústias, e outros o da higidez, da fortuna, do poder; a existência de uma humanidade dividida em duas porções, a dos que sofrem e a dos que fazem sofrer; em que a iniqüidade, a injustiça e a ferocidade eram recompensadas com o fausto, a força e a glória; em que os Tamerlães e os Gengis-Kans, depois de passarem por milhares de cadáveres, depois de assolarem as nações, depois de fazerem obeliscos de crânios humanos e darem os filhos dos vencidos para que os filhos dos vencedores os matassem, iam repousar os cansados braços homicidas em leitos de prazer, e terminavam os seus dias cobertos de louros, de hinos e de flores; um mundo assim, sem luz que nos esclarecesse, desmentia por certo a obra do Criador.

No próprio Livro Sagrado contavam-se como grandes façanhas, como louváveis heroicidades os mais pavorosos morticínios, as mais degradantes cenas e se dava aquilo como ordenado por Jeová, que premiava os matadores ou assistia, indiferente, aos mais hediondos espetáculos.

Um Deus dessa ordem havia de ir mirrando perante a fé dos que começavam a abrir os olhos aos clarões da Filosofia, e diante dos que iam entrevendo a verdade através da Ciência.

E isto seria o Ateísmo.

Foi neste período crítico para a Humanidade que surgiram os chamados fenômenos de Hydesville, os quais vinham, "depois de procelosa tempestade", trazer essa manhã de claridade e de luz, aurora de um mundo novo, que tanto empenho se faz em encobrir.

Era o rebate.

Os fenômenos despertaram a atenção das criaturas; de pequena aldeia se estendia por toda a parte, atravessava os mares e vinha dar no Velho Continente o testemunho da imortalidade e da justiça na Criação.

* * *

HYDESVILLE

É conveniente estendermo-nos um pouco nas manifestações de Hydesville, porque elas marcam o início do moderno Espiritismo. Nos tempos antigos não havia, propriamente, Espiritismo, que é um corpo de doutrina originado pelas manifestações dos Espíritos, senão simples fenômenos, embora fartamente descritos em várias obras, mas pouco estudados alguns, imperfeitamente registrados outros, e muitos mesclados de fatos lendários ou superstições.

Hydesville ficava perto da cidade de Rochester, nos Estados Unidos da América. Ali morava a família Fox, composta de três filhas, duas das quais viviam com os pais; os Fox se estabeleceram na casa desde 1847.

Já a história registrava os fenômenos que os ínscios e sectários atribuem a invenção e fraude da família.

José Glanvil, na sua obra Saducismus Triumphatus, relatava fatos semelhantes. Outros idênticos não passaram despercebidos a Mompesson em Tedworth e a Melanchton em Oppenheim. Os fastos da antiguidade estão refertos de assombrações, casas infestadas, ruídos, baques, arrastamentos...

A casa já tinha reputação duvidosa. Antigos moradores resolveram retirar-se repentinamente, sem maiores explicações.

É que havia ali uns batimentos misteriosos.

As pancadas ou *raps* começaram em 1848; depois ouvia-se o arrastar de cadeiras. Com o tempo os fenômenos tornaram-se mais complexos: tudo estremecia, os objetos se deslocavam, havia uma erupção de sons fortes.

Duele idealizou, então, o alfabeto para poderem traduzir as pancadas e compreenderam o que dizia o invisível.

Alarma-se a família, vêm os parentes, acorrem os vizinhos, curiosos enchem a casa. Em breve, toda a localidade comentava os acontecimentos.

As meninas eram protestantes; pertenciam à Igreja Metodista; pela crença que lhes ministravam supunham ter tra-

to com o demônio e chamavam o batedor de Mr. *Splitfoot*, pé fendido, que corresponde a pé de bode. Alarmadas, pediam ao Invisível que se retirasse.

Mas o batedor declarou-se um falecido; chamara-se Charles Rosma; fora evndedor ambulante e, hospedado pelo casal Bell, ali o assassinaram para roubar-lhe a mercadoria e quinhentos dólares que trazia, e o enterraram na adega.

Deram busca no local indicado e aí encontraram tábuas, alcatrão, cal, cabelos, ossos, utensílios de um bufarinheiro. As pesquisas foram efetuadas por Bush Granger e David Fox.

Uma criada dos Bells, Lucrécia Pelver, declarou que viu o vendedor e o descreve; diz como ele chegara a casa e refere o seu misterioso desaparecimento. Uma vez, descendo à adega, seu pé enterrou-se num buraco, e como falasse isto ao patrão, ele explicou que deviam ser ratos; e foi apressadamente fazer os necessários reparos. Ela vira nas mãos dos patrões objetos da caixa do ambulante.

O seu longo depoimento mostra que um rapaz entrara na casa com seus objetos de venda, que muitos estavam no poder dos Bells, que existia indícios suspeitos na adega e que o vendedor desaparecera sem se saber como.

Finalmente, passados 56 anos, ruiu uma parede da casa, e crianças que ali brincavam descobriram um esqueleto. Os Bells, para maior segurança, tinham emparedado o corpo. A descrição completa do fato se acha no número do *Boston Journal*, de 23 de novembro de 1904. Essas descobertas — diz Conan Doyle — fecharam a questão para sempre e provam, de forma concludente, que foi cometido um crime na casa. "*These descoveries settle the question for ever and prove conclusively a crime committed in the house*".

Dada a grande perturbação em que vivia a família, transportaram-se todos para a casa da irmã mais velha, de nome Lea. Os ruídos continuaram. Mais de 300 pessoas presenciaram o fenômeno de uma só vez. Já a dona da casa se via privada de continuar suas lições de piano; ninguém tinha mais tranqüilidade. A Sra. Fox ficou em uma semana de cabelos brancos.

Em outras casas, onde os moradores eram inteiramente alheios ao movimento e até contrários a ele, como na do Pastor Jervis, também começaram as pancadas a se fazerem ouvir.

A Igreja excomungou as meninas como pactuantes com o demônio.

Concluiu-se que se tratava de uma alucinação coletiva. Os pósteros incumbiram-se de descobrir causas mais enge-

nhosas, como de maçãs presas aos pés da moça e estalos nos artelhos, coisa que ninguém vira ou ouvira, apesar das pesquisas inquisitoriais que então se fizeram.

Margarida casara com um fanático que vivia a assombrá-la com Satã e o Inferno. Mais tarde ficaram as irmãs em insustentável situação econômica. Foi quando aproveitaram o momento, que outro não poderia aparecer melhor, e explorando, não só as dificuldades em que viviam, como ainda reforçando as ameaças das penas eternas por aquele nefando pecado, ofereceram-lhes grandes recompensas e lhes fizeram enviscadoras promessas, se elas confessassem o embuste das pancadas.

As meninas não resistiram.

Incapazes de compreender a alta missão que lhes fora confiada, caíram na armadilha e retrataram-se. A extorquida confissão pouco aproveitou, porque, para logo se arrependeram e declararam que haviam falseado a verdade; a confissão lhes fora arrancada com vãs promessas.

A retratação foi publicada na época. Consta da Light, e do jornal americano, *New York Press*, em 20 de novembro de 1889.

Como, porém, a lealdade e a sinceridade não são requisitos dos espíritos apaixonados, ainda hoje, quando se quer denegrir a fonte do moderno Espiritismo, vem à baila a confissão das moças. Na retratação não se toca, ou quando se toca é para mostrar que não há no que confiar. Os pormenores ficam de lado.

Mas o caso é que se nomearam comissões de investigação, qual a qual mais terrível. A primeira compunha-se de cinco membros, acatados, insuspeitos e cépticos. Era tal a certeza do desmascaramento que o *Rochester Democrat* preparou, para não perder tempo, um artigo cheio de boas piadas e que, necessariamente, muito iria fazer rir, com o título "*Entire exposure of the rapping humbug*" (Completo desmascaramento da velhacaria das pancadas).

Mas os cinco, contra a expectativa geral e as jocosas previsões do periódico, declararam que os *raps* não provinham das moças, senão das paredes e pontos distantes, sem que fosse possível descobrir a procedência humana ou qualquer indício de fraude.

Houve grande tumulto, perdeu-se o artigo humorístico e foi nomeada nova comissão mais severa, mais céptica, com peritos em matéria de velhacaria e trapaças. Esta segunda comissão, depois de investigação longa e minuciosa, concluiu ainda pela ausência de fraude.

Nova celeuma. Reclama-se gente que tenha desmedida energia. Forma-se uma terceira comissão, para a qual são escolhidos os mais apaixonados opositores. Um deles declarou, solenemente, que se atiraria às quedas do Genesee se não apanhasse o truque.

O exame das moças atingiu, então, as raias da brutalidade: foram isoladas, puseram-nas diante de espelhos; pesquisadoras femininas despiram-nas, inspecionaram-nas, e ainda as amarraram, selaram... Olheiros e escutas tinham olhos e ouvidos sobre elas; vários argos rondavam a casa. E os fenômenos se foram reproduzindo sem que se pudesse apanhar a maroteira. Ouviam-se bateduras pelo chão, pelas paredes, pelo teto, pelos aposentos vizinhos, em lugares onde elas não estavam. Não houve jeito de descobrir a burla. Muito desapontada, a comissão rendeu-se à evidência e confessou a inexistência de qualquer processo fraudulento. Os fatos eram absolutamente verídicos.

Nova e violenta algazarra. Desta vez quiseram linchar as moças, o que não levaram a efeito pela corajosa intervenção de alguns heróis.

No salão onde se achavam, tiveram que sair às escondidas. Conta-nos Conan Doyle: — *There was a disgraceful riot, the young women were smuggled out by a back door and reason and justice were for the moment cloud over by force and fooly*". — "Houve um vergonhoso tumulto e as meninas foram conduzidas furtivamente para uma porta dos fundos; no momento, a razão e a justiça ficaram empanadas pela força e pela insânia".

Quando se desencadeia uma campanha contra o Espiritismo surgem os estafados e risíveis ataques, onde se fala na marosca das irmãs Fox. Quem conhece, porém, a história das pancadas de Hydesville e o drama de que elas foram vítimas; quem sabe da complexidade dos fenômenos; da fiscalização exercida, dos testemunhos existentes, do valor dos depoentes, do empenho em se demonstrar a intrujice, da intervenção dos cientistas, da atmosfera de animosidade contra as meninas e contra a família, ficará abismado com a pervicácia dos detratores.

Sobre estas experiências diz o já citado historiador, que seria difícil fossem mais severamente examinadas:

"*It is difficul to see how the alleged facts could have been more severily tested (The History of Spiritualism).*

Convém acrescentar que as meninas tinham, uma 11 anos, e a outra 14, e ninguém, a não ser um opositor sistemático, compreenderá como jovens inexperientes e simples po-

deriam enganar os vizinhos, as visitas, as multidões que iam vê-las, as comissões, os peritos, os adversários, os cientistas, e os aparelhos empregados no exame. As pancadas respondiam até às perguntas mentais.

Em Rochester, no ano de 1850, dois corpos de investigadores, sendo elas as médiuns, receberam, em lugares separados, mensagens idênticas e de altíssimo teor, assinadas por Benjamim Franklin.

Submeteram-se à investigação de William Crookes, num aposento em que havia o experimentador, sua mulher e a médium; puseram um lápis e papel em pequena mesa; mão luminosa aparece no espaço, vinda do alto, toma do lápis e escreve rapidamente.

Horace Greely, candidato ao governo americano, testemunha diversos fatos.

Butlerof e Aksakof visitam a médium, e o primeiro escreve:

"De tudo o que observei sou forçado a concluir que os fenômenos peculiares a essa médium são de forte e convincente natureza objetiva o de molde a fazer que um céptico ponha imediatamente de lado qualquer explicação artificial do fato". (*Spiritualist*, 4-2-1876).

S.C. Hall, conhecido literato, descreve uma sessão em sua casa, onde se manifesta a falecida esposa e declara na *Light*, 1882, p. 239:

— Observei os mais belos fenômenos. — E o Professor Stack, que o acompanhava, acrescenta: — Duvido que tenha visto algo mais convincente — *I — doubt if I have seen any more convincing than this.*

Colleman assegurou que recebera uma das mais evidentes provas de identificação de Espíritos.

Capron, numa conferência, teve a coragem de afirmar, diante de grande assistência, que os fenômenos eram autênticos.

Cromwell Varley, o genial eletricista inglês, num relatório apresentado à Sociedade Dialética de Londres, em 1869, falou sobre as experiências, afirmando que foram admiráveis e de impecável fiscalização.

Livermore, banqueiro americano, assegurou: — É uma extraordinária sensitiva; durante dez anos vi fatos de tal ordem que me sinto em dívida de gratidão para com ela.

Poderíamos, ainda, acrescentar os depoimentos de vultos eminentes, como os do Reverendo Griswold, do romancista Fenimore Cooper, do historiador Bancroft, do Reverendo Dr.

Hawks, do Dr. J.W. Francis, do Dr. Marcy, dos poetas Willy e Bryant, do General Lyman, do jornalista Bigelow.

Dificilmente se encontraria um rol mais valioso de testemunhas.

Chegara o momento preciso em que era necessário chamar a atenção deste mundo para os mistérios do outro. Nova era começava em que os homens se deviam encaminhar para a harmonia e para a paz. Foi o que declararam os Espíritos ao governador Tellmadge, quando indagou a razão daqueles ruídos e ao que eles vinham.

— Nosso desejo — lhe responderam — é que a humanidade viva em harmonia e que os cépticos se convençam da imortalidade da alma.

Não se compreendia bem o que eram aqueles fenômenos, ou ao que vinham eles. O grande papel que o Espiritismo tinha que representar não estava bem definido, apesar do aviso dado pelos primeiros batedores. Era preciso por em ordem as diversas peças esparsas, dar-lhe um sentido, explicá-las, trazer o lampadário que iria esclarecer o grande movimento que despontava à face do mundo, que iria transformar esse mundo de dores em mundo de esperanças.

Foi quando Allan Kardec apareceu no grande cenário espiritual.

* * *

PESTALOZZI

Não podemos deixar, preliminarmente, de dedicar algumas linhas a esse genial professor e grande amigo de Allan Kardec.

Pestalozzi nasceu em 1746. Sua dedicação ao ensino e, sobretudo, ao ensino dos pobres, dedicação que transmitiu a seu dileto discípulo, mereceu-lhe o título de Pai da escola do povo. Seu ideal era instruir a humanidade, certo de que essa instrução a havia de regenerar.

A existência do grande pedagogo foi de sofrimentos e sacrifícios.

Tinha um filho a quem adorava. Para dar o exemplo da democracia e da bondade, colocou-o, como aluno, entre os pobres de sua Escola, os quais havia recolhido em Neuhof, no ano de 1775.

Procurou também reunir numa herdade, abandonados ou vagabundos, a fim de educá-los e alimentá-los. E assim, com a alimentação, dava-lhes trabalho e estudo. Como se espantassem com os gastos que estavam fazendo, replicou:

— Para servir aos nossos concidadãos não devemos restringir nossas necessidades pessoais? Com alegria beberei água simples para dar às crianças pobres o leite de que necessitam.

Em pouco tempo teve que fechar a escola por falta de recursos.

Dedicou-se a obras de Pedagogia durante 18 anos; e essas obras lhe deram grande renome.

Em 1798 abriu o Orfanato de Stans, onde educou 80 crianças; dirigiu, depois, o Instituto de Burgdorf e, finalmente, em 1805, foi enviado a Iverdun, onde ficou instalado comodamente em um castelo.

Celebrizou-se a sua escola, e os alunos vinham de todas as partes. Mas teve grandes dissensões com seus colaboradores. Os protestantes não podiam admitir que ele tivesse

idéias diferentes das suas, que fosse possível qualquer divergência do catecismo. E Pestalozzi não parecia muito simpático ao mistério da Trindade e a outros mistérios escriturísticos. Para ele o maior dos homens era Jesus. E só.

Este pouco, que era muito para os cristãos, desagradou a turma.

Em março de 1827 deixa Iverdun definitivamente.

Morreu pobre. Tudo o que tinha foi distribuído aos miseráveis, para quem viveu.

A vida se lhe extinguiu calma, serenamente. Vida de herói, morte de santo. E declarava, quase a exalar o último suspiro: — Perdôo aos meus inimigos, abençôo os meus amigos.

Pelos cordéis misteriosos do destino foi este o mestre, o preceptor, o amigo de Allan Kardec. Não precisávamos de mais para ter a certeza das leis de atração.

* * *

ALLAN KARDEC

Allan Kardec nasceu na cidade de Lyon, na França, a 3 de outubro de 1804, recebendo na pia batismal o nome de Hippolyte.

Seu pai se chamava Jean Baptiste Antoine Rivail. Seu nome era, pois, Hippolyte Léon Denizard Rivail.

Diz o Dr. Canuto Abreu, em interessante artigo publicado na revista "Santa Aliança", de fevereiro de 1956, que encontrara nos Arquivos do Espiritismo, antes de destruídos pelos alemães, quatro formas diferentes do nome Denizard.

Os companheiros do Mestre na *Société Parisiènne des Études Spirites* inverteram a ordem dos primeiros apelidos, escrevendo Léon-Hippolyte, em vez de Hippolyte-Léon.

Reportando-se à etimologia, conclui o nosso erudito patrício:

> "Segundo creio, o nome Denizard deriva da velha expressão latina Dionysos Ardenae, designativa de Deus Dyonísio, da Floresta de Ardenas. Dentro dessa imensa mata gaulesa que Júlio Cesar calculava em mais de 500 milhas, os Druidas celebravam as evocaçõees festivas do Deus Nacional da Gália, denominado Te-Te-Te, Altíssimo, representado por um carvalho secular.
>
> À sombra do carvalho divino os legionários romanos, após a derrota de Vercingetorix, ergueram a estátua do Deus Dionysius, também conhecido pelo nome de Bacchus, deus das selvas, das campinas, das uvas, dos trigais, amante da rusticidade e da liberdade. E, de conformidade com o costume dos conquistadores, inscreveram uma legenda latina ao pé do monumento. Supõe-se que rezava assim: Dionysio Rústico Eleuthero, com a significação de Dionísio campestre em liberdade".

O povo deturpou os nomes:

"Dionysius sofreu a evolução simplificativa Dionysio--Dionys-Denis. Ardenae, latinização de ard-nae, mata grande, simplificou-se em ard".

Com a introdução do Cristianismo, surgiram três santos, Denis, Rústico e Eleutério.

Alan Kardec foi consagrado a Denis-Ard, evocativo do Protetor Espiritual da França. O primeiro nome apresentado ao Maire foi o de Denizard.

Tal é o relato resumido do Dr. Canuto Abreu.

* * *

Os estudos de Kardec foram iniciados em Lyon, tendo-os completado em Iverdun, na Suíça, sob a direção do célebre e inesquecível Professor Pestalozzi.

Os seus detratores, entre outros defeitos que lhe apontam, costumam apresentá-lo como ignorante, confiados que a calúnia, ligeira brisa a princípio, como se diz no Barbeiro de Sevilha, converter-se-á em terrível vendaval.

Ora, o Mestre teve uma sólida instrução, servida por uma robusta inteligência. Ele conhecia o alemão, o inglês, o italiano, o espanhol, o holandês, sem falar na língua materna, e tinha grande cultura científica.

É fácil comprovar o nosso asserto, verificando-se a lista dos importantes trabalhos que publicou, tais como:

Plano para melhoramento da instrução pública, que deu a lume em 1828.

Em 1829, o Curso prático e teórico de Aritmética.

Em 1831, a Gramática Francesa Clássica.

Alguns anos mais tarde entregava à Livraria Acadêmica de Didier mais dois livros didáticos de grande valor: Soluções nacionais das questões e Problemas de Aritmética e Geometria.

Manual dos Exames para os títulos de capacidade.

Em 1846, Programa dos cursos usuais de Química, Física, Astronomia e Fisiologia.

Em 1848, Catecismo gramatical da língua francesa para os iniciantes do idioma.

E ainda:

Ditados especiais sobre as dificuldades ortográficas. Pontos para exames.

Ditados normais dos exames da Municipalidade de Sorbonne.

Alguns o apresentam como doutor em Medicina, e disto se aproveitou a crítica adversária para denegrir a memória do Codificador, acoimando-o de embusteiro.

Kardec nunca se fez passar por médico, sendo a sua profissão a de mestre-escola. O equívoco provém de que costumava curar os enfermos pelo hipnotismo e com aplicações de passes magnéticos.

Bacharelou-se, entretanto, em Ciências e Letras.

Além da sua obra científica e literária, há que acrescentar as da Codificação Espírita, que vinham abrir um caminho novo no campo da Filosofia. Assim é que ele publicou:

Em 18-4-1857 — O Livro dos Espíritos.

Em 1861 — O Livro dos Médiuns.

Em 1864 — O Evangelho segundo o Espiritismo.

Em 1865 — O Céu e Inferno ou a Justiça Divina segundo o Espiritismo.

Em 1868 — A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo.

Estas obras constituem o Pentateuco Espírita. A elas poderemos ainda acrescentar:

O que é o Espiritismo.

Introdução ao estudo da doutrina espírita.

Obras Póstumas.

Esta última fora publicada quase 21 anos após a desencarnação do mestre.

A Revue Spirite.

Fundou, ainda, a Société Parisiènne des Études Spirites.

Kardec exerceu, por muito tempo, o professorado, sendo conhecido como Le Professeur Rivail.

O EDUCADOR

Allan Kardec era o educador por excelência. Além das obras que publicou, traduziu várias outras, algumas de fundo moral como Telêmaco, de Fénelon, que verteu para o alemão, e comentou, o que lhe valeu os aplausos sinceros e calorosos de Pestalozzi.

O seu desprendimento por dinheiro, o seu desinteresse pelas coisas materiais, a sua dedicação ao ensino e o seu amor ao bem levaram-no a dar aulas gratuitas. E assim, durante seis anos, na sua casa à rua de Sèvres, ministrava ensinos de Química, Física, Anatomia, Astronomia e outras matérias.

Possuidor de um método original, procurava usar de meios mnemônicos, de forma a não cansar o estudante e fazê-lo aprender as lições com facilidade e rapidez.

Levando mais além a frase de Flammarion, quando dizia que Kardec era o bom senso encarnado, Virgílio Sobrinho (Allan Kardec educador e jornalista) escrevia:

"Conhecedor profundo da psique infantil, levava a escola aos moços não esperando que estes fossem procurá-la. Allan Kardec , realmente, era o senso pedagógico em sua mais bela perfeição.

As obras legadas aos homens esclarecidos prestam-se a esta assertiva. Nenhum dos seus livros foge ao crivo do raciocínio. Os volumes que deixou, como herança das mais caras aos livres pensadores, constituem-se em insigne escola, porque instruem e elevam o espírito às percepções da majestada divina. A lógica do pensamento é desenvolvida nos seus trabalhos. Por isto o conceito do pedagogo americano é muito bem ajustado: "A única coisa que a escola pode e deve fazer é desenvolver a aptidão para pensar". As palvras de Dewey ajustam-se muito bem à escola viva de Kardec. O pensamento, a investigação científica e a observação séria formam o laboratório mais perfeito para a reforma íntima do homem. E Kardec logrou isto nos seus escritos".

O HOMEM E SEU CARÁTER

Sobre Allan Kardec, como homem, e estudando o seu caráter adamantino, merecem lidas as páginas de Crysanto de Brito, escritor que, à sua extraordinária modéstia, aliava uma grande competência. Assim escrevia ele no seu livro — "Allan Kardec e o Espiritismo":

"Há duas fases na vida de Allan Kardec: — uma anterior à constituição do Espiritismo, mais material, conquanto já superior na ordem moral, outra inteiramente espiritual, em que, admitindo e aceitando a doutrina nascente, faz dela a preocupação constante do resto de sua vida.

"Todas as qualidades morais, que concorrem para formar o homem de bem, foram logo desabrochando no jovem Hipólito Rivail e constituíram sempre o fundo do seu caráter.

"Quando apareceu depois o grande movimento espírita de que foi diretor, era já um homem experimentado nas lutas da vida, contando já mais de cincoenta anos, mas sempre guiado por uma consciência reta. O Espiritismo não lhe veio trazer a transformação súbita do caráter. Não veio modificá-lo de chofre, dando-lhe imediatamente qualidades que não possuía. Já o encontrou formado. Apenas o lapidou. Era já um espírito evoluído, com um longo tirocínio de outras exis-

tências e de outras missões, perfeitamente aparelhado, portanto, para desempenhar a nova missão que trazia.

"Na vida a coragem nunca lhe faltou. Ele não desanimava nunca. A calma foi sempre uma das feições mais salientes do seu caráter. Ficando logo arruinado, perdendo toda sua pequena fortuna no começo da vida, sempre exercitou a caridade, e já casado com a mulher que foi, depois, incansável na propaganda de suas idéias, ele consegue, por meio de um obstinado labor, readquiri-la quase toda no ensino, escrevendo ao mesmo tempo trabalhos didáticos, fazendo traduções de obras estrangeiras, ou preparando a escrituração de estabelecimentos comerciais.

"E, ainda assim, não lhe faltava a coragem para fazer benefícios à mocidade pobre, abrindo cursos gratuitos de ciências e línguas. Era essa mesma coragem que ele devia mostrar mais tarde, no momento tempestuoso da formação da Doutrina, recebendo sempre, com a maior serenidade, sem nunca revidá-los, os ataques mais veementes dos adversários, a injustiça e as ingratidões dos amigos. As cartas anônimas, as traições, os insultos e a difamação sistemática, lembra Leymarie, um seu íntimo, no dia de seu passamento, perseguiam esse homem laborioso, esse gênio benfazejo, e lhe abriam, moralmente, feridas incuráveis. Tudo, porém, ele sabia perdoar.

"Nunca fugia às discussões, ao contrário, as desejava sempre, não por espírito de combatividade, pelo gosto da polêmica, mas para elucidar os assuntos. Nós queremos a luz, venha donde vier — dizia ele. Nunca procurava impor as suas opiniões. Discutia sempre lealmente e, naquilo que não constituía uma questão já resolvida pelos Espíritos numa concordância geral, os seus esclarecimentos eram mantidos como uma opinião meramente individual, eram emitidos, apenas, como sua maneira de ver. E sempre estava disposto a renunciá-la desde que ficasse demonstrado que estava em erro. Todos os homens podem enganar-se, dizia uma vez a Jobard, mas, se há grandeza em reconhecer os erros, há sempre baixeza em perseverar numa opinião que se repute falsa.

"Dessa ausência de orgulho provinha necessariamente a tolerância. Assim como não pretendia impor suas opiniões a ninguém, também respeitava a dos outros, inclusive as crenças. Sempre ele praticou o que alegou depois em 1868: — 'A tolerância, sendo uma conseqüência da moral espírita, impõe-nos o dever de respeitar todas as crenças. Não se atirando pedras em ninguém, desaparece o pretexto das represálias, ficando os dissidentes com a responsabilidade de suas

palavras e de seus atos. Se eu tiver razão os outros acabarão por pensar como eu, se eu não tiver razão, acabarei por pensar como os outros'.

"E essa tolerância, sendo um dos vestígios de sua elevação moral, não era somente aplicada nos atos da vida pública mas também nos atos da vida privada.

"De um humor às vezes alegre, era um *causeur* despreocupado, mas brilhante, tendo um talento especial, refere um seu biógrafo, para distrair os amigos e convidados, que os tinha sempre em casa, dando algumas vezes, certo encanto às reuniões.

"Quem contempla hoje um retrato de Allan Kardec não pode ter a idéia do que foi o seu caráter, não pode imaginar que naquela figura vigorosa, de fisionomia austera, aparentando uma rigidez exagerada de sentimentos, pouco disposta a perdoar faltas, se escondia uma alma tão boa, tão simples, tão generosa.

"O princípio, enfim, que constitui para o Espiritismo o fundamento de sua moral: — Fora da caridade não há salvação, pode-se garantir, foi sempre a sua bandeira. — 'Faço o bem quanto o permitem minhas condições', já dizia ele num antigo documento encontrado entre seus papéis, 'presto os serviços que posso, nunca os pobres foram enxotados de minha casa, nem tratados com dureza, antes são acolhidos com benevolência. Continuarei a fazer o bem que me for possível, mesmo aos meus inimigos, porque o ódio não me cega, estender-lhes-ei sempre as mãos para os arrancar aos precipícios, quando para isso se me oferecer ocasião".

Esta declaração que o Autor não publicou, encontra-se, entretanto, nas Obras Póstumas, que, como se sabe, foram escritos seus, compilados e publicados depois de sua morte.

* * *

Para macular-lhe a reputação, corre, entre os adversários do Espiritismo, uma falsidade, a de que Kardec foi despejado por falta de pagamento.

Esta contumélia será devidamente esclarecida na História que, sobre o Espiritismo e Allan Kardec, está compilando o mais erudito dos nossos escritores em tal assunto.

Devemos desde já adiantar que a balela se originou por haver um sócio seu, pouco ou mesmo nada escrupuloso, levado um estabelecimento à falência. Livre do sócio pela dissolução da firma, Kardec pagou, do seu bolso, e integralmente, todas as dívidas oriundas da velhacaria do outro.

Mas, despejo nenhum.

* * *

NOTAS DO DR. CANUTO ABREU

Vejamos umas notas que extraímos das admiráveis páginas que, sobre Allan Kardec, escreveu o Dr. Canuto Abreu, na revista *Metapsíquica*, de que foi fundador e diretor, nos seus números de agosto e outubro de 1936.

Vigorava em França, desde 1802, a Concordata imposta por Bonaparte a Pio VII. Mas, necessitando para seus planos da corrente católica, o corso tornou o romanismo religião do Estado.

> "O Cardeal Caprera que encaminhou as últimas demarches da Concordata escreveu a Pio VII: Não irritemos este homem; ele só é nosso apoio neste país, onde toda a gente está contra nós".

Transformado em instrumento político, pode o clero satisfazer a sua sede de vingança.

> "Não contente de impor ao povo um novo clericalismo, impos, ainda, em 1804, uma nova nobreza, a mais ambiciosa que já teve a França. Para que tudo se consumasse sem grandes clamores e sem críticas, era necessário tirar a liberdade de consciência e de instrução".

E ela foi retirada. A instrução foi reformada em favor do clero; volta o latim e o grego, suprimem-se os demais idiomas e ainda a Filosofia, a História, as Ciências Morais e Políticas.

Começou a reinar a intolerância, porque "é da essência da religião católica ser intolerante", na expressão do Cardeal Consalvi.

> "Em dez anos a França se tornou o país mais politicamente católico da Europa. As masmorras viviam cheias de pessoas que se haviam mostrado independentes

de consciência. Fora da França contavam-se por centenas os exilados".

O imperador arrancou de Pio VII nova concordata sob a alegação de que ia acabar com o Protestantismo até nas nações protestantes e precisava para isso maior extensão de poderes. E de fato:

> "O clero baixo, ao serviço da espionagem do Estado, exagerou a perseguição até o insuportável. O ano de 1814 foi terrível. O imperador, que havia ganho 50 batalhas, perdeu em Lípsia a última do seu Império...
>
> "O Catolicismo, sob a primeira restauração, recuperou a desejada independência, voltando a ser o que era antes de 89, com a agravante do ódio e da sede insopitável de vingança.
>
> "O Papa restabeleceu a sociedade dos Jesuítas. Operou-se a sublevação ultramontana que tomou o nome de terror branco. Hordas de fanáticos, insufladas pelo clero católico, passaram a ferro e a fogo o protestantismo e o filosofismo franceses. Em 15 de agosto, na cidade de Nimes, as mulheres católicas fizeram em homenagem a Nossa Senhora, uma passeada pelas ruas, arrastando mulheres protestantes despidas, pintadas, marcadas a ferro, e que foram depois entregues à violência de verdadeiros energúmenos".

A instrução passou para a mão dos jesuítas, a Escola Politécnica foi fechada; ao pé de cruzes armadas nas praças, queimavam-se as obras de Rousseau, dos enciclopedistas e principalmente as de Voltaire.

O professor tinha que ser sacerdote ou "redondamente clerical"; o aluno devia pertencer a família católica praticante.

As famílias liberais e abonadas mandavam educar os filhos fora do país. Foi nessa época que Allan Kardec foi enviado a Pestalozzi, em Iverdom, na Suíça.

O autor, a quem tomo estes dados, estende-se sobre Pestalozzi, "um sábio no verdadeiro sentido da palavra", "o maior pedagogo da Europa".

E além de sábio um altruísta, porque procurava ensinar aos que mais necessitavam de ensino: "Preferiu ir para o interior, a fim de ficar mais perto do povo... Sua reputação européia principiou com os trabalhos sobre a educação da plebe".

Rivail foi um dos mais queridos discípulos de Pestalozzi. Quando, em 1825, o sábio octogenário fechou o seu Instituto, Hippolyte estabeleceu à rua Sèvre n.º 35, um colégio no gênero dos do mestre. Data dessa época a sua obra. Casou-se em 1832 com a professora Amélia Boudet, tendo assim uma preciosa auxiliar na sua existência.

Em 1835 pensa viver com as suas rendas e confia o seu capital a sócios que o deixaram paupérrimo; voltou, então, ao labor insano, *au jour le jour*. Trabalhava dia e noite; de dia, como contabilista, de noite fazia traduções e dava aulas.

A sua divisa era um legado de Pestalozzi: trabalho, solidariedade e perseverança.

> "O longo tirocínio no magistério, iniciado aos quinze anos, dera-lhe ainda a faculdade de expor com clareza e escrever com elegância e precisão.
>
> "Completava-lhe o caráter invulgar um sólido conhecimento de filosofia e teologia ,estudadas em plena liberdade de espírito, tolerância e amor à verdade, seguindo a propaganda de Rousseau, sistematizada por Pestalozzi e conforme os trabalhos formidáveis dos enciclopedistas do século 18".

Rivail começou a professorar a ciência do Magnetismo em 1828.

> "Naquele tempo a Metapsíquica atravessava o chamado período do sonambulismo, (1815-1841), que sucedera ao período do calhiotrismo (1785-1815) por sua vez sucessor do período do mesmerismo (1780-1785)".

Sentimos não poder transcrever as magníficas páginas que se seguem, com referência a esses períodos, pelo receio de passar por escamoteador de todo o belo trabalho do prezado amigo.

O que aqui deixamos tem por fim espalhar, ainda que poucos, ensinos e períodos até agora limitados a uma revista, magnífica, mas esgotada, e existente apenas em mãos de alguns raros que a conservaram, percebendo-lhe o grande valor.

Daqueles períodos mencionaremos, apenas, alguns tópicos sobre Cagliostro, não só por elucidativos, como porque o que consta de escritores que se julgam entendidos, é que Cagliostro era um refinado charlatão, que terminou nas garras da polícia.

Ouçamos o Dr. Canuto Abreu:

"Cagliostro possuía sobre Mesmer vantagens excepcionais. Curava sem passes, sem caixas magnéticas, sem varas mágicas, sem outro processo que a simples imposição da mão. Não aceitava um vintém pelas curas, antes dava à mancheia esmolas a todos os necessitados que o procuravam. Por onde passava permanecia imperecível na memória de todos a lembrança de seus benefícios e de sua estranha prodigalidade. Parecia imensamente rico, imensamente sábio, imensamente bom. Tratava o pobre com afeição cristã, ouvindo-o atenciosamente, e o rico com altivez, negando-lhe às vezes até a palavra, quando algum mais atrevido lhe pretendia fazer valer os seus títulos nobiliárquicos ou suas posses. Conseguiu, assim, prestígio sem par no seio do povo e da corte. O rei chegou a decretar réu de lesa magestade quem se atrevesse a articular qualquer crítica menos respeitosa ao seu amigo Marquês de Cagliostro.

"O agente metapsíquico produzia, por seu intermédio, verdadeiras maravilhas, que não podem ser postas em dúvida diante do atestado de inúmeras pessoas conceituadas, salvo rasgando a história da Revolução Francesa. Ficaram célebres as suas ceias em que tomaram parte os mais prestigiosos vultos da Europa, e durante as quais realizava empolgantes sessões espiríticas. Não só as almas dos mortos como as dos vivos obedeciam à evocação poderosa de Cagliostro, e vinham manifestar-se, ora através dum globo cheio dágua, ora por intermédio de suas colombinas, que seriam mais tarde chamadas médiuns. Vozes diretas, aparições, até materializações tangíveis foram descritas por vários assistentes. Os mais severos críticos, os historiadores mais reservados e infensos ao Espiritismo, o próprio processo inquisitorial que Roma cuidadosa e pacientemente preparou contra Cagliostro para poder matá-lo, tudo atesta o seu grande poder metapsíquico e lhe assegura lugar de realce naquele período dentro do qual se processou a maior revolução da história moderna. Ele e seus companheiros foram acusados de ter preparado com sortilégios essa revolução, a queda da Bastilha, a perseguição ao clero etc. Mas o certo, que ressalta da própria sentença do Papa, é que Cagliostro foi apenas clarividente como Gazzotte e a senhora de Lille, que no mesmo período profetizaram os diversos acontecimentos que se iam dar.

"Também é certo que, nas sociedades secretas, havia sempre iluminados, a dizerem coisas que estavam para se dar. Robespierre, Danton e outros chegaram a ser aí batizados, com grande antecedência, como futuros salvadores da pátria.

"As cartas de Cagliostro ao rei, depois do escândalo do colar em que foi envolvido sem culpa, provam-lhe os poderes proféticos supranormais.

"A Revolução que ele previra e prefixava nos seus principais aspectos, o encontrou encarcerado no Castelo de Sant'Ângelo, em Roma, pelo crime de ser médium. Quando o povo, triunfando do clero e da nobreza, marchou para libertar o seu médium, os santos inquisidores de Roma disseram-lhe:

— José Balsamo acaba de morrer.

"Foi a última vítima da Inquisição"

* * *

E aqui paramos na transcrição dos excertos do distinto escritor patrício. A revista "Metapsíquica" também parou. A história de Kardec, não terminada, ficou em seu penúltimo número, e os leitores perderam o que, de melhor, até hoje, se poderia ter escrito sobre o Codificador do Espiritismo.

Resta-nos esperar a continuação do estudo, em livro, como nos promete o erudito beletrista. E nessa espera reside toda nossa esperança.

* * *

JOÃO HUSS

Revelaram os Espíritos que Denizard Rivail, em encarnações anteriores, vivera na Gália, onde se chamara Allan Kardec. Daí a proveniência do pseudônimo que adotou. Em nova encarnação fora o infortunado João Huss.

A notícia de que Allan Kardec tivera uma existência ao tempo de Júlio César data de 1856; a de ter sido João Huss veio em 1857. Ambas por via medianímica; a primeira pela cestinha escrevente de Baudin, com a médium Caroline; a última por psicografia de Ermance Dufaux.

As fontes preciosíssimas — esclarece o Dr. Canuto Abreu — estavam, em 1921, na Livraria de Leymairie, onde ele as copiara na sua quase totalidade. Passaram em 1925 para o arquivo da *Maison des Spirites*, onde os alemães, durante a invasão de Paris, as destruíram em 1940.

Parece, portanto, que, na face do globo, a respeito das referidas notas, só existem as que se acham em mãos daquele distinto patrício e abnegado pesquisador da História do Espiritismo. Se vier a lume a sua crônica sobre o *Livro dos Espíritos*, teremos o prazer de ver o importante trabalho, que, em boa hora transcreveu, como se os Espíritos, prevendo a catástrofe da invasão germânica, lhe tivessem confiado a tarefa de preservar tão importantes documentos.

Numa enciclopédia inglesa, achamos sobre o assunto apenas as seguintes linhas:

"*His pseudonym originated in mediumistic comunications. Both Allan and Kardec were said to have been his names in previous incarnations*".

"Seu pseudônimo é originado de comunicações medianímicas. Diz-se que Allan e Kardec foram os seus nomes em encarnações anteriores".

Não se pode dizer — *pauca sed bene parata.*

Nada sabemos do Allan Kardec dos tempos dos gauleses. Mas, com o fim de estudo, vejamos a vida de João Huss. Por

ela talvez se compreendam as tendências, os pendores, a orientação, a missão, a vida espiritual de Hippolyte Léon Denizard Rivail.

Ouçamos a História.

João Huss foi um reformador tcheco; nasceu em Husinec em 1369. Era filho de camponeses.

Fez seus estudos em Praga e formou-se como bacharel em Artes e Teologia.

Assinava-se Jean de Husinec, e por abreviatura, Huss, que em tcheco quer dizer ganso ou pato.

Obteve grande êxito como professor, e foi nomeado Deão da Faculdade de Filosofia e, mais tarde, Reitor da Universidade. Exerceram grande influência em seu espírito os escritos de Wyclife(1).

Por volta de 1400 experimentou uma crise religiosa que o levou ao estudo do Cristianismo. Recebeu ordens, sendo nomeado pregador da Capela de Belém, em Praga, a capital da Boêmia. Essa capela fora fundada para que nela se pregasse em tcheco.

Carlos IV, subindo ao trono, alimentou as esperanças e aspirações dos tchecos, que os alemães queriam isolar. A Igreja, então, ocupava lugar excepcional na Boêmia; a sua opulência e os privilégios de que gozava, produziram o enfraquecimento das regras canônicas e da moral. Praga revoltou-se contra os abusos eclesiásticos. Destarte, as preocupações de uma reforma religiosa juntaram-se às reivindicações nacionais. Até na doutrina religiosa havia hostilidade entre alemães e boêmios.

Huss era francamente pela reforma e pela preponderância nacional da Boêmia, embora sem entrar em conflito com as autoridades eclesiásticas.

Chegou, mesmo, a ser nomeado pregador sinodal, com o mandato de protestar contra os desregramentos do clero.

---

(1) Wycliffe, Professor da Universidade de Oxford, é considerado um dos grandes sábios de sua época; foi discípulo de Ockham, adversário da supremacia do Papa. Ele aproveitava habilmente as fraquezas do clero para ridicularizá-las. Apoiou o Parlamento, que recusou o tributo ao Papa, e a Lancastre, que propunha se retirassem os benefícios dos Bispos. Escreveu a obra **De Dominio Divino**, onde provava que a autoridade é Deus. Entre seus princípios estabelecia que as relações de Deus para com os homens eram diretas; não eram necessários os intermediários, e isto era um golpe contra Roma. Foi trazido à corte eclesiástica de S. Paulo e teve Lancastre a seu lado, como defensor. Achava mais, que os eclesiásticos deviam ser submetidos ao tribunal civil. Negou o dogma da transubstanciação, o que causou grande escândalo na própria Inglaterra. Atacou e ironizou os perdões, indulgências, absolvições, peregrinações, cultos de santos. A base da fé era a Bíblia. Mais hábil que João Huss, não se deixou apanhar em qualquer armadilha, e por isso Roma teve o desgosto de não o poder levar à fogueira. Morreu tranqüilamente, depois de um ataque de paralisia. — Nota do autor.

Mais tarde, ele desmascarava a velhacaria dos que atraíam a Wilsnack numerosos peregrinos, e de acordo com o Arcebispo publicou um tratado, onde desenvolvia a tese de que um cristão não deve correr atrás de milagres.

Pouco depois, suas relações com o Arcebispo começam a esfriar; o clero irritava-se contra as suas acusações e, afinal, retiraram-lhe o cargo de pregador sinodal.

A rainha Sofia, entretanto, gostava de ouví-lo. Surge daí um conflito político e religioso, e João Huss aparece como o chefe do partido nacional.

O rei Vaclav, filho de Carlos IV, decidira-se pela neutralidade entre os dois papas que, na época, pretendiam chefiar o mundo cristão. Pediu à Universidade uma decisão a respeito.

Os alemães eram partidários de Gregório XII e possuíam três votos, como representantes de três nações polonesas e a Tcheco um voto só. Por instigação de Huss, o rei modificou os Estatutos, ficando a Tcheco com os três votos e os outros com um. Mas, cerca de 5.000 alemães, professores e alunos, deixaram Praga. Huss foi, então, nomeado Reitor da Universidade, que se tornou inteiramente slava.

Ora, o Arcebispo, que era por Gregório XII, acusou Huss de heresia wyclifita e transmitiu sua queixa a Alexandre II, eleito pelo Concílio de Pisa.

O Papa, então, pela bula de 1409, exigiu a retratação dos erros wyclifitas, a apreensão dos livros de Wyclife e a interdição de se pregar em igrejas que não fossem as antigas.

Huss apelou, mas o Arcebispo fez queimar os escritos de Wyclife e excomungou os seus partidários. Mas o clero inferior, a Universidade, o povo e o rei ficaram com João Huss.

Continuaram as prédicas na Capela de Belém, apesar da bula, e ninguém se incomodou com o interdito contra Praga.

Numa segunda fase da luta, entra diretamente em cena o Papa João XXIII, que sucedeu a Alexandre V.

O tráfico das indulgências e a política guerreira do Papa, escandalizaram Huss e seus partidários, embora alguns recuassem, com receio da autoridade papal. Huss, porém, sustentava que o perdão dos pecados só se poderia obter por contrição e penitência sincera, e nunca por dinheiro; que nem o Papa, nem qualquer sacerdote, poderiam levantar a espada em nome da Igreja; que a infalibilidade do Papa era uma blasfêmia.

Houve o discurso inflamado de Jerônimo de Praga, cortejos satíricos, onde se ridicularizava a Igreja Oficial.

O rei de Nápoles estabeleceu a pena de morte para quem ofendesse o Papa, e logo três moços foram decapitados. Os hussitas os enterraram solenemente e Huss lhes fez o necrológio.

O Papa ameaçou a Boêmia de excomunhão, e Wenceslau aconselhou Huss a deixar a capital, ao que Huss obedeceu. Mas fez uma apelação *(Appellatio)* de Roma para Cristo. Ele ganhava adeptos, e em seu retiro voluntário compôs o Tratado *De Ecclesia.*

Entrementes, o imperador Sigismundo, irmão de Wenceslau, da Boêmia, entendia-se com João XXIII, para convocar o Concílio de Constança, de cujo programa constava a pacificação religiosa da Boêmia.

Sigismundo prometeu a Huss um salvo conduto, se consentisse em comparecer em Constança. Huss acedeu. Diante da promessa veio a Praga e se pôs em caminho. Em Constança recebeu o dito salvo conduto onde se dizia que ele podia *transire, stare, morari et redire libere.*

Mas, com o pretexto de que ele queria retirar-se, prenderam-no e internaram-no no Convento dos Dominicanos, em infecto recinto. Instauraram-lhe um processo; o ato da acusação coube a Etienne Palec. Começara a sua via-crucis.

Ficou sob a guarda do Bispo de Constança, e o transferiram, como medida de maior segurança, para o torreão do Castelo de Gottlieben, onde foi encadeado, e assim permaneceu dia e noite. Daí vai para o Convento dos Franciscanos.

O Concílio condena as teorias de Wyclife. Depois, apresentam a Huss o seu tratado *De Ecclesia;* ele nem pode defender-se, porque vozes exasperadas o interrompem e abafam a sua.

Voltou-se ao exame do *Ecclesia;* Huss, porém, manteve a doutrina de que o Cristo e não Pedro era o chefe da Igreja, e resistiu às promessas e ameaças que lhe fizeram.

Logo João Huss percebeu a sorte que o aguardava; cheio de pena pelos inimigos, escreve cartas de reconhecimento pela amizade que lhe devotaram, aos amigos, animando-os, por se terem conservado fiéis à verdade.

A 6 de fevereiro de 1415 é proclamada a condenação de João Huss e logo executada. Foi degradado e lhe fizeram um chapéu de papel, onde se lia esta inscrição — *Hic est hoeresiarcha.*

Conduzido a um terreno vazio, despiram-no, amarraram-no a um poste, ajuntaram lenha em torno e lhe puseram fogo.

Ouviram-no cantar a litania — *Christo, Fili Dei vivi, miserere nobis.*

Quando ia entoar a segunda linha — *Qui natus es ex Maria,* foi envolvido inteiramente pelas chamas e pela fumaça e a voz morreu-lhe na garganta. Suas cinzas foram lançadas ao Rheno.

E assim pereceu queimado aos 46 anos, quem pregou contra a injustiça, a venalidade e a insinceridade.

Diz o historiador que ele era uma alma sensível, piedosa, pura, honesta, só se deixando dominar pelo que lhe parecia justo e verdadeiro. E, ainda, que sua vida anuncia uma era nova, onde se imporão os direitos religiosos da consciência individual. Dava grande importância à lei do Cristo, pregando que a verdadeira Igreja era aquela de que o Cristo era o chefe autêntico.

Como pregador, a clareza de sua inteligência e a lógica de sua argumentação produziam uma forte impressão em todos os que o ouviam.

Tal a breve história de João Huss.

Alguns dados extraímos de um trabalho de F. Herm. Krugèr, com a colaboração de E. Denis. Paris, 1878; W. Berger, Augsburg, 1878; J. Loserth, Praga, 1884 e J.G. Lechler, Halle, 1890.

* * *

INICIAÇÃO NO ESPIRITISMO

Explicando como se iniciara no Espiritismo, declara Allan Kardec que, em 1854, ouvira falar em mesas girantes. Fortier, magnetizador, disse-lhe que acabara de descobrir no magnetismo uma singular propriedade, a de fazer girar as mesas e marchar à nossa vontade. Mais tarde, revela ainda: As mesas falam; pergunta-se e elas respondem.

Só o acreditaria — revida Kardec — se provarem que elas têm cérebro e nervos e que se podem sonambulizar. Até então permita que considere isto uma fabulosa história.

Como se vê, muito ao contrário da credulidade que se lhe atribui, mostra franco cepticismo quando lhe fazem conhecer os primeiros fenômenos espíritas aparecidos na França.

Pouco depois, o seu amigo Carlotti lhe refere a comunicação dos Espíritos; e as dúvidas do mestre, em vez de se desvanecerem, aumentam.

Por fim, vai a casa da Sra. Plainemaison e vê as mesas falarem. Espírito franco, incapaz de emperrar nas idéias fixas, pronto a aceitar a verdade de onde quer que viesse, não pode ter mais vacilações. Ficar estabilizado nos preconceitos, fazer ponto em certas paradas, sem nada que o demova, como quem espera um veículo que não chega, é próprio do sectarista, nunca de uma inteligência de escol, inteiramente livre, de um ser absolutamente sincero, como era Allan Kardec. E ele rendeu-se à evidência.

Com as meninas da família Baudin viu a escrita por intermédio da cesta, fenômeno que descreve no "Livro dos Médiuns". Eram dadas respostas exatas às perguntas que se faziam, muitas das quais sem os circunstantes as proferirem, apenas por haverem pensado nelas. Era, portanto, impossível, qualquer participação dos médiuns.

Os primeiros estudos de Kardec partem dessas experiências. Passou, então, a aplicar-lhes o método experimental e os demais processos de que usava no seu campo científico.

Percebeu ele que o comunicante era o espírito de um morto. Notou, desde logo, que, ao contrário do que se acreditava, esse morto não possuía o soberano conhecimento, antes continuava a ser, mentalmente, o que fora em vida: os mesmos pensamentos, os mesmos ideais, se os tivera, as mesmas manias ...

Um ponto capital estava patente: a existência de um mundo invisível e sua comunicação conosco. Kardec compreendeu a revelação extraordinária que estava à sua vista, rodeada de provas iniludíveis: — a imortalidade e a comunicabilidade dos Espíritos. Pouco depois, certificava-se de outra descoberta de não menos valor, formidável nas suas conseqüências: o Espírito, no Espaço, sofria em razão de suas faltas, e as dores deste mundo eram o resultado das culpas do passado, de vidas pretéritas. Havia sanções penais; era a lei de causa e efeito; era a demonstração verificável da justiça divina. Que horizontes se iriam abrir à Filosofia!

* * *

Como é de ver, pelo menos aos que conhecem o estado mental dos indivíduos; aos que percebem a que desatinos podem levar as paixões e o fanatismo, contra Allan Kardec e sua doutrina levantou-se furiosa tempestade. E por isso lhe dizia um amigo do Espaço, prevenindo-o, como já o fizeram outros:

"O Espiritismo tem sido até aqui objeto de diatribes ... Julgais que tudo isso passou, que os ódios estejam acalmados, que se achem reduzidos à impotência? Perdei a ilusão. O cadinho depurador ainda não expediu todas as impurezas. O futuro vos guarda outras provas e as últimas crises não serão as mais fáceis de suportar".

Bem razão assistia ao Espírito do Dr. Demeure. Não só Kardec, mas os seus adeptos têm visto crescer a fúria demolidora dos adversários. A diatribe, a injúria, a calúnia não têm sido poupadas. As estradas para o Bem sempre foram marginadas de cardos.

Dos informes prestados pelos Espíritos formou Allan Kardec *O Livro dos Espíritos*. É o livro básico da doutrina; ali se contêm os ensinos que viriam esclarecer os grandes problemas filosóficos e importantes problemas psicológicos, alguns insuspeitados, e outros para os quais faltava o supedâneo da prova.

Não se trata de uma lucubração, de opiniões pessoais, das idéias surgidas da cabeça de um filósofo; não resulta,

mesmo, da manifestação de um Espírito, senão da manifestação concordante de muitos Espíritos, através de diversos médiuns e em lugares diferentes. É isto que cumpre evidenciar.

Kardec não se limitava a receber passivamente a resposta dos Invisíveis e a anotá-las mecanicamente. Ele indagava, pesquisava, comparava, discutia. Quando algo lhe era incompreensível ou parecia absurdo, ele replicava, e só tinha como definitivo o que estivesse inteiramente claro e que ficassse iniludivelmente escoimado de dúvidas.

Impossível admitir que uma doutrina admiravelmente concordante, rigorosamente lógica, altamente esclarecedora, uniforme, apesar de provir de diferentes fontes, pudesse vir a ser uma farsa, ou fosse tomada como uma burla.

* * *

A revelação que foi feita a Kardec, de que lhe cabia uma grande missão, deu-se em casa do Sr. Roustan, sendo médium a senhorita Japhet.

Nessa ocasião lhe dizia o Guia:

"Não haverá diversas religiões nem há mister senão de uma, que é a verdadeira, grande, bela e digna do Criador ... Os seus primeiros fundamentos já foram lançados ..."

Tendo causado apreensão e surpresa haver falado o Guia na irrupção de graves acontecimentos, esclareceu ele:

"Haverá muitas ruínas e desolações; são chegados os tempos para a renovação da humanidade".

À pergunta sobre se seria um cataclismo, respondeu:

"Não. Os flagelos assolarão as nações, a guerra dizimará os povos, as instituições se afundarão num mar de sangue. O mundo velho ruirá para dar lugar a um mundo novo, a nova era de progresso".

E à outra indagação, acrescentou:

"A guerra não se limitará a um país; envolverá toda a Terra; tudo está suspenso por fio de teia de aranha. A primeira faísca virá da Itália".

A predição foi feita em 7 de maio de 1856. A Itália, com a tomada da Abissínia, foi a precursora do pavoroso prélio deflagrado em 1939. A Europa inflamou-se. A Alemanha invade as nações vizinhas. Em pouco estão envolvidos todos os Continentes. Luta-se em terra, nos ares e nos mares. Até por baixo do solo e por baixo dos oceanos morre-se e mata-se. Lançam-se os homens e as nações uns contra outros

como o não fariam os mais ferozes animais. Usaram-se os mais mortíferos engenhos de guerra. Ondas de fogo levantavam-se por toda a parte. As mais belas cidades ficaram reduzidas a um montão de ruínas. A civilização parecia afundar num pélago de chamas. As cinzas dir-se-iam encobrir todas as regiões habitadas. O ódio tomou proporções imprevistas.

Crepitou o pavoroso incêndio por cinco anos; foi a maior chacina de todos os tempos. Houve a destruição de edifícios imponentes, de templos históricos, de pontes e viadutos afamados, de campos florescentes, de urbes populosas, de usinas e fábricas, de bibliotecas e museus, do comércio, da indústria, de todo um longo passado de atividade e de trabalho.

Destruição urbana, destruição florestal, destruição econômica, destruição humana, horrores e misérias, campos de concentração, imolações em massa, luto e lágrimas, tal foi o resultado do orgulho, da ambição e da estupidez de meia dúzia de prepotentes, da insânia de chefes de Estado, de improvisados mandões, pelos quais se deixa fascinar e arrastar o triste *pecus*, o sacrificado rebanho humano.

Dizia Rui Barbosa, na Oração aos Moços:

"Não há justiça onde não haja Deus. Quereereis que vô-lo demonstrasse? Mas seria perder tempo, se já não encontrastes a demonstração no espetáculo atual da Terra, na catástrofe da humanidade. O gênero humano afundou-se na matéria e no oceano violento da matéria flutuam, hoje, os destroços da civilização, meio destruída. Esse fatal excídio está clamando por Deus".

O fatal excídio foi o de 1914. Que diria o eminente jurista diante da terrível luta de 39?

A profecia, provavelmente, ainda não findou; novas ameaças pairam no céu planetário. Os engenhos de guerra atuais deixam a perder de vista os das guerras anteriores. Fala-se na destruição do Mundo. De fato, um mundo povoado de energúmenos, perversos e idiotas, melhor seria se estoirasse definitivamente. Seria um suicídio global.

Não são estas, porém, as vistas do Senhor, nem é o que devemos esperar. Necessariamente, não terminou, ainda, o ciclo de nossas provas. Não chegaremos, entretanto, a uma total calamidade. Há de raiar um dia a Felicidade. Viveremos sob o império do Bem. Hão de cumprir-se as promessas dos Espíritos Superiores sob a inspiração do Divino Mestre.

* * *

Os Espíritos, e principalmente o que se designava com o nome de *Verdade*, reiterava os conselhos e avisos que se podem dirigir a tantos quantos militam nesta Seara, visando ao bem do semelhante:

"A missão dos reformadores é cheia de tropeços e perigos. A tua é rude, previno-te, porque tens de revolver e reformar o Mundo inteiro ... Levantarás contra ti ódios terríveis; inimigos encarniçados conjurarão a tua perda; serás alvo da maledicência, da calúnia, da traição, ainda mesmo dos que te parecem mais dedicados; as tuas melhores instruções serão desprezadas e adulteradas; mais de uma vez vergarás ao peso da fadiga; em uma palavra, haverá uma luta quase constante, com o sacrifício do teu repouso, da tua tranqüilidade, da tua saúde e até da tua vida.

"Nem um passo para trás deves dar, quando em vez de um caminho juncado de flores encontrares urzes, agudas pedras e venenosas serpes.

"Para lutar contra os homens é preciso coragem, perseverança e inabalável firmeza; é preciso prudência e finalmente abnegação para todo o sacrifício".

Confirmando as profecias do Espírito, Kardec vinha fazer estremecer velhas instituições, carunchosos estabelecimentos; vinha trazer luz sobre erros seculares; vinha, sobretudo, apontar a estrada que devia conduzir o gênero humano a melhores destinos.

E então se desencadeou, não só sobre a doutrina por ele codificada, como sobre ele, como sobre seus prosélitos, a campanha do descrédito. A serpe de que falara o Espírito *Verdade* não se limitou a morder os princípios doutrinários, senão que procurou denegrir o Doutrinador, o Missionário, certa de que, turvando a fonte podia turvar toda a corrente.

Ainda agora, e talvez mais do que nunca, vemos lançada sobre o mestre, a peçonha que lhe devia macular o nome e a obra; ele era o ignorante, o embusteiro, o velhaco, o desonesto; deram-no até por cabotino, e depois por caloteiro, despejado por falta de pagamento. Outras vezes já não era o miserável, que não podia pagar a casa, mas o nababo, enriquecido a custa do Espiritismo e dos espíritas, estes uns pacóvios, fáceis de embrulhar, e que tanto acreditavam em aparições das almas do Outro Mundo, como nas patranhas das almas deste.

Passou por fantasista, por místico, por amante do sobrenatural, por quimérico, por inclinado ao misterioso. Não admira que tais inverdades vivam na boca e na pena de igno-

rantes e aleivosos, desde que livros e enciclopédias que têm por fim ilustrar os povos cometeram as mesmas cincas.

Contava-nos Henri Regnault que, por curiosidade, lembrou-se de consultar *La Grande Encyclopédie* e muitas edições do *Dictionnaire Larousse*. A primeira diz que Kardec, depois de ter recebido uma boa instrução filosófica e científica, entregou-se *de bonne heure* ao estudo do Espiritismo, tendo acordado aí o seu gosto pelo maravilhoso.

Ensino menos verdadeiro quanto a esta parte, diz Regnault, visto que Rivail começou a preocupar-se com Espiritismo, quando tinha mais de 50 anos e com um escrúpulo e prudência que lhe fazem honra.

E quem lhe conhece a biografia sabe que foi com muita relutância que ele se dispôs a tais estudos, sendo antes deles inteiramente céptico a tal respeito.

O Larousse, na edição de 1875 dizia:

> "Foi sobre cenas grotescas que se apoiou Allan Kardec... Soube dar uma forma clara, precisa a uma doutrina completa; nada aí falta, salvo que, para admití-la, é preciso ter fé, pois o Autor considera, como provados, os fenômenos que precisamente estão em questão. Não é uma doutrina de pesquisa, de reflexão, de meditação em que se procurem explicar coisas difíceis de compreender; é um mistério construído com todas as peças, pela inspiração, sem nenhum conhecimento das leis físicas, da constituição positiva das coisas nem do encadeamento real dos fenômenos".

E acrescentava que o Espiritismo estava em seu declínio. Isto foi em 1875.

Mas, não só a profecia falhou, como, em as novas edições, a hostilidade se foi atenuando. Provàvelmente, as experiências em que tomaram parte os maiores vultos da ciência européia e americana deixaram um tanto abalados os créditos do *Universel*. Assim, em 1900, já não se fala em Kardec, e posteriormente, informa ao leitor sobre quem foi ele, isto sem mais comentários. Numa edição que temos à vista apenas se diz o seguinte:

"Kardec (Hippolyte Léon-Denizard Rivail), mais conhecido sob o pseudônimo de Allan. Escritor espírita francês, nascido em Lyon, falecido em Paris (1803-1869). Autor do Livro dos Espíritos..." (Seguem-se os livros). E mais nada.

Como se vê, a refrega foi árdua e os Espíritos a previram. Não faltaram os epítetos; não houve injúria ou calúnia

que lhe não vomitassem, desabrida ou veladamente, e quanto mais perto de Deus se julgava o invetivador, mais virulento se tornava. Cientistas e letrados, ou faziam a campanha da indiferença, ou a da *blague* ou a da falsidade.

São os acúleos da jornada.

* * *

Quando Kardec editou a *Revue Spirite*, que apareceu a 1.º de janeiro de 1858, não tinha capital, nem sócios, nem assinantes, nem auxiliares.

Estava só. A vitória dessa revista, existente até hoje, é uma verdadeira manifestação da energia, do valor, da força de vontade de Allan Kardec. Era realmente o escolhido do Alto para a espinhosa tarefa.

Foi graças a ela, diz Regnault, *qu' il tint tête aux orages qui s'a amoncelaient, répondant seulement quand la doctrine était en jeu, dédaignant les injures personnelles, faisant, autant qu'il le pouvait, du bien à ses ennemis.*

"Graças a ela é que ele enfrentou as tempestades que se acumulavam, respondendo, apenas, quando estava em jogo a doutrina, desdenhando as injúrias pessoais, fazendo, tanto quanto lhe era possível, o bem a seus inimigos".

E acrescenta:

"Coisa notável: Allan Kardec conformou a sua existência de acordo com o ensino dos Espíritos". Caritativo, vivia para os outros e não para si; ignorava o rancor; foi por seus atos um verdadeiro apóstolo, e deve ser, de fato, um mestre honrado e venerado, devendo todos esforçar-se por seguir-lhe os exemplos".

A ele se deve, ainda, a fundação da Sociedade Espírita de Paris(*), onde empregou o melhor de seus esforços para congregar os irmãos em crença, os discípulos na doutrina, e torná-los fortes em torno de uma idéia.

Pobre a acanhada a princípio, a Sociedade se foi desenvolvendo até que se tornou um grêmio amplo, que veio prestando à humanidade os benefícios de que somos testemunhas.

* * *

(*) Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas — Nota da Editora.

O CODIFICADOR

Allan Kardec foi o escolhido para tão elevada missão, como a de Codificador, justamente pela nobreza de seus sentimentos e pela elevação do seu caráter, tudo aliado a uma sólida inteligência.

Ele sujeitava os seus sentimentos, os seus pendores, à reflexão. Tudo era submetido ao poder da lógica. Só aceitava o que havia verificado e comprovado, dentro dos estudos a que procedia. Se era um emotivo, sabia dominar-se. Nada passava sem o rigor do método, sem o crivo do raciocínio.

Filósofo, benfeitor, idealista, dado às idéias sociais, possuía, ainda um coração digno do seu caráter e do seu valor intectual. Estava sempre disposto ao socorro, ao amparo, sem que a mão esquerda soubesse o que fazia a direita. A caridade para ele não era um mero princípio; ele não a praticava com a frieza do sectário, nem mesmo por simples dever, mas pelo profundo amor que dedicava a seu semelhante.

Em se tratando, porém, de observar e experimentar, era o estudioso meticuloso, onde o sentimento não intervinha, e a quem o calor das paixões não turbava. Voltava a ser o sábio frio que sondava, imperturbável, os segredos da criatura e da criação. É que aí se reclamava a sua sensatez. Ia ele apresentar fatos e doutrinas que revolucionariam o pensamento humano, que iriam governar o mundo espiritual, e sendo ele, como, com muita justeza, dizia Camilo Flammarion, o bom senso encarnado, possuindo um critério que faria inveja aos mais ponderados, percebeu a sua imensa responsabilidade nas teorias que iria espalhar, e procurou, então, guiar-se pelas luzes da razão, pelos preceitos da Ciência, dentro da maior imparcialidade, tendo como escopo, acima de tudo, o que parecia a verdade.

Quaisquer que fossem as suas idéias, ele as punha de lado, se outras mais sábias lhe eram ministradas. Não as

tinha preconcebidas. Só o interessava o que podia estar certo. Velhos preceitos, inúteis preconceitos, sentenças arraigadas, as religiões empedernidas, os dogmas do passado, tudo teria que aluir diante do jorro de luz que os Arautos do Senhor lhe vinham trazer.

Bem sabia ele que poderia ficar soterrado no vetusto edifício que vinha reconstruir, sob a égide dos Mensageiros. Não lhe faltaram os avisos dos Espíritos, que o advertiam do perigo em por o alvião em instituições seculares. Bem sabia ele que iria ver adunados contra si, religiosos e cientistas, pois que a nova doutrina desmentia pontos de fé e preceitos que se tinham como invulneráveis.

Em religião eram doutrinas básicas que iam ser remodeladas. O Cristianismo iria ser encarado por outra face: era o Cristianismo do Cristo, e não o de seus vigários. A Ciência veria perturbadas as regras que fundou, esteadas unicamente na matéria, nas falsas noções sobre o Espírito, sobre a sua vida, a sua independência, a sua anterioridade ao corpo, a sua imortalidade.

Kardec encarou de frente a tempestade, tomou a bússola que lhe davam os Espíritos Superiores e rumou, por mares até então desconhecidos ou pouco vislumbrados, para as terras onde brilhava o sol da Fraternidade.

* * *

Allan Kardec tinha um sofrimento cardíaco. Esgotado por motivo de seu exaustivo trabalho intelectual, e já bastante fraco, entregou-se, por estar em mudança, a grande esforço físico, no encaixotamento e transporte de sua volumosa biblioteca. Rompe-se-lhe um aneurisma e ele falece aos 31 de março de 1869.

Cabem aqui estas palavras de Flammarion, pronunciadas no túmulo do mestre:

"Naquele dia solene, dissera eu o supremo adeus na sepultura do fundador da Livraria Acadêmica, o honrado Didier, que foi, como editor, convencido colaborador de Allan Kardec na publicação das obras fundamentais de uma doutrina que lhe era cara. Este morreu também subitamente como se o Céu quisesse poupar aos dois íntegros Espíritos o embaraço filosófico de saírem desta vida por maneira diferente da comum.

"E pois que sabemos de sua alma imortal sobrevivente a estes despojos mortais, assim como preexistiu a eles; que

laços indestrutíveis ligam o mundo visível ao mundo invisível; que esta alma existe hoje tão íntegra como há três dias, e que não é impossível achar-se aqui entre nós, digamos-lhe que não quisemos ver dissipar-se a sua imagem corpórea a encerrar-se no sepulcro, sem lhe honrar unanimemente os trabalhos e a memória; sem pagar o tributo de reconhecimento à sua encarnação terrestre, tão digna e utilmente preenchida".

Falecera o Codificador, mas ficara a Codificação.

* * *

PLANO DE "O LIVRO DOS ESPÍRITOS"

Logo que apareceu o Livro dos Espíritos, apesar de sua grande saída, não se fez esperar a mofa dos inscientes e principalmente daqueles para os quais a obra viria abrir profundos sulcos nas tradições e em suas enraizadas idéias. Dir-se-ia que o grande trabalho espiritual iria naufragar em meio à tempestade universal do riso.

Mas as edições se foram sucedendo. Os mais preparados e os menos apaixonados perceberam que havia ali algo de notável e profundamente sério. E como trabalho do Alto, ditado pelos Espíritos prepostos ao nosso progresso, não podia ele ser sufocado pela insipiência ou pelo fanatismo, e assim abriu caminho através da mais furiosa oposição, para chegar às culminâncias em que o vemos.

O Velho Testamento, excluídos os dez mandamentos, é posto à margem. As suas páginas obsoletas já não servem à nossa renovação espiritual. Mantém-se do Novo Testamento muitas lições edificantes, e os Evangelhos, onde ressumbram as lições do Cristo. O Livro dos Espíritos é a coluna mestra do Novíssimo.

É ele a síntese dos princípios religiosos e do que diz respeito à Espiritualidade. Tudo o que toca ao Espírito, sua vida de aquém e de além-túmulo, sua evolução, as leis a que não pode fugir, as conseqüências à infração da Lei, ali está devidamente registrado. É o maior tratado sobre o Espírito e a vida espiritual.

Parte religiosa. — Nessa parte trata de Deus e de seus atributos. O Deus antromorfo, o Deus antigo, o Deus vingativo, o Deus bíblico não existe na descrição dos Espíritos, senão o Deus cheio de bondade e de amor, para o qual todos serão salvos e chegarão à suprema felicidade, purgadas as suas faltas nos dias amargos da Terra e chegados à consciência do Bem nas pungitivas meditações do Espaço. E so-

bre Deus foi até onde podia ir. A nossa ignorância não no-lo deixaria compreender melhor. Era necessário, entretanto, compreendê-lo em face das misérias do Mundo. É o que vai explicar O Livro dos Espíritos. O principal, porém, é que saibamos que Ele existe e nos protege com seus atributos.

Ainda nos explica a ação de anjos e demônios e o que são eles, e o que eles representam. Os anjos da guarda, os gênios, os protetores, a adoração e o respeito. A prece.

Parte Filosófica. — Entramos no campo da Filosofia, campo vasto, e que nos vem fazer descortinar mais claros horizontes. Os verdadeiros princípios filosóficos ali se acham condensados. Já se explica a razão de nosso sofrimento, de nosso destino, de nosso atraso; o que é a inteligência, o instinto, a razão de nosso ser. Estuda-se a palingenesia, o equilíbrio da natureza, o porquê das coisas.

Parte Científica. — Aqui vemos o que é o espírito e o que é a matéria, a formação dos mundos, a sua pluralidade Os seres orgânicos e inorgânicos, o materialismo, os reinos da natureza. Os fenômenos.

Somente com os Evangelhos seríamos bons pela fé; com o Espiritismo sê-lo-emos pelo raciocínio. A fé às vezes bruxoleia, enfraquece e morre, outras vezes não se acende. Era preciso abalar fortemente o espírito humano, daí, o ferro em brasa, que são as provas irrefragáveis trazidas pelos Espíritos, na época prevista e preparada pelo Senhor.

Etnografia. — Interessante é o estudo desta parte, em que se trata das raças humanas, do povoamento, da moral primitiva. Estuda-se o homem, entra-se pela Geografia Humana e chega-se ao aperfeiçoamento do indivíduo e das raças.

Biologia. — Não descuraram os Espíritos de falar da vida e da morte, da reprodução, da conservação e destruição dos seres, dos obstáculos à vida.

Moral. — É a parte mais importante porque é para chegar à perfeição humana pela Moral que os Espíritos Superiores se deram ao ciclópico afã de vir até nós. É a lei natural por excelência. E temos nessa parte as sanções, os efeitos da falta, as conseqüências à infração. Os principais postulados da lei. Descreve-se o bem e o mal. Há referências

ao duelo; largamente se ventila a crueldade e as terríveis dores que acarretam; em contraposição nos são mostrados os efeitos da justiça, do amor, da caridade.

A lei do amor está escrita por toda a parte; assim nos velhos códigos como nos modernos. Ela se resume na velha frase de Confúcio — Não faças aos outros o que não queres que te façam. Cristo nos apresenta o seu imperativo categórico — Amai-vos uns aos outros. No Livro dos Espíritos é ela a cúpula grandiosa do monumento arquitetônico que os Espíritos vieram trazer-nos e que Allan Kardec ajustou peça por peça.

Parte Social. — Não a esqueceram os Mensageiros. E falam-nos, então, no trabalho, no repouso. Ocupam-se do casamento, da poligamia, da guerra, da pena de morte, da vida social, da família, do progresso, da civilização, da liberdade, da igualdade, da fraternidade, lemas da Revolução Francesa e de outras revoluções, mas que não chegaram a firmar-se como princípios intangíveis, porque os homens pretenderam esculpí-las a ferro e a fogo, porque a mancharam de sangue, e muitíssimas vezes, de sangue inocente. Deus nos aponta o fim que devemos atingir; mas nós devemos escolher os meios dentro das leis divinas.

O Espírito. — Ensina-nos o que é a vida do Espírito na Terra e fora da Terra. O que é o Espírito, o perispírito, as diferentes ordens de Espíritos, a sua progressão; a sua separação do corpo.

A Morte. — Diz-nos o que é a alma após a morte; a dolorosa surpresa dos maus; a doce consolação dos bons, ao achar a tranqüilidade, ao rever os entes queridos, ao compreender as promessas do Nazareno. O progresso dos espíritos felizes; a perturbação dos faltosos.

A volta. — Capítulo de relevo no Livro dos Espíritos é a Reencarnação, visto que é ela a chave dos mais importantes problemas filosóficos. O capítulo discorre sobre a afinidade, o parentesco, a simpatia, as semelhanças, a hereditariedade, as desigualdades, as idéias inatas, o gênio, a memória das vidas passadas, a razão do esquecimento, a emancipação do Espírito; os sonhos, os desmaios, a letargia, a catalepsia, a morte aparente, a dupla vista. E mais ainda — a vida no Espaço, os mundos transitórios, as sensações do Espírito, a vida errante, a escolha das provas futuras.

Os Espíritos tomam um corpo adequado às provas por que têm de passar.

No Espaço influem sobre os encarnados; os bons, transmitindo-lhes bons pensamentos, aconselhando-os; os maus, pela atuação, pela possessão, pela obsessão, que pode levar até a loucura.

O Espírito virá em prova ou em missão. A hierarquia do Espírito é dada pela moral. É o amor e não o orgulho que o eleva na categoria do Espaço.

A morte não é esse porto escuro, nebuloso e sempre noite, a não ser para os Espíritos votados ao mal. Para esses ela será a treva, o ranger dos dentes, o inferno das Escrituras, sem a eternidade. Para os bons, um dia de intensa claridade, e tal seja a sua dedicação aos irmãos planetários, um acordar num deslumbramento de apoteose.

Tal é o que nos diz o Livro dos Espíritos, nos seus assuntos capitais.

* * *

BASES DOUTRINÁRIAS

A doutrina espírita vinha destocar enraizados dogmas, vinha revolucionar velhos postulados.

Não mais as penas eternas, senão a vida progressiva, com desfalecimentos temporários, mas sem paradas definitivas, sem regresso, sem condenação irremissível. Não mais a pena como vingança, como uma espécie de ódio do Criador à criatura, mas como um remédio, com um fim de cura, como um passo para o progresso.

O indivíduo não ressuscita para o Juízo Final, nem toma o mesmo corpo, nem vai para o Inferno. Nem inferno, nem ressurreição, nem Juízo Final, mas a volta em novos corpos, apropriados à necessidade do Espírito e moldados de acordo com as perfeições ou imperfeições do perispírito. A reencarnação é para o efeito de proporcionar ao ser o aprendizado na Terra, quase sempre experimentado pelas dores, quer as promovidas pelo convívio dos semelhantes, quer as provocadas pelas asperezas da natura; todas, porém, imprescindíveis à sua felicidade futura, porque a felicidade depende da purificação do Espírito.

Deus não baixou à Terra. Deus é inacessível, inapreensível, invisível, inincorporável. É o absoluto. Criador de todas as coisas e de todos os seres, Criador de tudo, Supremo Arquiteto, não poderia demorar por trinta e três anos num dos mais obscuros, retardados e atrasados orbes que criou. Impossível que deixasse o Infinito à matroca, para encurralar-se num minúsculo planeta de um dos seus menores sistemas. Quem vem ao Mundo são os seus Missionários, e entre eles veio o Cristo, que sofreu as contingências da existência planetária e a sorte que cabe aos que afastando-se da craveira comum, procuram apontar o Caminho, trazer a Verdade e alimentar a Vida.

Não serão escolhidos apenas alguns; não há preferências na Paternidade Divina; não há vasos eternamente de

ouro, nem vasos eternamente de barro; não há os de antemão preparados para a glória e os previamente escolhidos para a perdição. Não há desgraças sem termo, nem réprobos sem melhoria. Deus não endurece os corações, nem exalta sem merecimento. O progresso, a elevação, a felicidade é fruto do esforço próprio.

Há a evolução, o desenvolvimento espiritual, o livre-arbítrio progressivo. Todos atingirão a meta final da suprema ventura; é uma questão de diligência, de lutas íntimas, de tempo.

Não há diabos, nem demônios, nem eternos atenazadores dos seres humanos, com o fim de encaminhá-los ao reino de Satã; o que há são Espíritos inferiores, aos quais damos acesso por afinidade, por semelhança de pendores, por baixeza de sentimentos, e que se aproveitam de nossas fraquezas para nos prejudicarem, já induzindo-nos ao mal, já perseguindo-nos por todas as formas que lhes são possíveis. Algumas vezes a perseguição é ato de vingança; são dívidas antigas contraídas para com eles, e eles, sem o saberem nem o quererem, são instrumentos de nossa remissão.

Estes, mesmos, são fautores de nosso adiantamento, porque, caindo é que nos levantamos, sofrendo é que nos redimimos, e por sobre as dificuldades, dissabores e asperezas da vida é que construímos o nosso futuro, é que formamos o plácido ambiente do dia de amanhã, é que nos encaminhamos para a Eternidade.

Poderemos repetir sucintamente as palavras de um cientista:

Enquanto nosso corpo se renova, peça por peça, pela perpétua substituição das partículas; enquanto ele pende e um dia descamba, massa inerte, para o túmulo, de que não mais se ergue, nosso Espírito, ser pessoal, guarda sempre a sua identidade indestrutível e reina como soberano sobre a matéria de que se revestiu, estabelecendo por esse fato, constante e universal, a sua personalidade independente, a sua essência espiritual, não sujeita ao império do tempo e do espaço, a sua grandeza individual, a sua imortalidade.

Essa é a lição dos Espíritos.

* * *

PRINCÍPIOS

O Espiritismo busca reformar o mundo espiritual com uma filosofia clara, escorada no pedestal dos fatos. Por essa razão Kardec a definia como uma doutrina filosófica que tem conseqüências religiosas; uma filosofia espiritualista.

Seu papel é modificar as leis terrenas que estiverem em contraposição às leis divinas; é retificar os erros da História; é, entre nós, corrigir as falhas do Cristianismo; é apresentar o que disse o Cristo, escoimando os Evangelhos daquilo que mãos profanas ou interessadas lá encaixaram; é eliminar o mercantilismo, o interesse material, a ganância, as fórmulas desnecessárias e quase sempre caras, os abusos em nome de Deus, a salvação por dinheiro, por oblatas, por sacrifícios, pelos ritos, por cerimônias inúteis; e ainda mais, as lutas cruentas, as contendas, as rivalidades, as guerras, os instrumentos de guerra; as distinções entre os seres, o espírito bélico, os sentimentos de ódio.

Ele vem lembrar aos homens que os últimos serão os primeiros; que quem muito sobe, de muito alto pode cair; que, em vez de censurar as faltas alheias pensemos nas nossas; que a ambição corrói a alma como uma triaga; que o desejo ansioso pelos primeiros postos e a conservação neles por vaidade, e não pelo desejo de servir, e não por sacrifício, ou com sacrifício próprio, prejudica os postos ocupados, prejudica os ocupantes e prejudica a Causa; que o verdadeiro domínio do homem é o domínio sobre si mesmo; que o que nos leva à felicidade é o altruísmo, assim como o egoísmo leva ao infortúnio, e quanto mais velarmos pelos outros mais a Providência velará por nós; que aquilo que recebermos de graça, de graça deveremos dar.

O mais interessante seria dar tudo de graça; seria mesmo, sublime; mas, nem sempre no-lo permitem as condições da vida e as deficiências pecuniárias da maioria. Mas, à proporção que os homens se forem desligando dos laços

materiais e voltando as vistas para o Alto; à proporção que forem socorrendo o próximo, menos necessidades terão; os bens lhes não farão falta ou serão facilmente alcançáveis, e então, a cornucópia da fortuna fará derramar sobre eles, misteriosamente, o seu precioso conteúdo. Aí é que se poderá compreender a graça divina. Mas graça não é favor, é recompensa. O Alto não dá, retribui.

A inveja, a desonestidade, o ódio devem ser expungidos completa, absolutamente de nossos corações.

A hipocrisia é uma das maiores falhas do caráter e uma das maiores imperfeições do espírito. Lembremo-nos que há no Evangelho ensinos imorredouros; um deles é o combate a esse estigma das almas atrasadas. E o Cristo, que tão complacente por vezes se mostrava com as falhas dos sentidos corporais, com os arrastamentos materiais, com as chamadas fraquezas da carne, era de grande veemência quando apostrofava os hipócritas. E os Espíritos vêm batendo constantemente na mesma tecla: fugi da hipocrisia, sede sempre sinceros, que a sinceridade é virtude de grande preço.

O maior dos princípios é a caridade: *Fora da caridade não há salvação.*

Essa caridade abrange os pensamentos, as palavras e ações a favor de quem sofre, de quem necessita. É todo o bom sentimento projetado sobre alguém. Não é só a esmola, essa forma primitiva da caridade, mas o socorro àquele que está em qualquer perigo, social, econômico, material, efetivo. É o desejo de beneficiar; é o bem que se pratica, sob qualquer forma, de qualquer espécie, em qualquer meio, para qualquer indivíduo, seja qual for a necessidade. É o bem que fazemos, é o bem que desejamos, é o que queremos prestar, embora não o possamos. Uma simples lágrima vertida por uma pessoa que sofre é uma caridade, aparentemente inútil, mas que, cedo ou tarde, desabrochará em flores e se encherá de frutos. É o amor em toda a sua florescência.

Foi esta a principal mensagem trazida a Allan Kardec.

* * *

Toda a nossa desventura provém de nós mesmos; os nossos males são oriundos de nossas imperfeições. Não há má vontade do Senhor para conosco: há atraso nosso, e a perfeição se consegue através das vidas sucessivas.

Por maior que seja a inteligência, por mais alto que atinja o gênio, eles não contribuirão para a melhoria do nosso destino, se o mal predominar sobre o bem, se mantivermos o escalracho que não nos deixa vicejar. As faculdades intelectuais terão grande valor no progresso do ser, mas é necessário que venham acompanhadas das faculdades morais.

A lei civil pouca influência terá se não nos submetermos primeiramente à lei moral. A questão social não dependerá tanto de formas do governo como da reforma dos homens.

A compreensão de um governo, obrigando-nos ao cumprimento das leis do país é que faz a nossa submissão; logo, porém, que ela afrouxe, por qualquer motivo, ou possa ser iludida, ou desapareça, a criatura voltará aos impulsos primitivos, e agirá de acordo com as suas tendências, os seus sentimentos. Só, portanto, a melhoria moral poderá trazer a ordem e o cumprimento da lei. A imposição deverá vir de dentro para fora; deve partir do indivíduo e não da coação externa, das imposições sociais.

Longe estaremos ou estará a doutrina de impedí-las ou censurá-las. Elas, infelizmente, se tornam ainda imperiosas para obstar à desordem, à infração, ao crime. Bem sabemos, entretanto, como são precárias, desde que a horda de malfeitores se torna irreprimível; desde que campeia a iniqüidade, o abuso, a prevaricação, a maldade; desde que vivemos, mesmo nas cidades que se dizem policiadas, numa intranqüilidade constante, vítimas de desordeiros e ladrões, em perpétua vigilância, para evitar as ciladas; em perene ameaça de morte, sujeitos à ação dos facínoras, dos marginados de qualquer espécie, dos que roubam bens e mulheres, contra os quais não temos garantia nem defesa, e que assassinam estupidamente e barbaramente o pacato cidadão, descuidados da penalidade divina e muitas vezes confiantes na impunidade humana.

Basta que inspecionemos o cadastro da polícia e leiamos o noticiário dos jornais para nos certificarmos de que o crime anda à solta e a polícia amarrada. Nas prisões já não cabe mais ninguém e a justiça parece que está cansando. Como se vê, há casos e ocasiões em que a aparelhagem estatal se torna inútil ou deficiente.

Quando o indivíduo estiver reformado não serão necessárias as instituições, as leis severas, a engrenagem policial; o indivíduo se dirigirá por si próprio; o lema de sua conduta

será aquele que há muitos séculos já se achava esculpido no pórtico do direito romano — *neminem loedere, suum cuique tribuere, honeste vivere:* não prejudicar a ninguém, dar a cada um o que lhe pertence, viver honestamente.

"Quando o homem for bom — diz a doutrina — fará boas as instituiçõees, que serão duráveis, porque tem interesse em sua conservação".

A questão social não terá o seu ponto de partida na forma desta ou daquela instituição, mas no adiantamento moral dos indivíduos e das massas. Aliás, o adiantamento destas será a conseqüência do adiantamento daqueles.

Quem procura o seu adiantamento e se esforça por conseguí-lo está achanando o caminho do seu progresso e evitando o acervo de dores necessárias àquele melhoramento, dores que se impõem quando o indivíduo é rebelde ao ensino moral e persevera no erro, com uma contumácia que seria de espantar, se não fosse inacreditavelmente profunda a ignorância humana.

Com referência ao indivíduo que procura aquele melhoramento, diz Kardec:

"Além da satisfação da consciência, estará livre das misérias materiais e morais, resultado das imperfeições; terá calma, porque as vicissitudes pouco o prejudicarão; terá saúde, porque os excessos não o esgotarão; será rico, porque o pouco lhe satisfaz; terá paz porque não desejará o impossível".

Em síntese, poderemos dizer, que todas as angústias que afligem o homem, por sua ambição, por desejos incontidos, pela sede de riquezas, de posição, de glória, de fama; pela inveja ou pelo rancor; pela intolerância ou quaisquer paixões estiolantes; todos esses sentimentos perturbadores não o abalarão se ele não os possui; se já se acha indene dessas máculas; seguirá, então, tranqüilo, a sua rota, sabendo que terá o que merecer, e que, por suas virtudes, receberá, mais cedo ou mais tarde, as recompensas a que fizer jus e que caberão, iniludivelmente, aos que pautarem a vida nos limites, ainda que penosos, da lei moral.

É engano acreditar nos poderes exagerados do saber; é ele de muita importância, não há dúvida; já o dissemos, e nunca é demais repetir; sua importância é grande em nossa ascensão evolutiva, mas não é a essencial; pouco adiantará à nossa tranqüilidade se a ele não aliarmos os princípios do bem. O bem e o saber devem caminhar paralelamente, e se este se avantajar muito àquele, maiores

serão os prejuízos que os benefícios, porque, quanto maior o conhecimento, maiores as responsabilidades.

O fim capital de todo o movimento espírita é o estabelecimento de dois princípios fundamentais, os quais, só por só, trarão a felicidade humana: a solidariedade e a paz.

Solidárias as criaturas, ligadas pelo sentimento comum do bem, desejosas de se ampararem mutuamente, anelando cada um para o outro aquilo que quer para si; isentos todos de sentimentos de hostilidade, de belicosidade, de ambições injustificáveis, de egoísmo, possuindo, antes, a noção do respeito à liberdade, aos direitos alheios, a paz se estabelecerá como um efeito imediato, como uma conseqüência natural. E então a felicidade se estenderá por toda a face do orbe e ele subirá na categoria dos mundos, perdendo a lamentável classificação de mundo de provas.

É preciso ter da bondade e da justiça divinas uma idéia que não se desminta. Por certo, um deus atrabiliário, que distribui dores e alegrias por acaso, a seu bel prazer; que condena "sem qualquer forma de processo", e premia sem nenhum motivo plausível; que cria felizes e infelizes, de acordo com a fornada, não nos daria a idéia d'Ele como no-lo pintam as religiões — magnífico na sua soberana justiça e na sua soberana bondade.

O Espiritismo, justificando as desigualdades, explicando a razão das dores, apresentando os motivos da imensa variedade na sorte; fazendo-nos compreender as leis gerais da evolução, a que estão submetidos todos os corpos e todos os seres, leis que regem assim a matéria como o espírito, é que nos apresenta Deus como ele é ou deve ser, sem as deformações com que o vem pintando a humanidade.

É preciso restituir Deus aos nossos corações.

O Espiritismo, além de ser o mais poderoso elemento de moralização, conduz-nos às regiões espirituais de que nos vêm afastando as idéias errôneas e absurdas que possuímos a respeito da Divindade. Além de tudo, não para obstinadamente no erro, como se dá com as religiões. Demonstrado um engano, não tratará de o assegurar, ou na melhor hipótese de o contornar de qualquer forma, como acontece com os sofistas; terá que retirá-lo, emendá-lo ou abandoná-lo. O errado é que não pode subsistir.

Em suma: O Espiritismo, marchando com o Progresso, nunca ficará à retaguarda, porque acolherá as verdades donde elas surgirem.

Os Espíritos anunciam que chegaram os tempos marcados pela Providência para uma universal manifestação e que, sendo eles os ministros de Deus e os agentes de sua vontade, têm por missão instruir e esclarecer os homens, abrindo uma nova era para a regeneração da Humanidade.

Foi essa a razão das mensagens dadas a Allan Kardec, é essa a finalidade do Espiritismo.

* * *

RÉPLICAS E PROIBIÇÕES

Allan Kardec previu que surgiria no Espiritismo a diversidade no pensamento; que várias opiniões poderiam cindir os espíritas:

> "Uma questão — **dizia ele** — que se apresenta à primeira vista, é a dos cismas que poderão nascer no seio da doutrina. O Espiritismo será deles preservado? Não, seguramente, pois que terá, principalmente, no começo, de lutar contra as idéias pessoais, sempre intransigentes, tenazes, difíceis de se harmonizarem com as idéias de outrem, e contra a pretensão dos que querem ligar, a todo o custo, o próprio nome a uma inovação qualquer, que inventam novidades só para poderem dizer que não pensam e não fazem como os outros, ou porque o seu amor próprio se revolta por terem de ocupar um lugar secundário".

Essas idéias particulares podem estar erradas, e pior que isso, podem ser nocivas à doutrina. É necessário, pois, corrigí-las; cumpre também mostrar os equívocos, os erros, ou mesmo as falsidades dos que, por espírito sectário, atacam, agridem ou conspurcam a doutrina espírita.

Se ficarmos de braços cruzados, deixamos, na melhor hipótese, que paire a dúvida sobre os princípios que defendemos.

Viver é lutar, diz uma estrofe de Gonçalves Dias. E de fato, os que não lutam sucumbem. Mas a luta, em Espiritismo, é apenas movimento, e esse movimento significa a propaganda em torno dos Ideais que os Espíritos trouxeram a Allan Kardec. A parada é a estagnação, a deterioração.

Há os que profligam a discussão: estes são os estagnícolas; querem a calma dos marnéis. E proclamam, então, o dever de nos mantermos, no que toca à religião, em santo

silêncio; essa postura seráfica é a única que acham compatível com a atuação dos anjos. Nunca se viram os anjos discutindo, desde que Lúcifer e os de sua facção foram vencidos e esmagados para a pacificação do Céu e a eliminação das discussões.

E essa imagem dos anjos que não discutem deve ter grande influência em nossa orientação doutrinária, visto que somos anjos em potencial, ou anjos *in fieri*, anjos do bando de Gabriel, e os que discutem devem ser anjos rebeldes, prontos a serem precipitados na Geena ou nos mundos em que se rangem os dentes.

Lá que os nossos princípios sossobrem no mar proceloso das contestações, dos ataques, das negações, das mentiras, das maquinações cavilosas, isso é nada; o que se deve é conservar a primitiva resignação cristã, abaixar a fronte como compete aos humildes e deixar que toda a nossa construção venha abaixo ao sopro do vendaval adverso, ao ímpeto do furacão das paixões sectárias ou dos interesses contrariados.

Nada de responder aos contraditores; que destruam o que há tanto tempo e com tanto labor vimos edificando. O ideal é voltarmos às catacumbas, com santa paciência esperar a catanada dos adversários e, do mesmo passo, a conseqüente recompensa divina.

Pena é que já não possamos reviver o espetáculo dos circos romanos; deveria ser um gozo espiritual vermo-nos transformados em tochas vivas, como nos jardins de Nero, ou servir de pasto aos leões esfaimados. Que graça, a de nos mirarmos uns aos outros nas garras das feras e sentirmos os corpos dilacerados! Pois que já não queimam as criaturas, para a glória dos crentes, que se queimem os nossos postulados na arena da mentira e da difamação.

Nossos princípios são um combate aos sentimentos e atos inferiores; têm por fim livrar a humanidade dos erros que conduzem a inevitável desgraça, se nele persistirmos. Aniquilados os princípios está aniquilada a Causa e demolida toda a nossa ação construtora. O que procuramos é demonstrar, diante de impotente acervo de fatos, com a esmagadora demonstração que o fenômeno nos fornece, que seremos vítimas de nossos erros, se os não dominarmos, e que só nos tornaremos felizes se os conseguirmos expungir de nossas almas. O que se busca, pelos nossos axiomas, com as nossas leis, diante de nossas provas, é a regeneração humana.

Tal caminhada, se não nos tem custado o sangue, como outrora, tem-nos custado, entretanto, muito esforço, muito suor e até muitas lágrimas. Pois deixemos tudo ir ao abismo; que se perca todo o nosso zelo, que se esgote, em pura perda, toda a nossa energia, mas que fiquem de pé os maiores disparates e que se mantenha o repouso dos que aspiram entrar no Céu pela porta do comodismo.

A réplica exige trabalho, conhecimento, lógica, estudo... Obriga a muitas canseiras. Está visto que é muito mais simples cruzar os braços, esticar as pernas e deixar o barco ir vogando ao sabor da corrente. Isto é que estão pedindo os nossos ócios e os nossos ossos. Sombra e água fresca.

Lembremo-nos de Pasteur. Deve-se-lhe o surto da microbiologia. Seus trabalhos sobre as fermentações produzidas pelos germes específicos e sobre a profilaxia produziram uma revolução em Medicina e sobretudo na arte de curar. Contra Pasteur surgiram os obscurantistas de sempre e buscaram ridicularizar-lhe os trabalhos.

Que deveria ele fazer? Era deixar campear a ignorância; e a humanidade que continuasse vitimada pelas doenças infecciosas.

O Dr. Semmelweis, assistente do Professor Klin, foi nomeado diretor da Maternidade do Hospital de Viena. E ele verificou que em 100 mulheres grávidas 96 morriam de febre puerperal. E notou, então, que o caso era devido à falta de higiene. Propôs a Klin, o chefe do Serviço, para evitar tão grande letalidade, apenas isto — que todos os que tivessem contacto com as parturientes lavassem as mãos.

Klin recusou categoricamente. Klin *refusa net* — diz o historiador. Estudantes, médicos, parteiras, assistentes e até mulheres tomaram-lhe horror.

Está claro que, em vez de insistir na sua profilaxia, o que cabia ao médico vienense era deixar que as futuras mães se arranjassem da melhor maneira com o Klin, com a febre e com os cirurgiões de mãos sujas. Que a eclâmpsia continuasse a fazer os seus estragos, e se os outros não lavavam as mãos, ele, como Pilatos, lavaria as suas. Isto é que era!

Quando Paul Broca, cirurgião nos hospitais de Paris, expôs suas observações sobre a hibridez, na Sociedade de Biologia, Rayer, seu presidente, ordenou-lhe que pusesse fim às suas observações, pois que estava mexendo com a religião.

Se ouvisse os sábios e prudentes conselhos de nossos amigos, inimigos de controvérsias, não teria fundado a Sociedade de Antropologia, onde demonstrou o acerto de seus estudos e tantos benefícios trouxe àquela Ciência. Era conformar-se com o Rayer e deixar a religião tranqüila.

Benjamim Franklin veio com a novidade de ter descoberto a identidade do raio e de lhe obstar aos perigos. Foi uma risada geral.

Pois devia ter seguido os nossos avisados mestres espiritualistas e deixar uns a rirem e outros a morrerem fulminados.

Perdia a Ciência uma grande descoberta e os mortos a preciosa vida, mas ficava de pé a doutrina do silêncio, que há de salvar a nós e imortalizar os seus propugnadores.

* * *

Nunca Allan Kardec foi partidário desse sistema redentor, salvo os casos em que a insídia e a má fé não merecessem resposta, ou os indivíduos, por sua incultura, não pudessem compreendê-la.

Na Introdução ao "Livro dos Espíritos" replica aos opositores:

> "Como tudo que constitui novidade, a doutrina espírita conta adeptos e contraditores. Vamos tentar responder a algumas das objeções destes últimos, examinando o valor dos motivos em que se apoiam..."

E Kardec não receiou macular a alma replicando aos contraditores e procurando esclarecê-los.

Em "Obras Póstumas" há um capítulo inteiro com o título: — *Ligeira resposta aos detratores do Espiritismo.*

No mesmo livro, Kardec estabelece a Constituição do Espiritismo. E no capítulo IV, entre as *atribuições principais*, apresenta a seguinte:

> "7 — O exame e apreciação das obras, dos artigos de jornais e de todos os escritos que interessem à doutrina; a refutação dos ataques, se aparecerem".

No Gênese diz ainda Allan Kardec:

> "A doutrina de Moisés é absoluta, despótica; não admite discussão e impõe-se a todo o povo pela força. A de Jesus é essencialmente conselheira; é livremente aceita e só se impõe pela persuasão.
>
> "Era sujeita a controvérsias, mesmo em vida de seu fundador, que não desdenha discutir com seus adversários **(que ne dédaigne pas de discuter avec ses adversaires)**"

E mais adiante:

> "O Espiritismo se abstém de revelar o que o homem pode achar por si próprio, deixando-lhe o cuidado de **discutir**, de fiscalizar e de submeter tudo ao crivo da razão'" (No capítulo sobre o **Caráter da revelação espírita**, ns. 49 e 50).

Como se vê, o Codificador, não só deixava de condenar as réplicas, senão que a recomendava.

Estabeleça-se, portanto, a *boca fechada*, a indiferença à ação demolidora dos adversários, como uma opinião particular, que um qualquer terá o direito de possuir, nunca porém como princípio doutrinário.

Tratemos de outra novidade surgida em alguns meios a respeito, e essa novidade é a condenação da música em sessões, em reuniões, em conferências, em solenidades, em estudos espíritas.

Não perderemos tempo em trazer para aqui, no apoio às manifestações de arte, tudo o que elas produziram e produzem para a espiritualidade; o que se tem escrito sobre o seu valor e sobre a sua contribuição no progresso do Espírito; como tem concorrido para as suas alegrias, para a boa ambiência, para a concentração, para o desprendimento, para o melhor rendimento nos exercícios, nos trabalhos, nas práticas do Espiritismo.

Limitar-nos-emos a afirmar que aquela condenação não faz parte do ensino dos Espíritos, antes, declarava um mensageiro a Allan Kardec:

> "Já vos foi dito que haverá um dia a arte espírita como houve a pagã e a cristã".

Para chegarmos a esta Arte, para compreendermos a arte superior, para que nos deleitemos com as representa-

ções miríficas da natureza, é mister que iniciemos na Terra o nosso aprendizado, que apuremos o gosto, que nos familiarizemos com os verdadeiros Mestres.

Arte é sensibilidade. É um fator de aprimoramento da alma, e, em vez de condená-la, cabe-nos estudá-la, compreendê-la, estimá-la. Ela nos prepara para indizível e surpreendente felicidade espiritual, que é a de poder ver, escutar e sentir os deslumbramentos que o Criador nos oferece nos quadros maravilhosos do Espaço.

* * *

DA GÊNESE DOUTRINÁRIA

Segundo Allan Kardec só poderão ser aceitos como princípios doutrinários aqueles que se fundarem na generalidade do ensino dos Espíritos. Ele nos apresentava esta lei na seguinte forma:

"Apesar da parte que incumbe à atividade humana na elaboração da doutrina, a sua iniciativa pertence aos Espíritos; ela, porém, não é formada pela opinião pessoal de nenhum deles; não é nem pode ser senão o resultado do ensino coletivo e concordante. Só com esta condição pode chamar-se de doutrina dos Espíritos; de outra forma, não teria mais que o valor de uma opinião pessoal". Allan Kardec, — La Gènese — 1868 — *Introduction* — Pág. III.

Era esta a opinião do Codificador, opinião que se impõe por sua clareza e sua lógica.

Todos aqueles, porém, que possuem idéias pessoais ou pontos de vista particulares, ou que lêem por determinadas cartilhas, ou que têm os seus livros do peito, suas mensagens especiais, acham-se em desacordo com aquele princípio, visto que ele lhes contraria o desejo de ver incorporada à doutrina a tese que lhes é particularmente afeiçoada.

E argumentam, então, apontando os erros humanos, as falhas que apresentam as manifestações coletivas, a inépcia das idéias que emanam das multidões...

Compreendemos, perfeitamente, a tendência dos nossos semelhantes em apresentar como verdade aquilo no que eles crêem; os mais aptos procuram justificar, como podem, a sua crença, e lançam mão dos argumentos com que julgam apadrinhá-la.

Aquela tendência é perfeitamente humana, o que não quer dizer que esteja perfeitamente certa.

Primo loco, é preciso distinguir entre o fato e a idéia.

Admite-se em Espiritismo o fato quando ele tem em seu abono o têstemunho geral; quando milhares de indiví-

duos declaram ter visto, observado tais ou quais fenômenos, ou adquirem a certeza deles pelas experiências a que se entregaram, parece que já não é crível a dúvida. E isto que se dá na Terra deve acontecer no Espaço.

Se cinco, dez, cem ou mil pessoas, em pontos diferentes, nas mais diversas regiões, em várias épocas, nos declaram ter visto a mesma coisa, seria risível a negação. O cepticismo, no caso, só poderia ser fruto de fanatismo.

Ilustremos a passagem.

Quando, em todas as manifestações do Além, vemos um suicida tomado de insopitável angústia; quando os manifestantes são concordes em suas declarações; quando, como soi acontecer, os identificamos, por forma a saber quem eles são e não poder duvidar do que nos dizem; quando lhes vemos pintadas nas lágrimas e nas agonias, a prova do que nos afirmam; quando isto acontece com todos os Espíritos em tais condições, qualquer que seja o meio em que apareçam, salvo raras exceções, aliás explicáveis, será levar o sectarismo a inconcebível extremidade declarar que tais expressões merecem desconfiança porque pode haver no Além uma respeitável malta de burladores; estes existiriam, pelo visto, desde o princípio do Mundo, espalhados por todos os seus rincões, com a incumbência de iludir a humanidade, e com uma habilidade tal, que nem Allan Kardec lhes escapou, nem ninguém escaparia, pois os processos usados para enganar seriam os mesmos que conhecemos para convencer; os de que se utilizariam para o estabelecimento da mentira seriam os mesmíssimos que a razão adota para o estabelecimento da verdade.

Analisemos outros fatos com o cunho da universalidade, as vestes, por exemplo. Onde quer que se veja um Espírito, seja um missionário, seja um santo, seja uma alma penada, ele se encontra vestido. Essa vidência generalizada comprova o ensino de que os corpos astrais se revestem de um indumento. Daí o princípio.

Mais exemplos:

Sabe-se que a luminosidade do Espírito depende do seu adiantamento. Desde a mais remota idade se nota esse fenômeno; a luz do espírito superior é ofuscante, a do inferior é triste de ver. O fato ficou tão patente, que o ser adiantado se chama espírito de luz, enquanto o atrasado é tido pelo espírito das trevas.

Esses espíritos trevosos fazem o mal; manifestam-se ruidosamente; perturbam, obsidiam; têm aspecto deplorá-

vel, por vezes horripilante; onde se acham produzem mal-estar. Inteiramente diverso é o que se nota com os bons Espíritos. São belos, calmos, dão os melhores conselhos, encaminham, beneficiam, produzem um ambiente que será tanto mais tranqüilo e agradável quanto maior for a sua evolução.

Essa observação generalizada, quer pela visão, quer pela audição, quer pela sensibilidade; a voz da História que menciona os fatos da mesma forma; toda a lição dada pelos Espíritos a Allan Kardec, inteiramente acolchetada ao testemunho universal, leva-nos não à crença, mas à convicção da classe dos Espíritos; a de que há Espíritos superiores e inferiores; a de que aqueles fazem o bem e estes o mal; a de que uns são felizes e outros sofrem.

Haurimos esse conhecimento, do ensino coletivo, tal como prescrevia o Codificador.

A acreditarmos que ele seja falso, segundo a tese que principia a ser sustentada, teríamos que indagar como poderiam os velhacos do Além usar de tais artimanhas, a ponto de tomarem formas luminosas, transformarem um ambiente num campo de paz e quietação, distribuirem as mais belas lições de moral, do mesmo passo que nos elucidariam sobre certas passagens evangélicas, apresentando-as com uma lógica irresistível aos maiores apaixonados.

E essa turma de burlões, qualquer que seja o fato que nos mostre, com o aspecto de ensino generalizado, estaria incumbida, não só de destruir as nossas concepções em matéria de prova, senão tudo em que se funda o Espiritismo. Solapada a sua base, pelas dúvidas oferecidas ainda mesmo pelos nossos próprios correligionários, manter-se-iam vitoriosos os nossos adversários nos diversos setores religiosos; e estaríamos, não só sob o guante do Pai da Mentira, como, a igual dos diversos credos, inteiramente ao sabor das determinações pessoais ou de um provável "Espírito Santo"; a nossa doutrina já não teria o esteio do fato, já não seria *sulla base dei fatti*, como dizia Bozzano, mas sob a base movediça da fé, e teríamos tantos princípios quantos fossem os guias e os instrutores das inúmeras agremiações que por aí existem.

* * *

Vejamos, agora, o argumento onde se diz que não há confiar nas idéias do povo, e por isso nas do Espaço, visto que a massa é irresponsável e ignorante, e tem se visto sairem do seio das multidões os maiores disparates.

Verdade é essa indiscutível, não há que ver, mas que nada tem com a nossa tese.

O que se tem como tese é o testemunho, de um lado; testemunho que será tanto mais válido, quanto maior for o seu número; e do outro lado, as idéias, os princípios, quando emanados de vários *Espíritos Superiores*, a exemplo do ensino nas obras da Codificação, princípios esses quase sempre reforçados por outros elementos de prova.

Em regra, baseamo-nos, não nas idéias, mas nos fatos. Estes é que dão origem àquelas. Do fato extrai-se a idéia, e, conseqüentemente, a doutrina.

Se os Espíritos nos contam que se transportam rapidamente, a menos que, por prova, se sintam prisioneiros, e se demonstram a asserção, dizendo-nos imediatamente o que viram a distância, temos um fato; se ainda o verificamos entre os vivos, pelo fenômeno do desprendimento, do desdobramento ou da bilocação; se já os Espíritos prepostos deram o ensino a Kardec, não teremos dúvida em inscrevê-lo entre os princípios doutrinários verificáveis; entre os pontos fora de dúvida.

Há idéias, portanto, que dimanam dos fatos.

Quanto às que parecem refletir a instabilidade do pensamento das multidões, estas morrem e não persistem através dos tempos, nem há para fortificá-las o tônico das demonstrações convergentes.

Outras há, porém, em que as divergências ou as dúvidas provém de pouco estudo ou de nenhum conhecimento do caso.

Vamos demonstrá-lo e tomemos para exemplo a reencarnação.

Os Espíritos e espiritistas latinos são unânimes na aceitação da Palingenesia. Mas o mesmo não acontece com os anglo-saxões.

Entretanto, Bozzano e outros se deram ao meticuloso trabalho de examinar as grandes mensagens provindas dos melhores médiuns de língua inglesa. Tem-se, necessariamente, como grandes mensagens, as de profundas lições morais, filosóficas ou científicas; as de irrefutável notoriedade pelos ensinos que ministram, pelo que revelam, pelos segredos que descobrem, pelos mistérios que desvendam, pelas verdades que estabelecem, devidamente comprovadas.

Nelas é que se firmou Bozzano e outros que lhe seguiram as pegadas.

E os pesquisadores perceberam que, ao contrário do que supõe o vulgo, as manifestações dos Espíritos notáveis são velada ou francamente a favor das vidas sucessivas.

No caso, seria o mesmo que perscrutarmos, aqui, a opinião dos inscientes sobre determinado assunto e depois examinarmos o que dizem os entendidos a respeito do mesmo.

Necessariamente, é o juízo destes e não o daqueles que deve ser tomado em linha de conta. É esse o nosso critério em matéria espírita.

Temos, ainda, a favor da tese, além da quantidade e da qualidade, vários outros elementos necessários a construirem a prova crucial. E, assim, vêem-se enfileirar em robustecimento da matéria, variadíssimos fenômenos. Quanto à reencarnação teríamos o das crianças-prodígios; o da recordação do passado; o do já visto, já ouvido, já sentido; o dos sonhos retrospectivos; o das transformações fisionômicas, mostrando o tipo anterior; o dos Espíritos que comunicam a sua volta e dão sinais comprobantes, ou que mais tarde se verificam; o das comunicações e avisos vários; o das crianças que referem, com estupefacientes pormenores, a vida pretérita, e assim por diante. Reuna-se tudo à generalidade do ensino, e temos, então, por certo, que a reencarnação é um princípio demonstrado, e, portanto, parte do nosso corpo doutrinário.

O que não seria curial é deixar de lado toda essa demonstração, só por acreditar-se possível aos mistificadores perpetrarem essa fraude de proporções abissais, e ter-se como verdadeira uma hipótese singular, sem qualquer esteio probante, e cujo único mérito é incidir no ângulo de determinada crença, é calhar com a maneira particular que tal ou qual crente encara certo assunto ou mesmo algum assunto incerto.

Teríamos, então, esse caso extraordinário, senão espantoso: tomar-se, como prenhe de dúvidas, um ensino proveniente de diversíssimas fontes, firmado, por vezes, em bases graníticas e já com a pátina indelével dos tempos, ao passo que se teria como indiscutível verdade as opiniões sem o fundamento da prova e, bastas vezes, sem vestígio de lógica, com a virtude, apenas, de corresponder ao estado emotivo dos que as emitem.

E aí têm porque é de grande valor o raciocínio; é que o raciocínio nos conduz a porto seguro. Dizem-nos que ele varia conforme o raciocinador. Há, de fato, os bons e maus

raciocínios, se se pode chamar de raciocínio uma ruim elaboração mental. Entretanto, se há raciocínios que falham, aí estão os indivíduos de alguma cabeça, para notarem as falhas desses raciocínios e verificarem onde está a sã doutrina. Pode alguém raciocinar errado, porém não é difícil apanhar o erro. A razão acabará impondo-se.

Quando o indivíduo julga de acordo com suas inclinações faciosas, só será acompanhado por aqueles que lhe seguirem a trilha, pelos que se acharem no mesmo plano de idéias, quaisquer que sejam elas e por menos sustentáveis que pareçam. Quando, porém, o raciocínio se acha devidamente estabelecido e não é possível derrocá-lo, força é aceitá-lo, e os raciocínios contrários se desfazem ao simples embate, como se desfazem as vagas de encontro às rochas batidas por elas.

São, portanto, sem valor, os raciocínios onde não entra a razão. E, felizmente que assim é, pois que se assim não fosse, o que reinaria, eternamente, era o caos no domínio das idéias, e um dos mais belos predicados a nós outorgado pelo Criador, que é a razão, e pela qual o espírito se encaminha para o descobrimento da Verdade, seria, igualmente, a mais bela inutilidade saída das forjas da Criação.

* * *

PARTE II

OBJEÇÕES

De quando em quando, como vimos, surgem os ataques pessoais a Allan Kardec e os ataques gerais à doutrina espírita. Pretendem os adversários, para fazer face ao rápido avanço do Espiritismo — e nunca é demais repetí-lo —, arranjar a melhor maneira de desacreditá-lo; e o fazem por todos os meios possíveis; daí o ataque indiscriminado e às vezes cego à doutrina e ao suposto doutrinador. Dizemos suposto, porque não é aquela, feitura de Allan Kardec, mas dos Espíritos que a ditaram, sendo seu mérito, coordená-la, codificá-la, comentá-la, anotá-la e verificar-lhe a autenticidade pelos métodos exaustivos que empregou.

Já gastos os velhos chavões sobre a fraude dos médiuns, esgotada a imaginação no mostrar como *a coisa é feita*, isto é, como os médiuns conseguem burlar, ainda os mais hábeis experimentadores ou os sábios mais avisados, entram a folhear os livros da Codificação, a examiná-los por todas as faces, a vasculhar-lhes os cantos, a fim de descobrir tolices e contradições, que apontam, vitoriosos, esperando que a Humanidade abra os olhos em tempo e não se deixe ludibriar, tanto pelos médiuns como pelos livros. E toca a apontar dislates, absurdos, contradições, heresias, esperando os argutos censores que depois de tão salutar espanadela já não pairem dúvidas sobre o logro em que estávamos caindo.

Depois daí é voltarmos ao edificante ensino da vingança de Deus, da ira de Deus e do arrependimento de Deus, por ter feito a espécie de que fazemos parte e o mundo em que estamos metidos, os quais não se consegue melhorar, mundo e espécie, nem tendo constantemente à vista o Livro Divino das Escrituras e o cenário trágico do fogo eterno, sem já falar na perspicácia dos doutos censores e nos ensinamentos da Teologia.

Lá vai um século em que perduram as lições dos Espíritos, sem que a crítica demolidora consiga abalá-la. Lá

vai um século que os nossos esclarecidos antagonistas, cheios de filantropia, prenhes de zelo, tomados de verdadeira ansia salvadora, procuram mostrar a grossa mistificação que é todo o Espiritismo, com a sua pedra angular — O Livro dos Espíritos.

E não só esta obra, como as demais, como todo o corpo doutrinário, continuam a resistir aos esforços desesperados por aluí-los.

Há algum tempo escrevemos o livro "À Margem do Espiritismo", refutando os doutos de várias categorias que espiolhavam erros nos livros básicos. Mas a busca não cessa. *Tout passe, tout casse, tout lasse;* só não passa, desfaz-se ou cansa a pertinácia dos contraditores, quer nos surja em forma de avisos, com o intuito honesto de encaminhar ao redil as ovelhas tresmalhadas, quer no tom amigo do conselho, em estilo paternal, quer irrompa de púlpitos e cátedras, com o ímpeto das objurgatórias, onde não faltam as ameaças e os desaforos, do mesmo passo que os espíritas são apresentados como perturbadorees e desiquilibrados. Há de tudo nas forjas da oposição sistemática. Vai-se da palavra suasória à violência. É que, às vezes, a paciência se esgota e não há como conter ou estuchar o calor da indignação.

Estamos aqui, por isso, sem procurar seguir as pegadas dos nossos contraditores no campo das diatribes, nem exercer represálias, nem vingar as contumélias. Este capítulo tem por fim explicar as dúvidas e não nos encher de dívidas; desejamos rebater as inverdades e mostrar os enganos, ainda não tratados em obra anterior, deixando de apontar os autores, porque é o esclarecimento que nos interessa e não o nome do atacante.

Quando, digamos de começo, eles falam do ensino dos Espíritos como se eles fossem de Allan Kardec, o fazem de caso pensado, e muito de indústria. Dir-se-ia que foi Kardec quem escreveu aquilo tudo, que nos trouxe uma nova Filosofia, quem inventou os princípios, quem arquitetou uma doutrina... Tudo teria saído de sua cabeça. Assim, "O Livro dos Espíritos" não passaria da lucubração de um desocupado. E é destarte que se expressam: — Conforme disse Allan Kardec... Allan Kardec escreveu... De acordo com Allan Kardec... — E por mais que se esforcem os espiritistas em explicar que a doutrina é dos Espíritos, fica ela, na boca e na pena dos detratores, como sendo de autoria daquele que apenas a codificou, e que a esclareceu,

quando muito, nos pontos em que o esclarecimento lhe parecia necessário.

É fácil de perceber a manobra. Já se veria como uma grande mistificação o fato de Kardec apresentar como dos Espíritos aquilo que era dele. Além disso, uma doutrina dos Espíritos, trazida do Alto, concordante e uniforme, apesar da multiplicidade das comunicações, apresentando-se como um monolito, não seria fácil de atacar. Aquela fonte dos Espíritos poderia seduzir. O privilégio de partir de um manancial puro, de provir de quem poderia conhecer o assunto e saber o que estava dizendo; de partir do Espaço e dos Espíritos, poderia levar muita gente, *atraída pelo sobrenatural*, a acreditar nas lições ministradas. É o que não convinha. Entretanto, a filosofia de um homem, falível por ser humana, sem dúvida nenhuma seria combatida com muito mais facilidade e felicidade. Parte daí a sem-cerimônia de atribuir-se a Kardec o que promana dos Espíritos Superiores.

Isto posto, passemos ao libelo.

* * *

OBJURGATÓRIAS

Como se sabe, Allan Kardec estabeleceu, para a aceitação de um princípio espírita a generalidade e a concordância da comunicação, tendo-se ainda em conta o critério da linguagem e da lógica.

Os teólogos resolveram botar isto abaixo e um deles revida:

> "Se os espíritos são capazes de todos os ardis, como não poderão usar de um modo de falar digno e nobre?"

Antes do mais, os Espíritos Superiores não são capazes de todos os ardis, nem mesmo de um só; repare-se ainda que o princípio não fica à mercê do critério da linguagem, senão que ainda se exige, para que seja firmado, o da generalidade e concordância.

Quanto aos velhacos, não se sabe que seja comum entre eles a linguagem digna e nobre. Além disso, o critério da linguagem nunca foi apresentado com foros de infalibilidade. Não há quem tome como definitiva uma assertiva medianímica por este simples critério. Ele é apenas um dos processos orientadores.

Notemos um exemplo terra-a-terra, capaz de elucidar, não dizemos os oponentes, que os apaixonados e muito menos os sectaristas, não se elucidam com coisa alguma, mas quem nos ler.

Vamos que se diga — conhece-se um homem de educação pela sua linguagem. Verdade é esta inegável. Se há alguns deseducados bem falantes, estes formam a exceção, ou uma flagrante minoria, facilmente desmascarável. Logo se sabe, por este ou aquele deslize, por tal ou qual descuido do falador, com quem se está falando. Já dizia o prolóquio — *chassez le naturel, il reviendra au galop.*

O principal ensino aqui, entretanto, não é a aceitação de tudo o que se receba na linguagem polida, mas a rejeição daquilo em que ela não o é.

Não podem negar, os que estão familiarizados com os trabalhos psíquicos, que as boas comunicações se revestem de um estilo grave, sereno, ponderado, enquanto as levianas, por maior que seja a cautela ou a astúcia do comunicante, traem a sua origem.

O mesmo na questão da lógica e do bom senso, que servem de elementos para a verificação da fonte transmissora.

O elementos básico, entretanto, é o da generalidade e concordância. Não há fugir daí. Para este, porém, um opositor apresenta o seguinte escachante raciocínio:

> "Seria um critério relativamente fácil e aplicável: comparar as milhões de comunicações de milhares de centros e tudo aquilo em que todos os espíritos estiverem concordes, seria admitido como verdadeiro; o mais seria rejeitado como falso... A. K. quer dar aos seus leitores a impressão de que tudo que ele propõe em seus livros definitivos passou por esse critério".

Antes de continuar na citação, declaremos desde logo, que seria um erro deplorável a rejeição, como falso, de tudo o que não participasse daquele critério de unanimidade. Falta de critério seria essa afirmativa, porque podem ser verdadeiros conceitos isolados, lições de que não participem vários comunicantes. O que se diz, não é que elas sejam invariavelmente falsas, mas que só podem ser erigidas em princípios doutrinários, e geralmente aceitas, quando obedecerem ao mencionado critério. Uma teoria sem base é apenas uma teoria indemonstrável, o que não quer dizer que não possa ser demonstrada algum dia, e por isso se tornar aceitável por todos, visto se achar firmada pela prova. Estabelecido isto, continuemos a examinar a *crítica:*

> "A primeira pergunta que nos ocorreria fazer seria: Concordância geral de que espíritos? De todos? Também dos maus, travessos e galhofeiros? Mas se o espírito não apresenta carteira de identidade? E demais agasta-o toda a questão que tenha por fim pô-lo à prova. Depois, imaginemos um milhão de mensagens..."

E entra a perguntar como Kardec, que começou a receber mensagens em 1855, já tinha pronto um livro dois anos depois. Quer saber como um matemático explicaria isso. Necessariamente, Kardec teria que folhear um milhão de mensagens.

Não sabemos como um matemático explicaria isso, mas um jurista ensinaria ao pedagogo que, em direito, duas testemunhas concordes são bastantes para fazer prova. Metamos um exemplo:

Se algumas pessoas vindas dos Estados Unidos, em diferentes navios, sem se conhecerem, e impossibilitadas de armarem uma patranha, nos dão informes precisos sobre determinados acontecimentos, acolchetando-se em todos os pontos os seus depoimentos, não há necessidade de examinar os milhões de passageiros que teriam vindo dos Estados Unidos e pôr-nos a analisar, a comparar, a estudar, a meditar sobre os seus relatórios. Ou então, para termos a certeza do fato, entrarmos a examinar o depoimento dos duzentos milhões de cidadãos que povoam o solo americano. Provavelmente, quem a tal se predispusesse, para o fim de ter uma convicção, passaria por mentecapto.

Pois é isto que não pode largar de vista o emérito crítico, ou só pelos milhões é que pode perceber a generalidade e a concordância, como se generalidade fosse unanimidade e concordância só se pudesse estabelecer ouvindo-se todos os viventes, sobreviventes ou mortiviventes.

Pergunta-nos se a concordância é só dos bons. Conforme. Depende do gênero das comunicações. Se o Espírito se apresenta como um sofredor, o mau é um testemunho valioso, pois os maus são os que mais sofrem. E, se de todas as partes eles nos falam em seus sofrimentos e suas maldades, temos estabelecida a lei de *causa e efeito morais*. Essa concordância prova a exatidão do princípio. E aí temos concorrendo para ele, não apenas os bons, mas principalmente os maus. Não seria preciso levar o inquérito aos confins do infinito.

O acordo de vários Espíritos, em idades e regiões diferentes, por médiuns que não se conhecem, sobre pontos que não são do domínio comum, não pode induzir-nos em engano, ou então não há mais no que confiar. Para a convicção do que quer que fosse e que dependesse do testemunho, teríamos de ouvir milhões. E só depois de comparar os milhões é que chegaríamos à verdade.

Quem não conhece o assunto é como quem não vê. Ninguém vai examinar milhões de manifestações. Aqueles que estudam a matéria com mão assídua, possuem as suas fichas, os seus arquivos, as suas classificações e vão anotando, nunca milhões de babozeiras anônimas, mas o que se acha nas obras de valor, o que consta de trabalhos célebres, as mensagens autenticadas, as que provêm de Espíritos devidamente identificados, as que são recolhidas em fontes fidedignas. Não é uma escolha às cegas, nem uma coleção anárquica ou caótica. É um trabalho meticuloso de pesquisa em fontes seguras. Assim fizeram Bozzano, Myers, Geley, Cesar de Vesme e tantos quantos se dedicaram a tais trabalhos, com o fim de construir, que não o de arrasar.

Cai, pois, por terra, toda aquela história de espíritos galhofeiros e demais tábuas de náufrago a que se apegam os opositores, quando buscam mostrar que não há distinguir entre as mensagens de galhofa e as mensagens sérias. E ficam por aí galhofando, sem atinarem com a seriedade e a gravidade solene da Revelação.

Há, além da concordância, da generalidade e da lógica, outros elementos probantes, de que está repleta a história do Psiquismo, que enchem os nossos anais e que formam o conjunto da enorme e variada fenomenologia psíquica paranormal. A consonância de tudo isso só trará dúvidas a quem não tiver o espírito livre.

* * *

Declara Kardec que o ensino não foi dado integralmente; diz ele respeito a tão grande número de observações, a assuntos tão diferentes, exigindo conhecimentos e aptidões especiais, que os Espíritos dividiram o trabalho, assim como em algumas fábricas a confecção do mesmo objeto é repartida por diversos operários. Pois caiu o Kardec na ratoeira. É o que queria o oponente E então exclama, lesto:

> "Quer dizer que houve colaboração de muitos espíritos mas não consentimento unânime, coletivo, de todos os espíritos, em todas as partes... Os espíritos dividiram o trabalho como nas fábricas..."

Essa divisão do trabalho não a entendeu o opositor. Para haver concordância crê ele que é preciso que toda a gente faça a mesma coisa. Imagine-se, numa fábrica de fia-

ção, todos os operários na maçaroqueira... Certamente, a secção da fiação, a de dobação, as urdideiras, a estamparia, a de empacotamento, tudo isso ficaria à matroca.

Não sabe ele o que é a colaboração, conforme a competência dos colaboradores. Se precisarmos de informes sobre Biologia, Anatomia, Fisiologia ou Psicologia, teremos, necessariamente, que ouvir os biologistas, os anatomistas, os fisiologistas ou os psicólogos. É este o espírito do texto de Kardec. A divisão do trabalho ou o trabalho por equipes não foge à concordância. É a generalidade por parte dos especialistas.

No Livro dos Espíritos escreveu Kardec:

"Mais de dez médius prestaram concurso a esse trabalho". E um sacro escritor:

> "Portanto os milhões foram sensivelmente reduzidos; agora são mais de dez"

Mas esses *milhões* é afirmativa do Kardec, para agora contradizer-se com os dez, ou saíram da cabeça do escritor sacro?

Vejamos. Se dez indivíduos concordam quando testemunham coisas incomuns, não sabemos porque duvidar. Suponhamos que esses dez indivíduos, em meios diferentes, declaram ter visto um homem alto, de cavanhaque, com casaca vermelha e botões amarelos, botas de montar e bigodes à Guilherme II, e ainda por cima com uma gravata branca de laço; se são perfeitamente iguais as suas declarações, embora inteiramente desconhecidos uns aos outros, seria preciso, para haver certeza daquilo, isto é, do laço, da gravata, do cavanhaque, dos bigodes espetados, das botas, da casaca, dos botões e da altura do homem, que milhões de pessoas o viessem atestar?...

Na opinião do crítico, ou milhões ou nada. O testemunho passou a ser coisa nula.

Está agora respondido, pela pena do próprio Kardec, a razão por que, recebendo ele mensagens em 1855, já tinha pronto seu livro dois anos depois. E se o crítico sabia que foram dez os médiuns de que se serviu, não se entende a sua perplexidade, nem o seu matutar na maneira por que um matemático poderia explicar aquela rapidez.

Além disso, Kardec é um caso especial. Ele foi o missionário incumbido da Codificação. Pela sua missão, viu-se rodeado de médiuns honestos e Espíritos Superiores. Não

havia necessidade do milhão. O futuro, com as demonstrações que se seguiram, trouxe-nos a prova irretorquível dos pontos capitais da doutrina.

* * *

Continuou Kardec:

"Da comparação e da fusão de todas as respostas, coordenadas, classificadas e muitas vezes remodeladas..."

E o censor, escandalizado:

> "Remodeladas por quem, com que competência, com que autoridade e autorização?"

Remodeladas pelos mesmos Espíritos que trouxeram as mensagens.

Os Espíritos vinham, por vezees, retificar ou esclarecer o ensino, quando havia algum lapso ou má audição por parte do médium. Outras vezes, a intervenção era do próprio Kardec. Não saiu nada, porém, de sua cabeça, a não ser os comentários que ele apunha, em letra diferente, sob as comunicações, com a declaração devida.

Quando fala em comparação e fusão é porque era preciso uniformizar os textos e o contexto. As mensagens não vinham padronizadas. Cada um a dava com seu estilo, com sua redação, com sua forma. Ele tinha que pôr aquelas dez mensagens ou aquelas dez respostas, numa só, num só modelo, que não era possível transcrevê-las nas dez maneiras por que foram ditadas. Daí a comparação, a fusão, a remodelação.

O honrado crítico, como outros críticos não menos honrados, não pode compreender isto.

REENCARNAÇÃO

No que toca à reencarnação são notáveis os argumentos. Ouçamo-los:

> "De todas as contradições que se notam nas comunicações dos Espíritos, uma das mais frisantes é a que diz respeito à reencarnação".

E entram a enumerá-las:

> "Os espíritas anglo-saxões, que dizem ter recebido suas doutrinas dos espíritos, não admitem a reencarnação".

Já estudamos este ponto no livro *Evolução*. Ele ficou amplamente explicado e debatido, de sorte que seria redundância voltar ao assunto. *Non bis in idem*, dizia a velha sabedoria latina; vamos pois a outro, ainda no capítulo da reencarnação.

Disse Kardec que a palingenesia é aceitável, não somente porque vem dos Espíritos, mas por ser lógica, e porque resolve questões até então insolúveis. E logo sai a crítica em entusiástica e esmagadora coartada:

> "Allan Kardec, portanto, nos diz que é reencarnacionista, não porque os espíritos revelaram, mas pelas razões de ordem filosófica".

Não foi isto o que Kardec disse. É inexato que afirmasse ser reencarnacionista, não pelo que os Espíritos revelaram, mas o que declarou é que não era *somente* por isso, senão ainda, por motivos outros imperiosos.

Assim, se dissermos acreditar na redondeza da Terra, não *somente* pelo pêndulo de Foucault, mas por várias outras provas, como a mancha redonda que ela reflete nos astros, as viagens de circunavegação, os pontos altos que primeiro se avistam, ninguém achará que Foucault foi posto de lado. As demais provas vêm reforçar o conhecimento.

Pois com a crítica, ou Foucault ou nada.

Estranha-se, ainda, que Kardec declarasse que repeliria a doutrina se lhe parecesse contrária à razão. Foi isso um toque a rebate e se exclama:

> "Estas palavras mostram quanto valem para Allan Kardec as comunicações espíritas. Exatamente nada".

É natural a exprobração. Acostumados à aceitação servil e incondicional dos postulados sectários; avezados à submissão escriturística, ainda que os textos arrepiem pelas atrocidades descritas ou pelas escabrosidades apresentadas, e ainda que certas narrativas façam corar, já não dizemos um frade de Petrópolis, mas um frade de pedra, não podem os adversários do Espiritismo compreender o que é a *Razão* para um homem de consciência, para uma inteligência livre.

Suponhamos que alguém diga se guie pelas leis do país, mas que, se lhe ordenarem um crime, em nome dessas leis, não o cometerá. O que para logo compreenderia, algum menos mergulhado nos dogmas, é que o cidadão colocava o seu horror ao crime acima das leis.

Mas nem as leis o forçam ao delito, nem ele deixa de segui-las. Simples hipótese, ou apenas uma hipérbole, para patentear que o bem deve estar acima de tudo, e o crime não pode ser praticado pelas pessoas de bem. Assim com o Kardec. O que ele queria demonstrar era o primado de uma grande faculdade espiritual — o raciocínio.

O que queria dizer o Codificador é que o fanatismo nunca o tomara. E tendo por bússula, como todos os espiritistas que refletem, a generalidade dos princípios, ainda assim, a sua reflexão o faria repelir o absurdo, o inaceitável, donde quer que viesse. Está no condicional o verbo.

Assim pensam todos os que não se acham acorrentados, e não acobertam o disparate por imposição doutrinária.

* * *

A reencarnação reveste-se de um feixe de provas difícil de destruir. Assim, temos a lição dos Espíritos; ela se repete por toda a parte. Os médiuns anglo-saxões, por uma questão racial, são contrários à doutrina das vidas sucessivas. A posição dos povos de língua inglesa redunda em extraordinária prova favorável à tese reencarnacionista, porque, não obstante essa oposição dos vivos, os comunicantes, nas principais obras, contrariando a opinião dos pacientes e as idéias gerais, afirmam, velada ou claramente, a existência das vidas múltiplas na Terra. Logo, a doutrina não é dos homens, é dos Espíritos.

Há que notar, em prol daquele princípio, a variedade dos fenômenos, já fartamente descritos nas obras psíquicas; enorme gama de fatos a comprovam e temo-la atualmente submetida aos processos científicos da observação e da experiência.

Muitos outros elementos ainda a robustecem. Nota, por exemplo, Eugenio Barrera o caso de Lady Nona, cuja médium, Rosemary, foi estudada pelos famosos egiptólogos ingleses. A revelação de Rosemary, em transe, sobre a reencarnação, deixou perplexos a médium e o celebre Dr. Wood, que fez a narrativa das várias experiências em que tomaram parte vários sábios e especialistas em egiptologia. Cairam por fim as dúvidas. Observa Bozzano que não se podia admitir tivesse Lady Nona afirmado a verdade em tudo que foi verificável, provando, sem contestação, a sua identidade, falando em língua egípcia arcaica, para mentir depois, insulsamente, sobre a sua vida anterior e a de Rosemary.

Neste ponto, devem os opositores ficar desarmados, conclui ironicamente Ernesto Bozzano, a menos que queiram sustentar que algum Espírito burlão *(qualche spirito burlone)*, forneça primeiro informes de identificação pessoal, para divertir-se depois, dando pareceres fantásticos sobre a existência espiritual e a vida pregressa.

Ora, os casos como o de Rosemary se multiplicam.

Notam, pelo menos os que estudam, que a generalidade e concordância de pontos doutrinários, vêm ainda robustecidas de várias provas, que o tempo vai acumulando e os anais vão registrando.

Diante disto, o que se verifica é que, se as vozes dos nossos adversários aumentam assustadoramente de tonalidade, em compensação, diminuem lamentavelmente no que toca à argumentação.

* * *

O LIVRO NEGRO DO ESPIRITISMO

Camilo Castelo Branco escreveu o *Livro Negro do Padre Diniz*, uma das obras primas da literatura portuguesa; um contumaz adversário da doutrina espírita escreveu o *Livro Negro do Espiritismo*, obra prima de inverdades e confusão.

E não dizemos que o adversário ficasse descansando depois dos louros da vitória, porque a sua fonte é uma fornalha perene, como as labaredas de Pedro Botelho, de cujas fagulhas ele espera a incineração da doutrina, tal como a dos réprobos lançados às penas eternas do desespero.

Nesse propósito crematório tem sido de uma atividade pasmosa. Os folhetos se multiplicam com uma exuberância tropical. É lenha para a fogueira. Roma e Moscou ardendo não dariam a impressão que temos do colossal incêndio. São afirmações vigorosas e perigosas como lavas inflamadas, mas se estas se apagam, aquelas não se extinguem nunca.

Passemos, sem mais, a examinar as sólidas e candentes razões do Autor do *Livro Negro*, as quais, por certo, levarão o Espiritismo às mais caliginosas paragens.

* * *

No *Livro Negro* se estabelecem os fatores, em número de quatro, que formariam a doutrina espírita. Eliminados esses fatores, *ipso facto*, estaria eliminada a doutrina. É a isto que se propõe o Autor do *Livro*.

Vejamos os fatores, conforme o *Livro* aludido, fatores que são interrogações dolorosas.

> 1 — Se a evocação dos espíritos é um fato indiscutivelmente provado.
>
> 2 — Se o médium ou os médiuns que serviram de instrumento para a revelação espírita eram pessoas de absoluta confiança e credibilidade.

3 — Se para a doutrina foram aproveitadas apenas as mensagens dos espíritos, certamente sinceros, bons, sábios e competentes.

4 — Se o codificador era homem intangivelmente honesto, correto, leal, codificando, apenas, as comunicações de espíritos superiores.

Estava lançado o alvião.

Só estas quatro dúvidas eram de fazer aluir o edifício. Mas o *Livro* não se limita a abalar o prédio, senão que tem o intuito implacável de arrasá-lo. E passa a demonstrar a inconsistência dos fatores.

Acompanhemos a derrubada.

* * *

O PRIMEIRO FATOR

Quanto ao primeiro fator, ao da improbabilidade da evocação, devemos dizer de começo, que há ali dois equívocos. Se o Autor afirma que os espíritas evocam os mortos, há, está visto, a evocação, e então não se compreende a demonstração de que ela não existe; e se ela não existe, então é também inexistente o fato.

Provavelmente, o que o Autor quer dizer é que os mortos não respondem à evocação ou que não há o fenômeno da presença do morto, acudindo ao chamamento. A clareza acima de tudo.

O 2.º equívoco, esse talvez de caso pensado, é falar sempre em evocação. Evocar é chamar; no caso especial, conforme os léxicos, é fazer aparecerem os Espíritos por meio de sortilégios. Ora, em via de regra, hoje não se chama ninguém, nem há sortilégio nenhum. Os espíritas, ou mesmo os não espíritas, reúnem-se e aguardam; aparece quem quer, quando quer e como quer. Além de que, há as manifestações espontâneas, há as manifestações inesperadas, e há, ainda, as manifestações indesejadas, e são elas que conduzem o indivíduo à doutrina. Católicos, protestantes, ateus, não se reúnem para receber Espíritos, e os recebem, *mal gré, bon gré.* Vem daí acreditarem em Espíritos, porque foram por eles surpreendidos. Todas as hipóteses que lhes fornecem topam com esta réplica: Não estávamos pensando em Espíritos, nada queríamos com eles...

Depois da clareza, portanto, a verdade.

Isto posto, passemos à solidez da argumentação. Preliminarmente, faz-nos o Autor ver o seguinte:

> "A evocação dos mortos foi com muito vigor vedada por Deus, que a condenou como maldade e abominação. Assim **fica desde já comprovado** que o Espiritismo se coloca sobre uma prática intrinsicamente má e abominável. A desobediência declarada contra Deus, a revolta aberta contra o Criador: eis a principal pedra sobre a qual repousa todo o movimento espírita".

Que o Espiritismo se coloca sobre uma prática intrinsecamente má e abominável "*fica desde já comprovado*". Como se vê, a comprovação é cristalina.

Por falar em Deus, é interessante ainda o que se nos diz:

> "Assentimos de bom grado e com coração agradecido a tudo que Deus nos revela e manda, mas só depois de termos conseguido a certeza que foi realmente Deus que falou".

Curioso é saber-se como conseguiu a certeza de que Deus falou alguma coisa. Deve ser um prazer inefável ouvir a voz de Deus. E que prodigiosa inspiração, a certeza de que quem falou foi Ele! Parece que no campo teológico o certo é mercadoria de baixo preço.

A falar com franqueza, uma infantilidade daquelas não mereceria ser comentada. Por maneira que há uma série extensa de fenômenos comprovados por sábios dos mais competentes, da mais elevada categoria; os fatos têm sido submetidos periodicamente à observação e à experiência; por verificá-los criaram-se, inventaram-se custosos e complicados aparelhos. São esses fatos conhecidos de tempos imemoriais, abrolham por toda a parte, enchem as páginas da História, deles estão refertos os Anais do Psiquismo. Sobre a sua realidade, sobre as provas de sua existência, escreveram-se livros e tratados. É imensa a literatura sobre o assunto. Não só nas obras profanas como nas obras sagradas constam os variados fenômenos. Tudo isto vem abaixo na foiçada negra do *Livro*. Naquele negrume tudo desaparece.

Mas temos a Bíblia! Ai é que está a certeza. O certo é a palavra de Deus. Essa expressão — palavra de Deus — só por só, possui um poder mirífico, como se Deus tivesse

pronunciado alguma coisa, como se alguém a tivesse ouvido, como se fosse possível aos pecadores ouvidos humanos sentir o verbo do Absoluto.

Os Espíritos não podem vir ter conosco, mas o Onipotente deixa o Infinito e vem dar aqui o seu cavaco, e nesse cavaco segreda a proibição.

E tão magno assunto é transmitido às escondidas, ou só a um, e esse testemunho único, lendário, cujo fiador não se sabe quem seja, é que constitui a verdade, e dessa verdade, é que se tem a certeza! Entretanto, Deus consente que se espalhe a mentira, que é a mensagem espírita; que o vento a sopre por toda a parte, que se infiltre por todos os rincões do globo, e assim venha minando as consciências, tomando um aspecto religioso, revestindo-se de uma lógica indestrutível, pregando a mais pura moral, falando nos Evangelhos, e ao contrário das vedações, das comunicações sibilinas, tudo claramente, escancaradamente, por médiuns de várias crenças, no seio das religiões mais familiares com o Criador, num momento oportuno, quando a inteligência se desenvolve, a Ciência progride, a Filosofia indaga, e a razão já não compreende a onipotência ao lado da falibilidade, a bondade ao lado do Inferno, a presciência ao lado do arrependimento, a onipresença ao lado das regiões interditas do Criador. E essa avalanche renovadora se apresenta acompanhada de provas robustas, invulneráveis, a par da indigência, nesta matéria, com que aparece a mencionada palavra divina, a qual, sujeita, ainda, à menor crítica, se desfaz como o pó, ao ligeiro contato do zéfiro.

Parece, pelo visto, que Deus estava no firme propósito de enganar a humanidade. Inegável e infelizmente, o *Livro Negro* coloca o Senhor em má situação.

* * *

Aquela "maldade e abominação", de que nos fala o *Livro*, deve constar do Velho Testamento. Mas o Velho Testamento está repleto de incoerências, de inconseqüências, de incongruências. Ali é que se pode afirmar esteja o ninho da maldade e da abominação.

Temos, por várias vezes, transcrito os textos, claríssimos, em que elas se notam. Não inventamos as palavras textuais em que Deus se nos apresenta com a mais feroz das cataduras, a mais terrível intolerância, a mais insofismável inópia. O que lá se encontra e se nos oferece como

inspiração divina é da mais lamentável puerilidade, com ensinos extravagantes, cenas ridículas, erros de toda a sorte e até atos imorais.

O Deus bíblico é inconsciente, imprevidente e ignorante, quando a todos os instantes se arrepende do que fez; colérico, e de tal forma, que, por vezes se tornou necessária a intervenção de Moisés para que ele não cometesse violências e iniqüidades, tropelias e desatinos: — ""Volve-te, Senhor, de tua ira" — dizia-lhe o recebedor das tábuas da lei. Vingativo, lança a guerra contra Midian; sanguinário, ordena o massacre, o incêndio, a destruição; usurpador, incita ao esbulho, ao furto, ao saque, aos despojos; inescrupuloso, consente na distribuição de donzelas pela soldadesca.

Esse Deus, portanto, reverenciado no *Livro*, se existisse, não teria força moral para falar em "abominações e maldades".

As aludidas Ordenações, tão enérgicas e veementemente citadas, e que colocariam os espíritas "sobre uma prática intrinsicamente má e abominável" do mesmo passo que "constituiria desobediência declarada contra Deus, revolta contra o Criador", teriam sido ditadas por Moisés. Mas esse Moisés, como a Bíblia no-lo descreve, seria, em nossos dias, lançado à execração pública pelas suas malfeitorias e suas inúmeras maldades. No mínimo, além de criminoso comum, seria um criminoso de guerra. Ora vejam que crédito e valor poderão merecer as suas proibições!

Para o Autor, pois, mostrar obediência e submissão ao Criador seria voltar as costas à natureza, abandonar toda sua maravilhosa produção, testemunha em sua fenomenologia psíquica paranormal, para nos meter no labirinto bíblico, sem garantia nenhuma de autenticidade, onde os textos se contradizem e nenhuma confiança podem merecer, pelas passagens inteiramente contrárias ao bom senso e aos bons costumes.

Explicado isto, vejamos as provas que contrariam o 1.º fator:

> "A discussão em torno da realidade ou não dos espíritos evocados já enche numerosos volumes pró e contra Os espíritas não apresentaram até hoje uma demonstração irrefragável e cabal de que os chamados fenômenos espíritas são de fato causados pelos espíritos. As exigências de certas circunstâncias e condições, sem as quais não há manifestação, são sempre suspeitas. O fato de haver alguns poucos cientistas de renome que endos-

> saram a tese espírita é contrabalançada pelo fato oposto de haver outra série muito mais numerosa de cientistas que ou negam de todo a tese espírita ou consideram-na ainda insuficientemente comprovada".

Digamos, desde logo, que não é verdade que os que negam contrabalancem os que afirmam, e seja muito maior o número de cientistas negativistas. É bom não confundir os que sabem com os que palpitam. É possível que seja maior o número de ignorantes ou de apaixonados que recusam a tese espírita, visto que o comum é negar-se por comodidae, por atraso, por neofobia, por fanatismo, por credo religioso, e até por mostrar superioridade de espírito. Cumpre assinalar, entretanto, que raríssimos são os estudiosos do assunto que neguem a realidade do fenômeno metapsíquico, e já veremos como erra o opugnador com os pouquíssimos nomes apresentados em prol de sua afirmativa. Quanto aos formais opositorees da tese, nem todos se deram ao trabalho de aprofundar o assunto, e os raros experimentadores que negam a intervenção dos mortos não encontraram explicação nenhuma para a explicação do fenômeno, como confessa o próprio autor do *Livro:*

> "Se os espíritas não conseguiram até hoje demonstrar de modo irrefutável a sua tese, seus adversários tão pouco puderam opor-lhes outra explicação satisfatória e universalmente aceita".

O erro está apenàs na parte que se refere à indemonstração dos espíritas.

O caso não é de estatísticas de opiniõees, que cada um tem as que quer. A realidade é que, enquanto os adversários do Espiritismo apresentam hipóteses, os espíritas apresentam fatos. No próprio fenômeno se encontra, intrínseca, a personalidade do defunto, que demonstra a sua presença por todos os meios. No fenômeno é que se diz que o defunto está presente; o fenômeno é que tem esta característica, a da manifestação de um morto. Lançar isto às costas dos espíritas ou de Allan Kardec é que é pouco honesto.

É, portanto, com base no fenômeno, com a prova irretorquível do fato, que gira a demonstração, e nunca na maneira especial por que cada um pensa, visto que é irrecusável o direito de pensar, e mesmo o de pensar errado. E se o fato é irretorquível, dadas as condições de que se reveste,

é engano manifesto ou evidente falta de verdade, assegurar que os espíritas não puderam demonstrar sua tese.

A posição a tomar, portanto, é a do estudo do fenômeno, é a da observação dos casos comprovados, a ver se neles se descobre ou não descobre a tese que os espíritas apresentam. E depois do exame de cada caso verificar do complexo dos fenômenos a sua finalidade.

Foi isso que fizeram notáveis sábios, chegando à conclusão de que a tese se impunha, já examinados os casos particulares, já diante dos casos singulares, já estudando-se o conjunto de toda a fenomenologia. Notou-se, então, um acervo imponente de fatos e de provas diante das quais estaca o mais ferrenho cepticismo. E quando dizemos estaca, não é que voltem atrás de suas idéias. Nem todos têm a coragem de declarar que se enganaram, mas é que são incapazes de opor uma explicação satisfatória, como diz o próprio autor do *Livro Negro*, nem conseguem mostrar em que estariam errados os espíritas.

Ernesto Bozzano, para citar um consciencioso pesquisador, fez a análise de cada caso particular e um estudo do conjunto; examinou o problema por todas as suas faces, verificou o entrosamento dos fenômenos, revidou aos adversários em perto de setenta monografias e deixou provada a ineficácia de todas as razões apresentadas. Nas suas monografias ficou patente, *sulla base dei fatti*, que a tese espírita se impunha; que só o morto poderia ser o autor do fenômeno espírita, e que a comunicação dos mortos estava absolutamente demonstrada. Contra essa demonstração nada vimos até agora; a última palavra foi a do eminente filósofo.

O mesmo sucedeu com Alexandre Aksakof quando refutou, no seu livro *Animismo e Espiritismo*, as idéias e a obra de Hartman.

O mesmo sucedeu a Oliver Lodge, replicando a Richet.

O mesmo sucedeu ao grande físico Russel Wallace em contradita a vários negativistas.

O mesmo sucedeu a Flammarion, que assentou no testemunho humano e principalmente diante de um inquérito onde obteve onze mil respostas, a demonstração da imortalidade e da comunicabilidade dos Espíritos.

Foi ainda o que sucedeu a Henri Regnault, que respondeu ao Père Mainage, com o seu trabalho — *Les Vivants et les Morts*.

É o que tem feito a plêiade de escritores, de Allan Kardec aos nossos dias, os quais, com a exposição dos fatos,

desmente todas as hipóteses aventadas, deixando iniludivelmente provado que só o Espírito do morto poderia deles ser a causa.

E depois disso, e diante disso, sem que articule uma única sílaba em contestação ao volumoso trabalho apresentado, declara o autor do *Livro Negro* que a tese espírita nunca foi irretorquivelmente demonstrada!

Os adversários da tese espírita nunca retorquiram; entretanto para o Autor do *Livro* os irretorquíveis devem ser eles. A lógica é de abismar.

Como quer que seja, ao que nos parece, em vez de proposições vagas, imprecisas, inverídicas, notoriamente falsas, absolutamente indemonstráveis, o que caberia ao Autor, para tornar mais escuro o Espiritismo, era agarrar pela gola o Bozzano, o Aksakof, o Lodge, o Flammarion, o Wallace, o Regnault e tantos quantos saíram em defesa do Espiritismo, e fazer o que não fizeram aqueles a quem eles revidaram, isto é, mostrar-lhes como se acham redondamente enganados, e assim deixaria aos pósteros a convicção desse engano, o que seria um golpe na herética superstição.

Os livros aí estão; as respostas estão de pé; é lançar mão da pena e mostrar que os espíritas não conseguiram demonstrar de modo irretorquível a sua tese. Fora dai, parece, será tudo uma fanfreluche literária. Nunca é demais esquecer que uma vassourada nas razões dos citados psiquistas ainda não foi dada.

No pé em que estão as provas, a situação do Autor é a do general bisonho, que marcha às tontas, ataca às cegas e se enfronha despreocupadamente, território a dentro do inimigo, deixando à retaguarda, bem guarnecidas, inatacadas e incólumes, as praças fortes dos contrários.

* * *

O SEGUNDO FATOR

Vamos ao 2.º ponto. Este versa sobre a "credibilidade dos médiuns".

Passa o Autor a mostrar que os médiuns não podem merecer crédito. E são páginas extensas, cheias de exemplos, onde desfilam as fraudes. E ele assegura ainda:

> "Ademais a própria sessão é sumamente convidativa para a velhacaria; a meia escuridão, sem a qual os

> espíritos não podem comunicar-se; a música, que encobre rumores suspeitos, a proibição de tocar nos médiuns ou acender a luz, o gabinete e a cortina..."

Surgem, agora os casos e os experimentadores: Flammarion e Denis falaram em fraudes. Em S. Paulo um grupo de jornalistas espíritas apontam embustes e embusteiros. Hyslop e Hodgson não sabiam onde havia médiuns e fatos autênticos. Seguem-se as fraudes inconscientes. Fato é esse de suma importância para o Autor:

> "porque as mensagens espíritas sempre refletem o espírito do tempo e a mentalidade do médium".

Kardec teria sido vítima de seu próprio inconsciente, pois era magnetizador.

Perde-se o Autor em grandes considerações sobre o perispírito, quase inabordáveis, e passaremos às fraudes e artimanhas, cujo acúmulo de material, habilmente recolhido, dará a entender que, em se tratando de Espiritismo, é tudo dolo e malícia.

O fim do Autor é mostrar que não merece fé a base em que Kardec assentou a doutrina.

Vamos aqui aduzir um exemplo nosso para enriquecer o profuso mostruário do *Livro Negro*.

Certa vez, um cavalheiro ficou de apresentar-nos um médium magnífico. Esperamo-lo ansiosamente. Para recebê-lo reunimo-nos, nós e alguns confrades, em sessão.

Chegou o médium e o amigo apresentante. Prece, concentração, e as manifestações começaram. Surgiu do Alto, Francisco de Paula, e depois Francisco de Assis, e depois Santo Antonio, S. Vicente de Paulo, e todos eles diziam as mesmas coisas, que eram umas soporíferas banalidades. Depois veio a Virgem Maria.

Aí não nos contivemos mais e dissemos para os companheiros: — Meus amigos, está baixando toda a corte celestial. Daqui a pouco aparece Jesus Cristo e talvez Deus em pessoa. E como não estamos preparados para recebê-los, vamos saindo...

Estávamos no 3.º andar do salão da F.E.B.(*), nós e o grupo. Levantamo-nos e fomos descendo, quase de carreira,

---

(*) F.E.B. — Federação Espírita Brasileira. — Nota do revisor.

a escadaria que leva aos andares inferiores. E lá ficaram, surpresos, boquiabertos, o médium e seu condutor.

Ora, quem de bom senso, não perceberia ali, ou um fenômeno de animismo, ou uma burla, ou uma idiotice?

De fato, o Espiritismo exige critério, análise, investigação, exame aprofundado, prática. Não é, na sua parte fenomênica, própria para ignorantes e fanáticos. São grandes os percalços, muitas as dificuldades, e o mérito está em abrir amplo caminho nas trilhas que mal começam agora a ser palmilhadas. Foi isto o que Allan Kardec ensinava e proclamava com a sinceridade, a honestidade e a lisura de quem veio dizer a verdade e não escondê-la para facilitar os princípios doutrinários.

Procedeu como o cientista que aponta os meios, indica os processos, mostra os perigos e diz como evitá-los.

Com o mesmo espírito procederam os sábios de todo o mundo e especialmente os jornalistas de S. Paulo, demonstrando que os embustes são desmascaráveis, tanto que eles, espíritas, os desmascaravam. O fato exposto pelo *Livro Negro* vem corroborar o que afirmamos, que as falsas mensagens e os falsos médiuns são facilmente apontados pelos que refletem e pelos que estudam.

Que há fraudes no Espiritismo ninguém duvida; o espantoso, o maravilhoso seria que as não houvesse. Não se poderá supor, ou não suporá alguém, com alguma cabeça, que a velhacaria humana, quando chegasse no Espiritismo, esbarrasse.

Segundo a cartilha do Autor, os tratantes, logo que se falasse de Espíritos, tomar-se-iam de grande devoção, tal como certos meliantes, os quais, depois das maiores e mais deslavadas maroteiras, ao entrar numa igreja, persignam-se e ajoelham-se na maior compunção.

Ora, o embuste se encontra por toda a parte e dele não poderia escapar de ser vítima o Espiritismo. Também os burlões se encontram em todos os terrenos. E se os habitantes do Outro Mundo não se modificam com a passagem, como ensina a doutrina, nada mais natural que continuem a burlar no Além como burlavam aqui.

O que não é verdade, e o contrário é que pretende fazer acreditar o *Livro*, é que não se possa tomar pé no báratro; que já não se saiba o que é burla e o que é exato; que não se distingam espíritos de malícia e espíritos de verdade. Faz ele, acinte, uma confusão tremenda, e supõe-nos enredados nas mesmas perplexidades.

Pela mesma lógica, nós aqui nunca saberíamos nada, nunca teríamos convicção de coisa alguma, nunca receberíamos qualquer informe certo, nunca haveríamos qualquer conhecimento, visto que a Terra até hoje tem sido povoada por falsos, mentirosos, desonestos, patifes de toda a ordem.

Ora, a indagação meticulosa, a pesquisa constante, o estudo sem paixão, conduz-nos, invariavelmente, à verdadeira senda.

Dizia Conan Doyle que, à proporção que a sua razão se esclarecia, o seu cepticismo se ia tornando menos sólido. "*So far I had got in my reasoning, so my sceptical position was not so solid*". "Tendo chegado tão longe o meu raciocínio, já minha posição de céptico não era tão firme".

Também indagava ele:

> "Que provas possuimos da veracidade das afirmações dos Espíritos? Não tendo meio de comprová-las, elas me deixavam desorientado. Agora, entretanto, que uma experiência mais longa me permite verificar que informações da mesma natureza foram dadas a muitas pessoas, desconhecidas umas das outras, e de países diferentes, creio que a concordância dos testemunhos constitui, como em todos os casos de investigação, um argumento em favor de tais informes". (New Revelation. — Londres, 1918. Págs. 23 e 31).

Aqui temos o afamado novelista inglês, não só confirmando o ensino da Codificação, como respondendo previamente, com extraordinária limpidez, às objeções do *Livro Negro*.

* * *

Não são as opiniões isoladas e inconfirmadas que formam o corpo de princípios. Já o demonstramos. Essas continuam como opiniões, à espera de uma prova que as faça entrar na circulação doutrinária; serão, entretanto, desde logo afastadas, se forem de encontro à razão e aos fatos, se se tornarem, pelo absurdo, inaceitáveis.

O Espiritismo repousa em uns tantos fatos estabelecidos pelas pesquisas científicas e uns tantos princípios firmados pelas manifestações universais, ditadas no espaço e no tempo, e absolutamente concordantes.

Não há fugir daí, e fora daí é perder tempo.

O *Livro Negro* pode deslumbrar os ínscios ou convencer os incautos com o seu rol de fraudes, com a lista de destemperos que aparecem assinados pelos Espíritos, com a mistificação dos médiuns, com a escolha de médiuns que mereçam ou não mereçam a confiança, com a afirmação de não espíritas ou com a confissão de espíritas a respeito dos percalços da caminhada; não existe, porém, mão hercúlea, que possa remover o monolito em que o Espiritismo assenta: as experiências dos sábios e a concordância das manifestações.

* * *

Conclui o Autor a sua 2.ª parte com a seguinte edificante página:

> "Supondo que Allan Kardec ou qualquer outro se tivesse servido apenas de médiuns que merecem confiança, recebendo mensagens não hauridas do subconsciente, teríamos o pobre Allan Kardec diante deste quadro desolador: uma enorme quantidade de comunicações, milhões ou milhares, as mais disparatadas e contraditórias, boas e más, mentirosas e fraudulentas, educadas e ridículas; recebeu informações assinadas por nomes venerandos e ilustres que podiam vir de mentirosos; ocorreu que os bons, de boa fé podem dar instruções errôneas; podia haver mensagens cavilosamente ditadas para enganar e são capazes de todos os ardis..."

E, esmagador, exclama:

> "Eis o material que serviu de base para formular a Terceira Revelação! Agora era necessário separar o bom do mau... Na verdade, difícil empreitada e espinhosa missão! Mas Allan Kardec teve coragem de meter mãos à obra".

Quem diria ao Autor do Livro que Kardec se viu diante de milhares ou milhões de mensagens? Pois já não se referia o próprio Autor ao número de médiuns de que ele se serviu? Estes lhe bastaram: foram os escolhidos para a Missão.

É enganadora aquela visagem do material heterogêneo e confuso, missão espinhosa e difícil empreitada.

Além da solidariedade entre as diversas comunicações, convém informar que o futuro, com suas novas pesquisas, no campo psíquico, se incumbiu de confirmar e cimentar, com provas iniludíveis, os ensinos trazidos ao Codificador.

É preciso tirocínio e isenção de paixão sectária para perceber a verdade das comunicações. Vamos dar um pequeno exemplo:

Quando um suicida se manifesta, apresenta sempre inequívocos sinais de grande sofrimento. É impossível — e aí entram os milhares do *Livro* — que os manifestantes, em número espantoso, e unanimemente, possuam a arte trágica, com extraordinária perfeição, tão rara, mesmo entre nossos melhores atores, a ponto de nos darem a impressão de imensas agonias, de verdadeiro desespero. Sucede que, além do que nos dizem e mostram nas lágrimas, nos soluços, nas convulsões, nos esgares, vêem-nos os videntes, em completa escuridão, farrapos humanos, lançados num abismo de dores.

Como se poderia dar esse engazopamento colossal e geral?

Qualquer divergência é singular, isolada, facilmente verificável, porque o enganador para logo se trai nas palavras, nos gestos, nas cenas. Verificam-se pois os casos que se vão sucedendo e vai-se ver que estão de perfeito acordo com aqueles que trouxeram ao *pobre do Kardec* os Espíritos prepostos.

As comunicaçõees verdadeiras revestem-se dos mesmos informes, são concordantes. As duvidosas são únicas, excepcionais. Na melhor hipótese ficam de quarentena.

Nada, portanto, daquela arquitetada mixórdia. A caótica maranha é impressionante mas não é verdadeira.

Em suma, provado o fenômeno e concordes as mensagens, tudo o mais é matéria a resolver. Não adianta a fraude, não pode existir a dúvida, não impera a mistificação, não se faz necessária a escolha de médiuns, não carece o Espírito de carteira de identificação. A generalidade exclui toda aquela rolagem em que durante muitas páginas o Autor do *Livro* pretende achanar o caminho para as suas conclusões.

* * *

OS CIENTISTAS

Demos agora uma vista d'olhos nos poucos cientistas citados. O rol é pequeno, mas vale a pena a digressão.

Flammarion. A respeito desse astrônomo diz o *Livro Negro:*

> "Outro fiel companheiro e continuador de Allan Kardec, Camilo Flammarion, escreveu: — Posso dizer que nestes quarenta anos quase todos os médiuns célebres passaram pelo meu salão e a quase todos surpreendi em fraude". **Les Forces Naturelles Inconnues**, pág. 90).

E o erudito Autor passou o ancinho no resto. Ora, tratando dos médiuns, declarava Flammarion:

> "Mais ils ne trichent pas toujours et possèdent des facultés réelles, absolument certaines'. — "Eles, porém, não enganaram sempre e possuem faculdades reais, absolutamente certas".

Temos, portanto, o astrônomo a declarar que fraudaram *quase* todos, não todos, como dizia, ainda, que médiuns profissionais possuiam faculdades reais, absolutamente certas.

Vão prestando atenção.

Quanto ao que se contém em *Les Forces Naturelles* ficou o *Livro* apenas naquela passagem e foi levando o rodo às demais que lhe não convinham e onde se vê explicado ou atenuado o cepticismo de Flammarion, naquela época. Exemplos:

> "Por vezes as idéias emitidas parecem provir de personalidade estranha, e a hipótese dos Espíritos desencarnados se apresenta muito naturalmente". Pág. 18.
>
> "A obra de espíritos desencarnados, de alma dos mortos é uma hipótese explicativa e não devemos rejeitá-la sem exame". Pág. 594.
>
> "Não me surpreenderei que algumas interpretações se traduzam pela opinião de que não admito a existência dos Espíritos. Não se poderá achar qualquer afirmação desse gênero nesta obra ou em qualquer outra". Pág. 595.

E ainda no mesmo livro:

> "As coisas não acontecem, absolutamente, como se os fenômenos fossem dirigidos por uma vontade que se dissesse a sombra ou o reflexo dos assistentes. Manifestam grande independência e se recusam francamente a aquiescer aos desejos expressos da assistência". Pág. 493.

Mais adiante:

> "Les choses se passent comme se un être invisible entendait et agissait". "Tudo se passa como se um ser invisível ouvisse e agisse".

E ainda na mesma obra:

> "L'hypothèse spirite ne doit pas être éliminée". (A hipótese espírita não deve ser eliminada". Pág. 597.

Como se vê, os médiuns que foram apanhados em fraude, apesar de quase todos, não o fizeram logo, repudiar o fenômeno e a hipótese da intervenção dos mortos.

Isto posto, poderemos indagar, o que dizer da sinceridade do escritor que se imobiliza nessa obra preliminar? Que dizer do contraditor que cortina as obras posteriores em que ao eminente astrônomo se depara, afinal e concludentemente, a prova da existência do fenômeno, donde se vê nada ter influído para o seu juizo definitivo as fraudes que apanhou de começo e passaram pelo seu gabinete?

Continuemos. Mais tarde dedica-se ele ao estudo do fenômeno de ordem subjetiva, aos fatos da mediunidade intelectual, de preferência. E escreve, então, *La Mort et son Mystère*, em três volumes. Do último — o *Après la Mort*, extraímos o seguinte:

> "Os fatos expostos nesta obra mostram que os nossos caros desaparecidos ficam algum tempo em nossa vizinhança e se manifestam quando as circunstâncias o permitem". Pág. 407.

E ainda:

> "Verificamos que as manifestações dos mortos são irrecusáveis". Pág. 408.

E mais:

> "Os fantasmas dos mortos existem. Mostram-se, manifestam-se. São vistos de face, de perfil, obliquamente, refletidos nos espelhos, em plena correspondência com as leis da perspectiva". Pág. 415.

Em suma, toda a obra do astrônomo é a demonstração da comunicabilidade dos defuntos, o que o faz concluir:

> "Os defuntos manifestam a sua sobrevivência sob os mais variados aspectos.
>
> "O mundo psíquico e real parece-me doravante incontestavelmente verificado".

Finalmente, depois de seu longo estudo, estabelece cinco princípios fundamentais, sendo o último:

> "A alma sobrevive ao organismo físico e pode manifestar-se depois da morte".

Em outra obra — *Les Maisons Hantées*, não é menos firme a opinião do astrônomo a respeito da manifestação dos mortos. Basta que anotemos o título do seu "Primeiro capítulo" — "*Os mortos manifestam-se*".

Depois de narrar os fatos que provam a sobrevivência, termina:

> "Os que negam estes fatos são ignorantes, ilógicos ou capciosos, de vez que, conhecendo-os, não atino como possam eliminar o ato do defunto".

As *Casas Mal Assombradas* é mais um repositório de fatos que demonstram, iniludivelmente, a sobrevivência, e onde Flammarion expende, com provas sobejas e razões indiscutíveis, a sua crença na manifestação do morto.

* * *

Depois disto, é simplesmente espantoso que o *Livro Negro* arrole entre os prestigiadores de sua tese, isto é, a da insustentabilidade da manifestação do morto, precisamente quem escreveu vários livros para demonstrar aquela manifestação, e classifica de ignorante, ilógico e capcioso quem a nega, tal como está acontecendo com o escritor anti-espírita que estamos analisando.

Ainda sobre Flammarion colhamos uma observação do *Livro Negro*, onde as curiosidades fervem como um cardume de sardinhas à tona d'água.

> "Muito mais tarde em entrevista com Paulo Heuzé **(Les Morts vivent ils)** Flammarion dirá: Se o caro colega quer que diga alguma coisa de preciso, eu não o poderia. Comecei meus trabalhos com referência a essa questão

> em 1862; eis, pois, 60 anos que os pesquiso. Hoje não posso afirmar senão uma coisa, é que eu nada sei, é que não compreendo nada absolutamente. Um só ponto me parece esclarecido, é que, na grande maioria dos casos, há sugestão consciente ou não de espírito a espírito. Em certos casos, muito raros, parece que esta explicação possa parecer insuficiente; e então qual outra para a substituir? Eu o ignoro cada vez mais. É o médium que age por si mesmo? É uma causa diferente dele? Depois de sessenta anos de estudo, eu nada sei, nada, nada."

Por mais incrível que pareça é tudo isto falso. O Heuzé mentiu pela gorja. Flammarion teria dito semelhante parvoice justamente nas vésperas da publicação de sua trilogia — *La Mort et son Mystère* — em que ele tirava dos fenômenos a conclusão que acabamos de citar, e apresentava, nos três livros, uma série de fatos que levaram àquela conclusão?

Já nós explicávamos isto há mais de vinte anos, no livro que demos a lume com o nome de *Espiritismo à Luz dos Fatos*. Lá está o que dizíamos à página 321, da edição de 1935:

> "O grande manancial onde se vão inspirar os que têm escrito contra o Espiritismo é, em via de regra, uns livros do Sr. Heuzé.
>
> "Para avaliar-se a sem-cerimônia do Sr. Heuzé basta ver um inquérito a que ele procedeu em pessoa. Quando o apresentou, de público, os sábios, os literatos, os interrogados de todas as categorias ficaram atônitos por verem, em letra de forma, idéias que nunca expenderam.
>
> "Um dos sábios, Flammarion, foi obrigado a publicar um artigo com o título — **Une mise au point**, desmentindo as asserções de Heuzé a seu respeito. Disse ele que o leão de Neméia, caindo da lua, não ficaria mais surpreendido do que ele com as opiniões que o entrevistador lhe emprestara".

Seguem-se outros desmentidos. Veja-se *L'Opinion*, Paris, 1-10-1921 e *Révue Spirite*, 1921, págs. 262.

Pois vem o *Livro Negro*, exuma o Heuzé, em 1955, e lança-o aos seus desprevenidos leitores. Como *boutade* é excelente.

E de Flammarion basta. Vamos a outros.

Do Livro Negro:

> "O Professor Flournoy observa que para os especialistas da Sociedade de pesquisas psíquicas — ainda quando são espíritas de convicção, como Hodgson, Hyslop — não há nada mais raro do que encontrar um verdadeiro médium nem mais difícil do que distinguir o autêntico do que não é autêntico nas suas comunicações".

Absolutamente falso. Hodgson e Hyslop não eram espíritas de convicção, muito ao contrário. Como Flammarion, entraram em tais estudos, cheios de dúvidas, e mais do que isso, convencidos de que a mediunidade era uma grossa mistificação, e com o fim de desmascarar os fraudadores.

Richard Hodgson começou as suas investigações na Austrália. Os seus exercícios profissionais e sua competência pessoal fizeram-no especialmente apto a apanhar a fraude. E assim dizia Nandor:

> "His legal training and personal attainments made him specially qualified for the detection of fraud".

Quanto aos fenômenos físicos, reconhecia o mesmo autor que ele era extremamente céptico: — *As to psysical phenomena he was extremely sceptical.* E quanto às demais mediunidades, não duvidava que se tratava de uma impostura.

Surgiu a Sra. Piper. Os seus informes começaram a espantar o mundo científico. As comunicações de Além-túmulo tão exatas eram, e tão difícil se tornava descobrir um embuste, que o pesquisador, durante 15 anos, utilizou vários detetives para verificar a fonte onde ela colheria as suas prodigiosas comunicações.

Afinal, rendeu-se à evidência. Seu espírito honesto não pode utilizar os subterfúgios dos adversários da doutrina. Ele se tornou convencido — diz o historiador — não só da autenticidade da mediunidade da Piper, como também de que os Espíritos voltam. "*And finally became convinced not only of the genuineness of her mediumship but also of spirit return*".

Os fenômenos que testemunhou foram maravilhosos. Entre eles, conta-se o da manifestação de uma jovem que amara nos verdes anos, falecida na Austrália, e de que ninguém tinha conhecimento.

Nos *Proceedings, vol. XIII*, 1897, declara Hodgson textualmente:

"At the present time I cannot profess to have any doubt the chief communicators to whom I have referred the foregoing pages are veritably the personages that they claim to be, that they have survived the change we call death and that they have directly communicated with us whom we call living through Mrs. Piper's entranced organism".

"Até o presente não posso declarar que tenha qualquer dúvida sobre os principais comunicantes a quem me referi nas páginas anteriores; eles são as verdadeiras personagens que dizem ser, sobreviveram à mudança que chamamos morte e se comunicaram diretamente conosco, a quem chamamos vivos, por intermédio do organismo da Sra. Piper em estado de transe."

Não sabemos como se pode considerar espírita de convicção quem vivia pescando fraudes de médiuns. Necessariamente, quando ele descobriu os verdadeiros fenômenos e os verdadeiros médiuns, quando não pode achar outra hipótese além da sobrevivência, havia de tornar-se espírita. Mas se tornou espírita depois do fato, da observação, da realidade do fenômeno. E aí não negou mais nada.

E se houve fenômenos de tal ordem que tiveram a força de tornar espírita de convicção um céptico inveterado, não é exato que lhe fosse difícil distinguir um autêntico médium e uma autêntica mensagem das mensagens e médiuns não autênticos. A perdurar essa dificuldade, ele nunca saberia onde estava a autenticidade, e não se poderia declarar finalmente convencido da realidade do mediunismo e da realidade da volta o Espírito.

Absolutamente insustentável, portanto, a opinião de Flournoy, quanto a Hodgson, se é que houve. Vejamos se ele foi mais feliz com referência a Hyslop.

James Hervey Hyslop, Professor de Lógica e Ética da *Columbia University*, dedicou-se aos estudos psíquicos para poder mostrar aos amigos, que eram espíritas, o erro em que se achavam.

"Combati — diz ele — durante 10 anos, a aceitação dessa doutrina antes de chegar à convicção de uma vida depois da morte". É possível que nesses dez anos achasse raro encontrar um verdadeiro médium ou distinguir o autêntico do que não o era. Mas, depois dos dez anos escreveu *Science and a future Life, Borderland of Psychical Research, Enigmas of Psychical Research, Psychical Research and Ressurection,*

Psychical Research and Survival, Contact with the Other World.

É espantoso que publicasse tantos livros sobre o Psiquismo e a vida futura, apesar da raridade de médiuns e da dificuldade na distinção entre os autênticos.

O mais interessante são as suas declarações:

> "I regard the existence of discarnate spirits as scientifically proved and I no longer refer to the sceptic as having any right to speach on the subject. Any man who doest not accept the existence of discarnate spirits and the proof of it is either ignorant or a moral coward".

Em Português deve traduzir-se assim:

> "Tenho a existência dos espíritos desencarnados como provada cientificamente, e não mais perderei tempo com os cépticos, a quem não cabe o direito de tratar do assunto. Todo aquele que não aceita a existência dos desencarnados e a prova dessa existência ou é um ignorante ou um covarde moral". **(Life and Death**. 1918).

Declara ainda o Professor:

> "I have been talking with my father, my brother, my uncles. Whatever supernormal powers we may be pleased to attribute to Mrs. Piper secondary personalities could have thus completely reconstituted the mental personality of my dead relatives.
>
> "To admit this would involve me in too many improbabilities. I prefer to believe that I have been talking to my dead relatives in person; it is simpler".

A tradução deve ser esta:

> "Conversei com meu pai, meu irmão, meus tios. Quaisquer que sejam os poderes supranormais que nos agrade atribuir às personalidades segundas da Sra. Piper, o fato é que elas reconstituiram completamente a personalidade mental de meus defuntos parentes.
>
> "Admitir aquilo envolver-me-ia em muitas improbabilidades. Prefiro acreditar que estive falando com meus parentes falecidos; é mais simples".

Que incríveis esforços serão necessários para admitir as afirmativas do Autor do *Livro Negro!* Aqui temos Hyslop com uma série de livros, provavelmente inútil bagagem literária, visto que não devia ter tido médiuns em que assentasse as suas experiências nem comunicações autênticas a apresentar. Não obstante, assegura ainda que falou com seus parentes, o pai, o irmão, os tios... Julga definitivamente provada a existência dos desencarnados; nada de dúvidas: — *definitivamente provada.* E vai ao ponto de não dar mais trela aos cépticos, achando, ainda por cúmulo, que os negativistas são ignorantes e covardes. Todas as suas afirmativas seguras e mais a ousada apóstrofe deviam ter sido construída em areia. Não se lhe conhece a base, pois que, segundo Flournoy, com o endosso do Autor da escura obra, não há nada mais difícil — teria dito o próprio Hyslop — do que encontrar um médium autêntico e distinguir a autenticidade da não autenticidade.

Tal é a clava que está suspensa sobre o Espiritismo e que, surgindo das brumas de um livro, vai tomar corpo nas aulas agora instituídas e que têm o nome de *Aulas sobre a heresia espírita.*

Como se verá, um mosáico belíssimo de contradições, nebulosidades e patranhas.

Aliás, quase todos os sábios que se entregaram a tais estudos eram inteiramente cépticos, não só quanto à intervenção dos mortos como ainda quanto à própria realidade do fenômeno.

Henri Regnault, em *Les Vivants et les Morts,* respondendo ao Padre Mainage, cujos enganos e erros o autor do *Livro Negro* reedita, apresentava um grande número daqueles sábios.

O Juiz Edmonds, do Supremo Tribunal de Nova York, de que foi Presidente, assistindo a uma sessão de levitação, julgou tratar-se de um embuste, e decidiu esclarecer o público a respeito. Mas, depois, até sua filha produziu fenômenos maravilhosos e ele mais tarde escrevia a notável obra — *Spirit Manifestations.*

Mapes, Professor de Química na Academia Nacional do EE. UU., declarava:

> "Eu, a princípio, repeli desdenhosamente tais fatos e resolvi dedicar-me ao assunto para salvar alguns amigos inteiramente imersos nessa magia moderna".

Passou de atacante a defensor do Espiritismo.

Georges Sexton, cientista inglês, fazia conferências contra o Espiritismo. Como resposta a elas começaram os fenômenos a se produzirem em sua própria casa e entre os seus. O conferencista teve que mudar de rumo.

Os sábios da Sociedade Dialética de Londres declararam ter começado as experiências tomados de cepticismo total. O relatório desses trabalhos, inteiramente favoráveis à realidade das experiências, consta dos *Proceedings* de Londres, de várias obras inglesas, e foi traduzido em francês pelo Dr. Dusart *(Rapport sur le Spiritualisme)*.

Crookes, incumbido das célebres investigações, que se tornaram clássicas, e que marcam o início do período científico do Espiritismo, foi convidado para tal mister, com o fim de esclarecer o povo inglês e libertá-lo da superstição incipiente.

Lombroso, de começo, negava inteiramente o fato psíquico; depois, já o aceitava, mas contestava a hipótese espírita; depois, finalmente, concluiu pelas verdades espíritas. Veja-se o seu livro — *Fenomeni Ipnotici e Spiritici.*

Botazzi, do Instituto de Fisiologia de Nápoles, achava não ser digno de um sábio assistir a sessões espíritas. Concluiu declarando que *"os incrédulos obstinados, irredutíveis, serão sempre ignorantes como se não tivessem educação científica"*. Os seus livros ainda aí estão.

Fiquemos por aqui, para não fugir ao principal escopo desta obra. O que apontamos já é suficiente para mostrar como o autor do *Livro Negro* anda sem bússola, quando pretende dar a impressão de que os sábios não sabiam nada e que à proporção que experimentavam e observavam, iam-lhes surgindo as dúvidas e afastando da hipótese da comunicabilidade dos Espíritos, não sabendo já quando os médiuns e as manifestações eram autênticos ou não autênticos, lições que irão figurar, com foros de verdade indiscutível, nas aulas de *Heresia espírita.*

Entretanto, é bem outra a realidade, visto que, do chavascal das primeiras tentativas, transformaram-se de céptico em crentes, de acusadores em defensores, e entraram a fazer discursos, a fazer conferências, a fazer livros, a fazer tratados.

Como, depois de tudo isso, passariam de enganados a desenganados, e não obstante, a manterem com firmeza a idéia da sobrevivência e da manifstação dos mortos, é caso inconcebível no gênero.

* * *

O TERCEIRO FATOR

Tratando dessa terceira parte, ou do crédito que merecem os Espíritos, o Autor se afadiga em transcrições de Allan Kardec, por onde se vê que o Além possui uma populações heterogênea, onde se encontram os vícios, os defeitos, a ignorância e a maldade que já havia na Terra. E ele assegura que toda essa gente a comunicar-se faz que se perca a fé nas comunicações.

Mas, nem mesmo com essa fuligem lançada pelo *Livro Negro* sobre a mesa das experiências, conseguirá enegrecer a doutrina, fazendo acreditar que é impossível distinguir um Espírito. Já veremos que a falácia com que se pretende tontear o leitor e balburdiar o assunto é inteiramente inútil.

Salientemos, antes, alguns tópicos de maior relevância. Um deles é a citação do **L. N.** onde se atribui a Kardec a declaração de que os espíritos têm uma perspicácia divina que abrange tudo.

Não é fácil encontrar as citações do Autor. Quando, muitas vezes, os textos são numerados, como acontece com os códigos, para facilitar a busca, ele dá o número da página e uma edição entre centenas.

Não podemos encontrar esta, a ver onde estava a salsada, como conseguimos fazê-lo em outros pontos; ela seria um desmentido completo a todos os princípios doutrinários, pois Kardec sempre se referiu a diversas ordens de Espíritos, que vão dos mais sábios aos da mais estupefaciente ignorância. Tal qual como aqui; e ele repete que o ser não muda com a morte, e que o seu progresso é evolutivo. Como poderia, de repente, um néscio passar logo à perspicácia divina? Quem achará, na obra de Kardec, o ensino de que um selvagem, um bárbaro, um atrasadão, em chegando ao Espaço, para logo adquira os predicados do Criador?

Como referência aos diversos graus do Espírito, ensina o *Livro dos Espíritos:*

> "São ilimitados em número...
>
> "Na 1.ª ordem colocar-se-ão os que atingiram a perfeição; formam a segunda os que chegaram ao meio da escala; pertencem à terceira os que se acham na parte inferior. **A ignorância,** o desejo do mal e todas as paixões más que lhes retardam o progresso, eis o que os caracteriza. N. 97.

"Observações preliminares. A classificação dos Espíritos se baseia no grau de adiantamento deles...

"No mundo dos Espíritos os que possuem limitados conhecimentos são, como neste mundo, os ignorantes, os inaptos a aprender uma síntese, a formar um sistema... N. 100.

"Caracteres gerais da terceira ordem. Predominância da matéria sobre o espírito. Propensão para o mal. Ignorância, orgulho, egoísmo e todas as paixões que lhes são conseqüentes". N. 101.

O próprio Autor declara:

"Allan Kardec insiste na grande diversidade dos Espíritos; pode um espírito ser bom e ter conhecimentos limitados, ao passo que um instruído pode ser inferior em moralidade.

Fica provado, portanto, que o *Livro* iludiu os seus amigos e leitores, quando dá como ensino de Kardec que o Espírito goza da onisciência ou coisa parecida.

Outro tópico em que fomos mais felizes, pois conseguimos apanhá-lo nas páginas do Kardec: É aquele em que se diz que há provas que ao Espírito não convém dar, e a exigência, por isso, o magoa.

O *Livro Negro* tirou daí uma regra de identificação e estabeleceu:

"É inútil exigir identificação, pois semelhante pedido o magoa, ao Espírito, e por isso deve ser evitado; agasta-o toda a questão que tenha por fim pô-lo a prova".

Ora, o que diz Kardec, textualmente, é o seguinte:

"L'Esprit peut, sans doute, en donner des preuves sur la demande qui lui en est faite, mas il ne le fait toujours que si cela lui convient, et généralement cette demande le blesse".

"O Espírito pode, sem dúvida, dar provas do que se lhe pede, não faz porém quando lhe não convém, e o pedido o aborrece".

Trata-se, pois, de qualquer pergunta que o possa melindrar. O capítulo seguinte que esclarece o texto não conveio ao *Livro* apresentá-lo. Pois que o apresentemos nós:

> "Deixando o corpo, o Espírito não se despoja de sua susceptibilidade; ele se melindra com as questões que têm por fim experimentá-lo, pois que há questões que ninguém ousaria fazer-lhe, se ele estivesse vivo, com receio de faltar à conveniência. Por que não teriam a mesma delicadeza depois de sua morte? — **Livro dos Médiuns.** N 257.

As questões que o magoariam, por conseguinte, seriam aquelas *que ninguém ousaria fazer-lhe se ele fosse vivo*, com receio de envergonhá-lo. Isto com determinados Espíritos e determinadas perguntas.

Ponhamos exemplos, a fim de descobrir o ensino: Suponha-se alguém a indagar do morto: — Sua mãe chegou a casar-se com seu pai? V. legalizou seus filhos? Lembra-se daquela a quem V. prometeu casamento? É capaz de dar o nome daquele senhor que apanhou V. em colóquio amoroso com a Josefina?

O Espírito, necessariamente, espinha-se com tais indagações. Mas o Autor do *Livro Negro* logo conclui: — *É inútil exigir identificação.*

Não há dúvida que só não ficará esclarecido com o *Livro Negro* quem, na matéria, estiver *in albis*.

* * *

GALILEU

A respeito de Galileu e dos erros que verificou em Gênese, devido a uma mensagem desse astrônomo, escreve o Autor:

> "O espírito de Galileu, portanto, embora pudesse, segundo Allan Kardec, falando dos espíritos em geral, percorrer o espaço e transpor as distâncias com a rapidez do pensamento, ficou no mesmo estado de ignorância como quando era astrônomo cá na terra".

O Autor modificou, graças a reparos nossos, a sua primitiva redação, que era assim:

> "O espírito de Galileu, embora pudesse segundo A. K., percorrer o espaço e transpor as distâncias..."

Fizemos ver que Allan Kardec nunca dissera que Galileu poderia percorrer o Espaço e transpor distâncias. E então, por prudência, acrescenta ele — *falando dos espíritos em geral.*

Ainda assim não acertou, porque Kardec não estabeleceu como tese que os Espíritos se transportariam no Espaço a todas as distâncias. Ora, o que o Codificador ensina, referindo-se ao Espírito, é o seguinte:

> "Une fois délivré de ce fardeau, il n'a plus que son corps étheré, qui lui permet de parcourir l'espace..."

Isto é, livre do corpo etéreo, *pode* percorrer o Espaço, uma vez que não possui mais o fardo corpóreo. Existe um corpo etéreo que *permite* a transposição. A alma *pode* transportar-se a distância; há, portanto, possibilidade e não generalidade.

Ora, encontramos, no mesmo livro de Kardec, o seguinte quanto ao que se passa com o Espírito, no momento da morte:

> "A sensação que se poderia chamar física é a de um grande alívio e de um imenso bem estar".

Diante desses períodos teríamos o contraditor a proclamar que, segundo os ensino de Kardec, os mais baixos seres humanos, desde os atirados à lama de todos os vícios até os mais terríveis criminosos, logo que morrem, sentem um alívio inefável e passam a gozar venturas imensas.

Quem lê, porém, o período sem lentes apaixonadas e o intuito desmoralizador do *Livro Negro*, verá que se trata dos casos normais, e que, em toda a obra de Kardec há centenas de restrições; que muitíssimos são aqueles para os quais bem diferente é a sorte após o trespasse. Seria, portanto, um contrasenso apresentar-se o trecho como regra geral. Vejamos exemplos que melhor nos elucidem:

Será uma grande verdade declarar que os peixes podem ir a grandes profundidades. Todos sabem que existem peixes no mais profundo dos mares. Mas quem ousaria afirmar, por isso, que as sardinhas possuem o mesmo privilégio? Imagine-se uma pessoa a garantir que as pititingas podem ir a todas as regiões aquáticas, por nos garantirem os ictiólogos que os peixes habitam os abismos do Oceano?

Dizer, portanto, que os Espíritos percorrem o Espaço e transpõem distâncias o mesmo é afirmar que há Espíritos

que o podem fazer. É esse o espírito do ensino ou o ensino do Espírito.

Mas, enfim, para demonstrar o grande equívoco da ilação do opositor e, conseqüentemente, de todo o seu arrazoado nela firmado, temos diante de nós o versículo 87, do Livro dos Espíritos:

> "Nem todos os Espíritos vão a toda a parte, por isso que há regiões interditas aos menos adiantados".

Claríssima a lição, donde se percebe que a rapidez do transporte dos Espíritos e a faculdade de ir a várias regiões dependem do grau evolutivo e de várias outras circunstâncias.

Galileu informou, portanto, o que pode e o que soube. E Galileu é uma opinião isolada.

* * *

DOCUMENTOS GRAVES

Entre os esmagadores documentos inventariados no *Livro Negro* está incluída uma carta pastoral, que espíritas dão como escrita por um bispo católico, "carta que nunca existiu".

A carta existiu. Apenas, em vez de bispo católico, o bispo era ortodoxo. O *Reformador*, órgão da Federação Espírita(*), esclareceu o assunto por mais de uma vez. Mas o *Livro* fixa-se na carta e esquece o esclarecimento.

E já que está nas cartas, apresenta, vitoriosamente, uma que lhe dirigiram, onde se diz que um morto se ergue da tumba para endereçar-lhe umas palavras. E assina-se. Mata-se em indagações o Autor e verifica que a carta é falsa.

Dir-se-ia, depois dessa carta misteriosa, apócrifa, sem responsabilidade, que tudo o mais, em Espiritismo, é do mesmo teor. Tudo o mais deve ser falso também.

O escritor incomodou meio mundo para deixar patente essa falsificação, como se fosse impossível a um qualquer improvisar uma carta, para rir-se depois do Espiritismo ou do destinatário, e isto sem já falar no que possam dizer as más línguas, isto é, que a carta foi arranjada pelo próprio escritor do *Livro*. Uma arma secreta. E com essa epístola

---

(*) F.E.B. — Federação Espírita Brasileira. — Nota do revisor.

fulminante deixaria claro que a correspondência dos mortos não corresponde nunca à verdade. Se o manejo não é irrespondível, o truque, em razão do trabalho despendido, não é correspondente.

E agora o impressionante desfecho de todo o arrazoado e de toda a documentação: Os Espíritos não se identificam; nunca se saberia, se fosse verdadeira a comunicabilidade, com quem se estaria falando; e finalmente, saindo-se das cartas do Além, "as mensagens sempre refletem o espírito do tempo e a mentalidade do médium".

Contra essa estapafúrdia afirmativa, há para desmascará-lo, o acervo imenso das manifestações espíritas, o protocolo universal, prenhe de demonstrações da sobrevivência.

Colhamos alguns exemplos, rápidos, a título de amostra.

* * *

FATOS

Vejamos o caso de Sylvain Maréchal.

Sylvain era ateu; conseqüentemente negava a imortalidade da alma.

Os que não crêem na imortalidade morrem como todos os outros, diz Gabriel Delanne, e Sylvain viu chegar a hora do grande sono, como ele chamava a morte.

Sua mulher e a Sra. Dufour velavam, à cabeceira. Começava a agonia. De repente, o moribundo, como se lhe lembrasse alguma coisa, fez grande esforço para falar. As duas senhoras inclinaram-se para ele. E ele, então, com voz fraca, quase inaudível, disse estas palavras: *Há quinze*... E a voz expirou. Fez novo esforço e a voz murmurou apenas: *quinze*... Foi impossível ouvir-lhe o resto. Os lábios ainda se lhe moveram, deu um grande suspiro e morreu.

Na noite seguinte, a Sra. Dufour acabara de deitar-se e ainda não tinha apagado a lâmpada, quando ouviu a porta abrir-se levemente. Ela fez um anteparo com a mão diante da luz e olhou. Sylvain Martin estava no meio do quarto, vestido como em vida, nem mais triste nem mais alegre.

— Cara Senhora — falou ele — venho dizer-lhe o que não pude terminar ontem; há quinhentos francos em ouro ocultos numa gaveta secreta de minha escrivaninha. Faça o possível para que esse dinheiro não caia em outras mãos que não as de minha mulher.

A Sra. Dufour, mais espantada que assombrada, com essa pacífica aparição, disse então ao fantasma *(dit alors au revenant)*: — Vejo, meu caro ateu, que V. acredita agora na imortalidade da alma.

Sylvain Maréchal sorriu tristemente, balançou ligeiramente a cabeça e repetiu uma última vez o seu estribilho: — Dormiremos muito tempo.

Depois saiu. O terror apossou-se enfim, da Sra. Dufour, que só então ficou completamente acordada e lançou-se fora da cama, para correr ao quarto da amiga, a Sra. Maréchal, que encontrou, vinda por seu turno, do quarto dela, pálida e assustada.

— Acabo de ver Maréchal — disseram ao mesmo tempo; e repetiram os detalhes, quase idênticos da visão que acabavam de ter, cada uma de seu lado.

Os quinhentos francos foram encontrados na gaveta secreta da escrivaninha.

A narrativa é feita por Eliphas Levi, "*un ennemi du Spiritisme*", diz Delanne, e consta do livro daquele autor *Science des Espirits*, pág. 207.

Há aqui vários casos a considerar: a insuspeição do narrador; as peripécias da narrativa, concordantes nos pormenores com milhares de outras idênticas e com cujas semelhanças se constrói o corpo doutrinário: O falecido se apresenta tal como em vida; está vestido; conserva as mesmas idéias, apesar do trespasse; não perde a memória; parte com o pensamento fixo em determinado ponto e só se tranqüiliza quando o vê resolvido; outro caso são os esforços do autor da narrativa para explicá-la dentro de moldes não espíritas. Principia por ajeitar os fatos e acrescenta — *La frayeur que pret alors Mme. Dufour, ce qui prouve qu'alors seulement elle fut complètement éveillée.* — O terror que se apossou da Sra. Dufour prova que só então ficou completamente acordada.

Ora, aquilo só prova que ela se tomou de medo, quando pode refletir sobre o inesperado do caso; além disso, segundo a descrição, a Sra. Dufour, que estava com a lâmpada acesa, pôs a mão diante dos olhos para premunir-se contra a intensidade da luz e ver melhor, e foi assim que reconheceu o visitante, coisas que não se compreendem como fizesse dormindo.

Vale a pena agora ouvir a interpretação:

> "Trata-se de um notável fenômeno de alucinação coletiva, com identidade de segunda vista, porque não há nada que possa provar algo em favor dos trespassados".

Como se vê, é um digno precursor do *Livro Negro*. Tudo ali é negrume.

A explicação para o caso, fora da tese espírita, é o que há de mais vago e nebuloso. A evidência da presença do morto é substituída por palavras que nada exprimem e que não se entendem, mesmo aplicadas aos fenômenos em que mais se justificariam. A alucinação, a segunda vista são termos, apenas.

Quanto aos quinhentos francos, houve o cuidado de não se falar neles. Era difícil encaixá-los na dupla vista ou nalgum acesso alucinatório. Apesar da elasticidade que dão aos vocábulos, parece que ainda não sobrou coragem para aplicá-los ao descobrimento de dinheiro no escaninho das gavetas. O melhor foi o que fez o Autor do relato: silenciou, com receio de que, esticando muito, entornasse o caldo. As explicações, como as marés, não passam de determinados limites. Quando passam já é o cataclisma.

Tal acontece com o *Livro Negro;* tal é o que se dá com os escritores infensos ao Espiritismo. Chegam com as suas razões até o limite da preamar. Estacam aí. Quanto ao resto, disfarçam.

E entre os disfarces dos que não crêem, o silêncio dos que não sabem nem podem sair dos lances difíceis, as explicações mal acomodadas ou absolutamente ridículas, e os casos positivos, probantes, esmagadores da fenomenologia supranormal, com a evidência da manifestação do morto, o autor do *Livro Negro* fica em dúvida.

Tão bom como tão bom. Ele não pode distinguir entre um fenômeno que só tem como justificativa a presença do desencarnado e os mascarados por palavras mais ou menos sonantes.

Não se sabe — diz ele. Uns dizem que sim, mas outros dizem que não. E com isso se lança uma esponja formidável, gigantesca, no imenso arsenal das provas da imortalidade e da comunicabilidade dos Espíritos.

E passa adiante.

Mas, o que quisemos, principalmente, no exemplo, foi mostrar a insuspeição do narrador, quanto ao fato.

* * *

Vejamos ainda um caso em que devem ser curiosas as hipóteses explicativas. Narra-o Arthur Hill no seu livro *Man is Spirit*, ed. Cassel and. C., e Conan Doyle o transcreve. Refere-o o Capitão James Burton:

Uma semana depois dos funerais de meu pai, estava eu escrevendo uma carta sobre negócios, quando me pareceu que algo se interpusera entre minha mão e os centros motores de meu cérebro, e a mão escreveu, de modo espantoso, uma carta assinada por meu pai, com a indicação de que vinha dele. Fiquei muito perturbado e com o braço e todo o lado direito frios e dormentes. Durante um ano, as cartas vieram freqüentemente, e sempre quando não o esperava. Nunca sabia o que continham, até que as examinasse com uma lente. A letra era microscópica. Tratavam de vários assuntos dos quais me era impossível estar a par.

Sem que eu o soubesse, minha mãe, que residia a sessenta milhas de distância, perdera um cachorro de estimação, e que fora dado por meu pai. Nessa mesma noite, recebi dele uma carta enviando condolências a ela e dizendo que o cão se achava agora em companhia dele. Tudo que amamos e contribui para a nossa felicidade no mundo estão aqui conosco, afirmava.

Um segredo muito sério, só conhecido de meu pai e de minha mãe, e ocorrido antes do meu nascimento, foi-me por ele revelado, com esta recomendação: — Diga isto a sua mãe e ela saberá que sou eu, seu pai, quem está escrevendo. — Minha mãe que, até então, recusara acreditar no fato, quando ouviu a comunicação, perdeu os sentidos. Desde esse momento as cartas se tornaram para ela o maior consolo, porque ambos se amaram sempre durante os quarenta anos de vida matrimonial e a morte do esposo lhe havia quebrado o coração.

Quanto a mim, estou convencido de que meu pai continua a existir, tal como era, e como se ainda se achasse a portas fechadas em seu gabinete de estudo. Ele não está mais morto do que o estaria se vivesse na América.

Existem maiores provas da autenticidade deste caso, pelo que — acrescenta Conan Doyle — recomendo ao leitor o citado livro.

Ponhamos exemplos de fenômenos subjetivos:

O Dr. P. Gibier, fisiologista eminente, diretor do Instituto Pasteur, de Nova York, fez uma bela experiência com Madame Salmon:

> Ele experimentou em seu próprio laboratório. Mandou a princípio construir uma jaula de ferro especial **(une cage de fer spéciale)**, cuja porta fechou à chave; pos a chave no bolso e cercou a fechadura de timbres.

A senhora Salmon ficou encerrada nessa caixa. Depois de curto espaço de tempo, feita a escuridão, viram-se mãos, braços e formas vivas sairem da caixa: um homem, uma mulher, e uma menina, Mandy, alegre, divertida. Muitas vezes era a própria senhora Salmon que saía da gaiola e caía meio desmaiada no chão. Entretanto, os sinetes estavam intactos e a porta da jaula não fora aberta.

Numa segunda experiência, mais demonstrativa ainda, a jaula de ferro foi substituída por um gabinete de madeira especialmente construído e também hermeticamente fechado. Além disso, a senhora foi solidamente amarrada com os nós ocultos e selados às paredes do gabinete. Vinte e quatro segundos depois aparecem, fora do gabinete, um grande ante-braço e uma mão esquerda. Depois, outra forma vem ainda para fora do gabinete.

Há alguns minutos de espera e um objeto branco, grande como um ovo, se desenvolve e cresce fora do gabinete também. Aparece, então, uma mulher, viva. Algumas pessoas a reconhecem. Essa pessoa "fantasmática" fala francês corretamente, enquanto a Sra. Salmon mal pronuncia algumas palavras. A aparição persiste por dois minutos. Gibier pode distinguir-lhe os traços. É magra, aparentando vinte a vinte e cinco anos, enquanto a Sra. Salmon é corpulenta e tem cinqüenta anos. Depois aparece Mandy, com um metro de altura somente. Depois um homem de alto porte, ao qual Gibier pode apertar a mão, vigorosa, musculosa, inteiramente masculina. Ao fim de algum tempo, essa nova forma desmancha-se, abisma-se por assim dizer no solo.

Verifica-se, depois, que tudo está intacto. A senhora Salmon conserva os laços: a fita de seda continua em torno do seu pescoço como antes da sessão. Richet. — **Traité de Métapsychique**, 2a. ed., pág. 687.

Richet reporta-se a outra experiência em que o médium também é encerrado numa gaiola de ferro.

O Dr. Nichols experimentou com Eglinton, fechado numa gaiola, rodeado de fios. As portas foram fechadas com muitos nós selados e salpicaram de farinha os bordos da caixa; isso não impediu que as formas aparecessem fora dela. Outra vez, o Dr. Nichols, em pleno dia, atrás de cortinas fechadas, viu a materialização de uma

> forma humana, a qual, a fim de se fazer reconhecer, aproximou-se da cortina, que levantou, e se mostrou em toda a claridade. Pouco depois, a forma se foi desmaterializando lentamente; só ficou a parte inferior do corpo que evanesceu de repente" (**Traité**, p. 705).

Poderíamos apresentar aqui experiências aos milhares. Os processos de fiscalização andam em barda nas obras de Psiquismo. O médium é amarrado, engradado, engaiolado, selado; outras vezes, seguro pelos experimentadores, com os pés e mãos presos pelos mesmos; outras vezes, ainda, postos em locais onde os seus movimentos são observados por aparelhos ocultos.

Diante de Crookes o fantasma desaparece aos olhos dos assistentes e se derrete como uma boneca de cera; Richet vê o seu fantasma formar-se. O sábio inglês cortou uma das madeixas de Katie; o sábio francês verifica que o seu fantasma tem vida, fazendo-o respirar em água de barita.

Depois de todo esse escrúpulo, depois de toda a aparelhagem, depois de toda a escrupulosa verificação, depois dos minuciosos e convincentes exames procedidos, tudo devidamente apresentado e descrito nos livros, nas revistas, nos manuais, nos tratados, falar em gabinetes, cortinas e ruídos, como se a manigância passasse despercebida aos escrupulosos e cépticos observadores, isto sim, é que é abusar da credulidade alheia.

Richet mostra, ainda, a impossibilidade para o médium inexperiente e jovem, principalmente as meninas, de agir como hábeis mistificadores. E diz-nos:

> "As médiuns como a Sra. Esperance, como Florence Cook, como Linda, como Eusápia, como Marthe Beraud, nunca tomaram qualquer lição de prestidigitação e de ilusionismo. Verificaram fenômenos estranhos e quase contra a vontade (**malgré elles**), seguiram o caminho que lhes estava aberto. É pelas necessdiades da causa que se lhes atribui uma habilidade técnica extraordinária superior à dos profissionais mais hábeis, Roberto Houdin, Hamilton, Maskelyne, desde que enganaram os mais experientes sábios, em condições de fiscalização severa, em múltiplas e várias sessões, quando, nem Houdin, nem Hamilton, nem Masklyne, jamais puderam imitar o que elas fizeram". (**Traité**, pág. 45).

O fenômeno está solidamente demonstrado; só o negam os desconhecedores e os fanáticos.

Veremos, agora, com que mão segura o impenitente opositor apresenta as causas suspeitas numa sessão: a música, o gabinete, a cortina, a proibição de tocar no médium a escuridão.

Não consta que a música seja elemento indispensável, e nem sempre os sábios costumam falar nela. Entretanto, a influência da música nos espíritos, a sua contribuição para a serenidade, para a elevação dos sentimentos, para a concentração é fato conhecido de quantos se dedicam aos estudos espirituais, e não poderia ser ignorado pelos que se presumem de estudiosos e sabidos.

Dispensamo-nos de mais longas explicações.

Há a interdição de tocar nos fantasmas, porque a experiência tem demonstrado o perigo que existe para o médium com essa imprudência.

A Senhora d'Esperance esteve em estado grave, a ponto de inspirar cuidados, quando um descrente abraçou a figura materializada.

Há muitos exemplos que tais nos anais do Psiquismo. Apontar, portanto, essa precaução, como indício de artimanha ou fraude, quando os fatos lhe atestam a legitimidade, ou é insciência ou má fé.

As condições em que são feitas as experiências mostram que são inúteis os gabinetes, as cortinas para os fins da burla.

Cromwey Varley, o genial eletricista inglês, rodeava Miss Cook, a médium de Crookes, de fios elétricos, que iam ter a um registrador, onde se verificavam todos os movimentos da médium.

Inventaram-se aparelhos, especialmente para a fiscalização, sendo notáveis os que usou o sábio alemão Schrenck Notzing e o neurologista francês, Dr. Eugène Osty.

Termômetros e balanças acusavam a temperatura ambiente e as alterações do peso do médium.

Quando a médium era do sexo feminino havia um exame especial de que as senhoras se encarregavam.

Isto quanto aos fenômenos objetivos; quanto aos subjetivos não era necessária precaução alguma e eles nem por isso deixaram de encher as páginas da história, os livros santos, as revistas e livros de Psiquismo, as obras literárias, os Anais em todo o mundo.

É de fato pelas necessidades da causa que o *Livro Negro* aventa aqueles motivos de suspeição, absolutamente infun-

dados e fartamente desmentidos pelas condições de "controle".

Reportemo-nos agora à luz, ou falta de luz, a que se apegam, em derradeiro esforço, os negativistas, vendo naufragarem as suas mais engenhosas lucubrações para botar abaixo o edifício construído pelos Espíritos.

* * *

A LUZ

Luz. — O Autor, com seus prolongados e exaustivos estudos em torno do Psiquismo e do Espiritismo deveria saber que a imensa maioria das sessões se processa no claro. Vá a qualquer centro, dos inúmeros que existem por todo o país, e verá luzes por toda a parte. Onde se requer obscuridade é para os fenômenos de efeitos físicos; nunca se tratou de apagar as lâmpadas nas manifestações subjetivas, nos fenômenos de incorporação, onde as manifestações são de ordem mental ou intelectual.

Mesmo naquelas, onde a luz pode prejudicar a formação do ectoplasma, nunca se deixou, por falta de claridade, de observar o desenrolar da fenomenologia, convindo declarar, que nas experiências clássicas, sobretudo nas mais notáveis, a luz não faltava.

Os fenômenos mais interessantes produzidos por Eusápia Paladino efetuaram-se à luz de um bico Auer, estando a médium solidamente amarrada. Katie King, nas experiências de Crookes, apresentava-se à luz da lua, à luz de várias velas, à luz de lâmpadas e até à luz do sol. Tudo se acha devidamente descrito no relatório daquele grande físico inglês.

O fantasma Nepenthès, produzido pela mediunidade da Sra. d'Esperance, foi visto à luz natural. As sessões da Sra. Bisson com Eva produziam-se não só à luz vermelha como à luz branca, e à luz solar. Os experimentadores viam, ao mesmo tempo, a médium e a figura materializada.

Dunglas Home não admitia o escuro. Livermore realizou memoráveis experiências com a médium Katie Fox, durante três anos, e projetava sobre as aparições o feixe luminoso de sua lanterna. As manifestações devidas a Stainton Moses eram iluminadas por grandes globos de luz medianímica.

As experiências do astrônomo Zöllner com o médium Slade se desenrolavam à luz do dia.

Crookes declarou textualmente:

"Exceto algumas circunstâncias para as quais a obscuridade era condição indispensável, como os fenômenos de aparições luminosas, **tudo o que relato** foi feito em plena luz". (Vejam-se os seus escritos).

Em Flammarion colhemos as seguintes descrições constantes de *Les Forces Naturelles Inconnues:*

"Pode-se obter grande número de fatos medianímicos por uma iluminação bastante intensa, de sorte que é possível distinguir-se com segurança". Pág. 26.

Tratando de determinada experiência:

"Defronte a mim se achava Guilherme de Fontenay, que não estava mais disposto que eu a ser enganado, e se encarregou da mão direita e do pé direito da médium.

Plena luz, grande lâmpada de petróleo, abat-jour amarelo claro e mais duas velas acesas". Pág. 97.

Descrevendo a levitação de uma mesa de quatro pés:

"Sempre, em plena luz" — **tonjour en pleine lumière** —...

Agora é uma mesa que caminha:

"Enquanto os Srs. Limoncelli e Vizioli despediam-se, estando a médium ainda assentada e amarrada, nós, em pé, em torno da mesa, conversamos a respeito dos fenômenos luminosos e comparávamos os efeitos raros e fracos obtidos nesta tarde com os do sábado precedente, procurando a razão da diferença, quando ouvimos um ruído na alcova e vimos então as cortinas que a fechavam, fortemente agitadas, e o **guéridon** que se achava atrás delas, avançar lentamente para a senhora Paladino, sempre sentada e amarrada.

"Ao aspecto desse fenômeno estranho, inesperado e **em plena luz, houve um estupor,** um assombro geral". **A l' aspect de ce phénomène étrange, inattendu et en pleine lumière,** ce fut une stupeur, un ébahissement général". (Pág. 202).

Flammarion descreve os movimentos de objetos à distância, sem qualquer contacto:

"Um exemplo notável produz-se na segunda sessão, sempre em plena luz..." Pág. 212.

Paremos por aqui com os exemplos do grande astrônomo. Vejamos outro autor, J. Maxwell em *Les Phénomènes Psychiques*.

Os fenômenos psíquicos podem ser obtidos em pleno dia". (Pág. 32).

Depois de relatar grande número de experiências:

"Ninguém esqueça que falo de experiências obtidas em pleno dia". **(On n'oubliera pas que je parle d'expériences faites en plein jour)**. Pág. 80.

Mais adiante insiste em que se procure obter os fenômenos à luz:

"As experiências devem ser feitas com luz; foi nestas condições que, algumas vezes realizei a levitação com Eusápia; foi um fenômeno perfeito. (Pág. 90).

Aqui transcrevemos um período inteiro, por estar prenhe de ensinos:

"Mostrei quanto os representantes mais autorizados da ciência francesa estavam mal informados, à exceção de Richet e alguns outros. O imenso trabalho realizado nos Estados Unidos e na Inglaterra foi negligenciado por eles. É bem difícil, portanto, discutir com esses sábios, quer porque ignorem, quer porque finjam ignorar o que os outros fizeram. Mostrei igualmente como eram defeituosas as experiências que eles instituíram, como os seus métodos eram criticáveis. Indiquei, especialmente, como eram inoperantes as experiências de Grasset, visto que os movimentos que obteve foram por contato. Declarei que minhas experiências foram executadas em pleno dia **(raps, tecilenesia)**; raramente com médiuns profissionais, ordinariamente com os não profissionais. (Pág. 62).

O musicista Aubert foi submetido a rigorosa investigação pelo *Institut Général Psychologique*. A princípio, os Espíritos exigiram que se fizessem a obscuridade. Mas, aos pou-

cos, consentiram que se fosse clareando a sala das sessões, e, por fim, elas ficaram inteiramente iluminadas. (Aubert. *La mediunité spirite).*

Descrevendo a materialização de mãos, diz Delanne: — Não se pense que a obscuridade seja condição indispensável para a observação. (Delanne — *Les Apparitions materializées.*

A Sra. Bisson escrevia em *Psychica,* 15-6-1921:

> "Desde o princípio procurei aumentar a iluminação. Às lâmpadas vermelhas sucederam as verdes, amarelas, azuis para chegar às brancas de 50 velas.
>
> "Ultimamente, o Engenheiro Mr. Jeanson, interessado nos resultados obtidos, pediu-me, em vista dos fenômenos espontâneos obtidos por Eva, durante o dia, experimentar as sessões com toda a luz do **atelier**.
>
> Tudo deve ser tentado quando é possível. Assim o fizemos. Há dois meses e meio que realizamos as experiências e elas continuam. A princípio o médium se queixava de que a luz plena lhe fazia mal, mas, pouco a pouco, se foi conformando, e obtivemos resultados superiores à nossa expectativa.
>
> Por exemplo, um pequeno rosto se mostrou numa sessão; pequeno rosto de mulher, seguido de um busto; rosto em relevo, olhos azuis, faces róseas, cabelo louros e lisos. O todo era rodeado de uma substância cinzenta e essa substância via-se amalgamada à aparição. O rosto evolveu; pudemos estudá-lo, tocá-lo, verificar-lhe a cor e o relevo.
>
> Não foi a sessão na obscuridade ou com anteparos luminosos **(écrans lumineux)**, anteparos enganadores, não foi a lâmpada vermelha, nem a lâmpada branca, mas o pleno dia **(c'est le grand jour)**.

Isto que aqui está, já se tem dito, redito e escrito, com maior cópia de exemplos, mas os acusadores vão fazendo ouvidos de mercador, como agora acontece com o *Livro Negro,* o que, por certo, não abona muito o sacerdócio demolidor nem os sacerdotes oponentes.

Enfim, cada um arremete com as armas que pode. E desde que se consigam os fins, qualquer meio serve. Não é esta a nossa doutrina, mas não nos podemos arvorar em censor da dos outros.

Eles que continuem com seus *livros negros,* com a sua escuridão.

* * *

AO NÍVEL DOS MÉDIUNS

Identificação de Espíritos

Das dificuldades na investigação, do fato de não possuírem os Espíritos, como não possuímos na Terra, nem possuíam eles, quando vivos, a plena sabedoria, da falibilidade dos defuntos, que não é mais que o reflexo da falibilidade humana, tiraram, como já vimos, os corifeus do negativismo, quer escrevam livros negros ou brancos, a conclusão de que não há tomar fôlego, não há perceber nada, em Espiritismo, como se o cenário do Outro Mundo não fosse o mesmo cenário da vida material, o que não impede o nosso progresso em todos os sentidos, neles incluído o progresso psicológico e filosófico.

Apresentam Allan Kardec como a declarar impossível a identificação dos Espíritos, mas os trechos apontados, quando são descobertos, dizem o contrário do que os opositores leram. Quanto à identificação, vejamos o que declaram as suas páginas claras, encontráveis:

> "Quando se manifesta o espírito de alguém, pessoalmente nosso conhecido, como por exemplo, um parente ou um amigo, principalmente se morto há algum tempo, acontece, em geral, que sua linguagem se revela em perfeita relação com o caráter que lhe conhecíamos. Já é um indício de identidade. Entretanto, já não cabe a dúvida quando o Espírito fala de coisas particulares, lembra ocorrências de família, desconhecidas do interlocutor. Por certo, que um filho não se enganará com a linguagem do pai ou da mãe, assim como os pais se não enganarão com a do filho. **Por vezes, nessas evocações íntimas, passam-se coisas impressionantes, de natureza a convencerem o mais incrédulo.** O mais duro céptico é, às vezes, aterrado por inesperadas revelações que lhe são feitas".
>
> .....
>
> "Só os Espíritos que atingiram certo grau de depuração se acham livres de qualquer influência corporal; mas quando não se acham completamente desmaterializados — e é esta a expressão de que se servem —, conservam a maior parte de suas idéias, de seus pendores, e até das manias que tinham na Terra, o que ainda constitui um meio de reconhecimento A isto também se chega por uma porção de pormenores, só revelados por uma

observação atenta e contínua". **"Livro dos Espíritos**. — Introdução. XII).

Aqui temos, pois, o próprio Allan Kardec, e em formal desmentido aos que lhe apanham frases soltas, estabelecendo a possibilidade de identificar-se perfeitamente o Espírito, o qual, por vezes, "convence o mais incrédulo", deixando "o mais duro céptico aterrado por inesperadas revelações".

Outro maranhão, muito do estilo dos antagonistas, é que não há confiar nos Espíritos, como se não houvesse, absolutamente, meio de identificá-los; e que "as mensagens espíritas sempre refletem o espírito do tempo e a mentalidade dos espíritas".

Como se vê, identidade impossível e as comunicações dos mortos não ultrapassam o nível do médium, quanto às suas idéias e à sua inteligência.

Entretanto, o Reverendo Stainton Moses, muito preso aos princípios de sua Igreja, recebia Espíritos que o contrariavam naquilo que ele tinha por indubitável. Ele o confessa:

> "Quase todos os meus escritos automáticos eram contrários às minhas mais profundas convicções". (**Spiritualist Teachings**).

Aksakof, em "Animismo e Espiritismo", apresenta vários capítulos que tratam das "manifestações contrárias à vontade do médium, aos seus caracteres e sentimentos, a fatos dele desconhecidos, às comunicações de pessoas inteiramente desconhecidas do médium e dos assistentes, às contrárias às convicções do médium, às mensagens cuja natureza está acima do nível intelectual do médium..."

Sir Oliver Lodge, o notável físico inglês, perdeu na guerra o seu filho Raymond. Pouco depois este se comunicava com a família, a quem deu inequívocas provas de identidade.

Certa vez um irmão lhe perguntou: — Lembra-se da palavra Argonautas? Ele respondeu que sim, e se lembrava também do telégrafo.

A resposta intrigou a todos. Ninguém sabia a relação entre o telégrafo e Argonautas, até que uma das moças, filha do cientista inglês, e ausente à experiência, se lembrou de que, numa viagem de turismo, Raymond fora ao telégrafo em Devonshire, e passaram todos um telegrama onde assinaram coletivamente — Os Argonautas. (Oliver Lodge. — *Raymond or Life and Death).*

Eis um fato não só desconhecido do médium como dos experimentadores.

É de notar, entre as conversões produzidas pelas provas medianímicas, a do escritor francês Gabriel Gobron, autor de *Yan, de l'Ermonec, de Histoires Lorraines, de Contact avec la jeune génération allemande, Raspoutine et l'orgie russe...*

O escritor residia em Sidi-Bel-Abbés, num apartamento onde o antigo ocupante se suicidara, o que Gobron não sabia.

O suicida começou a obsidiá-lo, com uma perseguição clara, terrível, persistente. As manifestações não deixavam a menor dúvida quanto à sua proveniência. Gobron retirou-se para Argélia, mas o morto lhe parecia colado à pele, diz o noticiador. Tomou-o grande depressão física e moral, e estava às portas da alienação, quando um médium conseguiu afastar a entidade obsessora. O fenômeno, pela sua clareza, pela sua realidade, fez ver ao beletrista que a morte não existe e os mortos se manifestam, por vezes, muito desagradavelmente. O relato é devido ao livro de Picone Chiodo — *La Verità Spiritualista.*

O Espírito de Spencer Stattford revelou o telefone à Senhora d'Esperance, trinta anos antes de sua descoberta.

Já em 1883, quando não havia o acervo de documentos que hoje possuímos, um positivista, Adolphie d'Assier, escrevia em *L'Humanité Posthume,* pág. 187, referindo-se aos médiuns:

"Um fala, outro escreve, mas ambos declaram que estão sob a influência de um inspirador misterioso, que dita as suas respostas. Interrogado sobre sua origem e sua personalidade, este soprador invisível *(ce souffleur invisible)* dá-se, ora como um espírito sem nacionalidade, ora como a alma de um defunto. Nesse último caso, declara espontaneamente *(il se dit voluntiers)* ser amigo ou parente do médium, a quem vem ajudar com os seus conselhos. Há aqui um dos efeitos mais surpreendentes do mesmerismo. A personagem misteriosa convidada a traçar algumas linhas por intermédio do lápis móvel ou da mão do médium, reproduz a escrita, as locuções e até os erros ortográficos que eram familiares ao amigo ou parente do que ele se diz o representante próximo. Tal argumento parece, à primeira vista, irrefutável, e é sobre fatos desse gênero que se apóia a teoria do Espiritismo".

Conta ainda o mesmo autor que numa sessão de mesa perguntaram ao Espírito quantas orelhas havia na sala. A mesa dá dezesseis pancadas. Contam-se os assistentes: só havia sete.

Voltam à mesa e lhe mostram o erro. Ela o confirma. Novas pesquisas na sala, novas reclamações, e a mesa a insistir nas dezesseis orelhas. Até que alguém declara — a mesa tem razão. É que esse assistente descobrira um gato que dormia tranqüilamente na lareira e que completava o número das orelhas. (Pág. 184).

É muito conhecido o caso da Sra. Piper, cuja identificação de defuntos tornou perplexos os grandes sábios que a examinaram.

"Foi vê-la Paul Bourget, o conhecido novelista francês. Ele se declara assombrado com a dupla vista da médium e escreve, citando um caso pessoal:

"O que posso concluir dos detalhes realmente extraordinários que ela me forneceu, a mim, um estranho, que estava ali de passagem, e a respeito de um morto, detalhes que nunca referi a ninguém, é que o Espírito possui processos de conhecimento imperceptíveis à nossa análise". (Georges Meunier — *Ce qu'ils pensent du Merveilleux* — pág. 15).

Como se vê, sem a precisa coragem de aceitar francamente a presença do morto, não teve, porém, a ingenuidade de impingir-nos um subconsciente dotado de milagrosas qualidades de adivinhação.

Além das provas de identidade pelas demonstrações da pessoa do defunto que se diz presente, há várias outras que as vêm completar.

Psychic News, de outubro de 1929, apresenta o que chama o estranho caso de Geraldine Cummins. Ela tem dois guias, que os ingleses denominam *controls*, e que se dão os nomes de Astor e Silênio. Eles agem como guarda-portões *(door-keepers)* para os demais manifestantes, vigiando-os ou lhes impedindo a entrada, quando não as julgam conveniente. Uma espécie, assim, do Emmanuel para o Francisco Xavier.

Astor diz-se um pagão pré-cristão e apresenta suas vistas e seus conceitos com relação aos cristãos e ao Cristianismo, que desagradam, sobremaneira, Miss Cummins. Silênio fora mártir cristão; teve parte importante nos *Escritos de Cleofas*, que contêm informações históricas que a moça nunca teve oportunidade de adquirir e que tanta admiração causou nos meios literários e científicos da Grã-Bretanha.

Os dois guias criticavam-se e refutavam-se mutuamente, tal como seres humanos que se achassem em campos opostos ou fossem rivais.

Notório é também o caso de Hellen Garret. Seus guias, Uvani e Abdul Latif, declaravam-se independentes da médium e como tal procediam.

O Dr. Cornelius Traeger, do *Rockfeller Institute*, na América do Norte, não contente com as demonstrações de valor intelectual que os guias apresentavam, resolveu efetuar longa série de experiências fisiológicas, com o fim de provar, como supunha, que os guias eram entidades imaginárias.

Afinal, o que ele conseguiu foi mostrar que as reações da médium, as de Uvani e as de Abdul eram totalmente diferentes.

O resultado dessas experiências, conclui outro experimentador, o Dr. Elmar Lindsay, foram realmente tão impressionantes, que o Dr. Traeger, sendo cientista e médico, hesitou em mostrá-las ao público.

Os registros eletrocardiográmicos eram inteiramente diversos. Os resultados apresentavam reações fisiológicas diferentes, indicando que as três personalidades eram tão distintas que mostravam caracteres físicos inteiramente dissemelhantes, apesar de se manifestarem através do organismo da médium. *(Light-May*, 30- 1937).

A *Light*, revista científica londrina, refere-se também às experiências americanas, e o Autor escreve:

> "Elas dizem, principalmente, com as experiências levadas a efeito com a Sra. Garret, pelos professores universitários na América, com o fim de assegurar a natureza do transe medianímico e a identidade dos controles que se manifestavam e declaravam já ter vivido na Terra; estavam agora com a missão de se comunicar com ela e esclarecer os homens".

Aplicados vários testes fisiológicos verificou-se que as reações desses guias, através do corpo de Mrs. Garret, em transe, eram sempre distintas. *When various physiological tests were applied, it was found that the reactions of these controls manifesting through the body of Mrs. Garret, whilst she was in transe, were always distinct from each other. (Light*, 13 de maio de 1937).

Os próprios autores, contrários à hipótese espírita, reconhecem a pertinácia com que os manifestantes declaram a sua existência extrínseca ao médium. Assim, confessa Jules Bois, em *Le Miracle Moderne*, pág. 253:

> "Entretanto, os Espíritos, por seus intérpretes **(par leurs truchements)**, protestam energicamente em favor de sua personalidade. Apegam-se à ilusão **(ils tiennent**

> **à leur illusion)** de existência independente. Não só os oráculos das mesas ou dos lápis, como vimos, mas as Sardou, todas essas obras trazem regularmente a assinatura, pelo menos de um espírito, e algumas vezes, depois, por que os espíritos colaboram; Bernard Pallissy com Zoroastro, por exemplo".

Não obstante, o escritor não se conforma com os rótulos emprestados ao fenômeno. —

> "Lembrai-vos — diz ele — que hinos foram entoados quando se descobriram as palavras hipnotismo, histeria, telepatia. São eles, também termos absolutamente vazios; mas acreditaram que explicavam tudo, porque abraçavam sob a asa mágica de suas sílabas gregas, uma série de fenômenos que chapinhavam no mais vergonhoso anonimato **(qui pataugeaint dans le plus honteux anonymat)**.
>
> **"Quelle délivrance pour l'esprit, quel long soupir de soulagement**... Que libertação para o espírito, que longo suspiro de alívio para as nossas doutas agremiações quando se realizou esse batismo solene!" **(Le Miracle Moderne)**.

Como se vê, as provas de identificação de Espíritos são de variada espécie. Eles nos dizem quem são e o provam. Demonstram-no pelas particularidades que apresentam, pelo que referem, pelo modo por que as pessoas se dão a conhecer — na maneira de falar, nos gestos e até nas tinetas.

As suas idéias não são as do médium e muitas vezes até se mostram contrárias às dele. É o estilo próprio, a grafia própria, o pensamento próprio.

Até por processos experimentais se verifica que o manifestante tem personalidade perfeitamente distinta da do paciente.

* * *

Não é verdade que haja muitos Espíritos conhecedores da vida dos encarnados. Nada o demonstra. Nunca se verificou isto. E se o fossem, teriam eles poderes divinos, entre os quais o da onisciência. O que se verifica é que os enganadores, quando bem interrogados, logo caem em contradições comprometedoras e se embaralham, tal como acontece com os velhacos, neste orbe sublunar.

Julgam os opositores, quando se fala na identificação pelas idéias, que só a podem ter os espíritos ilustres, e perguntam que idéias pode haver no comum do povo, capaz de caracterizar os indivíduos.

Entende-se por idéia, a maneira de pensar de cada um, os seus julgamentos próprios; é imaginação, opinião, juízo, lembrança, conhecimento... E como é muito difícil que duas pessoas tenham tudo isso muito igualzinho, ainda que fazendo parte do comum do povo, fácil é conhecê-las *pelas idéias*.

Não é certo afirmar que não sabemos com quem estamos falando, por um médium. Se um amigo nos chama pelo telefone, mesmo que não nos diga o nome e não lhe percebamos a voz, pelo assunto de que trata logo o identificamos.

Só em casos especiais não devemos importunar os Espíritos para identificá-los.

Antes do ensino, em toda a obra do Codificador, o que se verifica e conclui é que nunca devemos abandonar os meios de prova, sendo preferível recusar noventa e nove comunicações verdadeiras a aceitar uma falsa; tal deve ser o nosso escrúpulo na verificação, di-lo Allan Kardec.

A aceitação do Espiritismo não é uma questão de fé, mas de fatos. Temos que seguir com a Ciência, diz-nos ele, e toda a filosofia espírita repousa nas bases que a razão e a demonstração oferecem.

Fora daí é misticismo, é sectarismo, é fanatismo. Não é Espiritismo.

* * *

O QUARTO FATOR

Este refere-se à honestidade de Allan Kardec. O assunto já está devidamente ventilado em toda a primeira parte deste volume.

Não admira a dúvida sobre o Codificador. A fé, abolindo o raciocínio, já dizia Richet, faz acreditemos no maior absurdo como coisa absolutamente lógica. E Lamartine achava que, para certas criaturas, as suas convicções lhes parecem uma razão suficiente.

* * *

O ANIMISMO PROVA O ESPIRITISMO

Há inúmeros fatos que vêm confirmar as lições dadas a Allan Kardec. Novos elementos se incumbiram dessa confirmação, sem que tivessem, aliás, o propósito de mostrar a inanidade das razões expendidas no opúsculo a que nos vimos referindo: fatos naturais, oriundos dos vivos, com o testemunho dos sentidos, e que, por muito repetidos e muito verificados, entram já no domínio da Psicologia e de outras Ciências, embora com rótulos vários e estranhos.

Já não há neles o espantalho do morto com que assombram, ainda mesmo aqueles que menos medo deveriam ter das almas, já por lidarem com elas, já por tirocínio e finalidade profissionais.

Assim, dizem os Espíritos que, na ocasião do trespasse, ou já do outro plano, eles reviam o passado. Esse passado lhes transcorria diante das retinas espirituais, mostrando-lhes os atos bons e maus praticados em vida, com as respectivas sanções, ou melhor, com a sensação de alegria por uns e pesar pelos outros, pesar que toma, por vezes, o terrível aspecto do remorso.

Pois bem. Diversos escritores recolheram várias comunicações de vivos, que reproduzem os informes dos defuntos. Em perigo iminente, escaparam da morte, alguns de forma quase milagrosa; foram salvos quando já em agonia, ou no último transe, ou desfalecidos. A maior parte é apanhada quando já não dá sinais de vida, vítimas de afogamento, de asfixia, de enforcamento, de queda, de um acidente qualquer. Tornados a si, referem que, no momento da morte, quando já entreviam os chamados umbrais da Eternidade, prestes a desprender os últimos laços que ainda o retinham, já inteiramente alheios à Terra, viam, diante dos olhos, como em visão panorâmica, toda a existência, e na imensa tela os atos praticados, bons ou maus, com as suas conseqüências, a alegria por aqueles, a pungente tristeza por estes.

Do fenômeno do desprendimento, muito comum, fenômeno anímico, há farta messe de exemplos nos agiológios, na vida dos santos; verificam-se nos hospitais, onde se não

lhes presta muita atenção; referem-nos inúmeros doentes e as suas narrativas entram nos casos de alucinação.

Os estudiosos da Metapsíquica, porém, já os vão arrolando e classificando. O fenômeno é conhecido sob várias denominações: bilocação, desdobramento, êxtase, transporte...

São casos narrados pelos vivos e parecem extraordinárias e inexplicáveis aventuras. Verdadeiras fugas do Espírito, vêmo-las ocasionadas no sono, natural ou provocado, nos desmaios, nas síncopes e até no coma. O ser espiritual abandona, temporariamente, o soma, dele se afasta, indo às vezes à grande distância. Na sua viagem, tudo vê e observa; nota o que com ele se passa; conserva a plenitude dos sentidos, com exceção do tato; vai onde quer, pelo simples desejo e com grande rapidez; sente-se, instantaneamente, nos lugares em que pensa, ou junto a pessoas a quem queria ver; atravessa portas e paredes, observa através dos corpos opacos, que não se lhe opõem obstáculos, nem à vista nem ao corpo; busca falar com os vivos, tocar-lhes, e chamar-lhes a atenção, o que não consegue; já o mesmo não se dá para com as entidades espirituais com as quais pode comunicar-se: verifica que conhece umas ou que estas foram suas conhecidas na vida terrena; outras há que lhe parecem conhecidas, porém jamais as viu na sua vida normal, no solo do planeta. Tem a sensação de que cai ou que pode cair, parecendo-lhe difícil, embora agradável, o seu caminhar flutuante; enxerga no escuro, crê-se morto, tem saudades dos que julga haverem ficado, lembra-se de atos que não ultimou, de providências que não pode ou não teve tempo de tomar: isto lhe causa certo desagrado.

Todos os atos materiais lhe são defesos; quer pegar nos objetos, abrir portas, apagar lâmpadas, tocar nos amigos ou em quaisquer pessoas, mas lhe são inúteis os esforços; não sente a matéria, não tem efeito sobre ela. Às vezes influi telepaticamente nos vivos e há casos em que salva o corpo, fazendo acordar amigos ou parentes. Têm, muitos, a sensação de bem-estar, a de euforia, se estão doentes; a de uma viva claridade, e diante dela parece-lhes uma penumbra a clausura do corpo.

Isso, de modo geral.

É a independência do Espírito. Quando tornam à vida material o fazem, por momentos, com intenso pesar. É comum dizerem aos presentes que lhes rodeiam o leito de enfermo: — Para que me acordaram?...

E depois narram tudo, provam o que dizem, apontam os lugares em que estiveram, os fatos que presenciaram, as

coisas que notaram, e até, o que é um tanto raro, as conversas que ouviram.

Tudo, precisamente, como os mortos referem, como o que os Espíritos disseram a Allan Kardec. É o Animismo provando o Espiritismo, como já o observava Aksakof e o demonstrava Ernesto Bozzano.

Tivemos ocasião de citar muitos casos desse gênero em nossos livros; num deles, o Espírito do vivo declarou ter visto a biblioteca de um amigo, onde nunca tinha estado. Ao acordar do transporte descreveu a biblioteca e enumerou os livros que lá estavam, além de muitas outras particularidades. Era tudo exato, como se conseguiu verificar.

O desprendimento é um falecimento aparente e temporário. O fenômeno que se passa com o vivo serve de pórtico para o Além; por ele facilmente se compreenderá o produzido pelos mortos. A alma do morto é como a alma do vivo; apenas este está preso à matéria, e o outro se acha inteiramente livre.

Trata-se de maciça documentação para a destruição da qual se faz mistér invulgar coragem. É verdade que esta não falta ao Autor do *Livro Negro*. Por mais claro que seja o assunto, por claríssimas que sejam as provas, ele verá em tudo o escuro produto da manha, senão o dedo atro do Mafarrico.

> "É fato de observação vulgar que cada um de nós aparece a si próprio sob um duplo aspecto. De um lado, se me olho de fora, vejo em mim uma massa material, extensa, móvel e pesada, um objeto semelhante aos que me rodeiam, composto dos mesmos elementos, submetido às mesmas leis físicas e químicas; e de outro, se me olho, por assim dizer, de dentro, vejo um ser que pensa e sente, um indivíduo que se conhece a si próprio, reconhecendo o resto, espécie de centro invisível, material, em torno do qual se desdobra a perspectiva sem fim do Universo, no espaço e no tempo, expectador e juiz de todas as coisas, as quais não existem, pelo menos para ele, enquanto não se ajuste a si mesmo, **qu'autant qu'il se les rapporte à lui même**" Boirac — **Leçon d'ouverture du cours de philosophie à la Faculté des Lettres, de Dijon.** 1897.

Este ser que pensa e sente pode afastar-se do corpo durante a vida e manifestar-se durante a morte.

É o espírito do vivo demonstrando a manifestação do morto.

* * *

UMA PASTORAL

Nunca é demais acentuar a necessidade do estudo constante das obras de Allan Kardec, porquanto, a cada passo, se nos deparam acusações falsas e heresias doutrinárias, umas que se fazem preciso rebater, outras a que se faz mister esclarecer, conforme os ensinos que se encontram naquelas obras.

Convém mostrar que o Espiritismo é um corpo doutrinário, oriundo das lições dos Espíritos, universalmente comprovadas, tendo por fim encaminhar a humanidade para o Bem. Sua base é a demonstração por intermédio do fenômeno psíquico; seu lema capital — a caridade.

Tudo se acha estabelecido na Codificação. Fora, portanto, daí, não há Espiritismo; existe, quando muito, o mediunismo, que é a manifestação por meio de um *médium*. Essa já vem de um passado longínquo, por vezes de forma caótica, mesclada de interpretações errôneas, escurecida pelas lendas, apagadas pelo tempo, deturpadas de acordo com as traduções do vulgo, jarretadas pela ignorância, pelas conveniências de ocasião ou pelo sectarismo.

Não se pode dar a esse amálgama, onde é comum, em parte mínima, a contribuição dos Espíritos, o nome de Espiritismo.

É impossível confundir o *fato*, mal estudado, mal interpretado, mal observado, examinado sem o menor critério científico, ajeitado conforme as idéias religiosas de cada um, acintemente desfigurado por espírito partidário, adulterado por imposição eclesiástica, ou ainda, acompanhado de encenações, fórmulas, ritos, manigâncias e manipansos, com o trabalho consciencioso de Allan Kardec, que tinha por princípio uma imparcialidade absoluta, que possuía um espírito inteiramente refratário a fantasias, que era servido por uma superior mentalidade, que tudo subordinava a um raciocínio frio, justo, severo, íntegro, e ao qual só inspirava o desejo da verdade.

Kardec registrou o fenômeno; seu papel seria o de mero transmissor; seu enorme esforço, entretanto, consistiu em coordenar as respostas, verificar-lhes a autenticidade, comprovar-lhes a concordância, examiná-las, analisá-las, compará-las, explicá-las, por vezes comentá-las, e enfim, apresentá-las ao Mundo com o objetivo de tornar mais felizes e mais bem orientadas as criaturas, sem lhe importar o combate que lhe desencadearam aqueles a quem as novas doutrinas vinham perturbar no seu comodismo, no seu conservatismo ou nos seus interesses.

Não há negar, portanto, a grande vantagem do estudo cotidiano das obras de Allan Kardec; os ataques de seus adversários partem de todos os lados; as armas que usam, se, manejadas umas, por mãos canhestras, outras se acham confiadas a punhos vigorosos, afeitos a certa espécie de esgrima, onde valem todos os golpes, e como é fácil de ver, a serviço de uma causa ingrata, em defesa da qual não duvidam lançar mão de qualquer recurso.

É preciso o conhecimento perfeito dos ensinos que os Espíritos trouxeram a Allan Kardec para que se perceba a extensão dos erros, enganos, falsidades, fraudes literárias, embustes, sofismas, deturpações, e toda a sorte de artimanhas, ardis e alicantinas com que se procura conspurcar a obra do grande Missionário.

. Tomemos exemplo em recente Carta Pastoral lançada contra o Espiritismo, com o título de *Cristo e o Espiritismo*, de que nos apresenta um resumo alguns jornais, e entre eles o Correio da Manhã de 23 de dezembro de 1956.

- É possível que não se verifiquem ali todas as falhas que apontamos nesses escritos bélicos, e os lapsos se devam atribuir antes à paixão religiosa que a dolo manifesto. Mas o certo é que os equívocos se acardumam, de forma a deixar atônitos os mais bisonhos conhecedores do assunto.

Contentemo-nos com o seguinte período final, onde parece condensar-se toda a objurgatória:

> "Das considerações anteriores, todas baseadas nas Sagradas Escrituras, fonte da Religião revelada, surgem claríssimas as seguintes conclusões, que se impõem, por si mesmas, e muitas outras, que seria longo enumerar.
>
> Bastem-nos estas por ora, revmos. sacerdotes e prezados fiéis:
>
> 1) Que, negando a divindade de Jesus Cristo, o espiritismo Lhe tira o que tem de mais essencial, e destrói assim tudo quanto há de valor divino e transcendente

nos ensinamentos do mesmo Cristo, pois O atira à condição de simples homem, e homem desprestigiado. Poderia ser cristão quem renega Cristo?

2) Que, descrendo de tantas verdades fundamentais do cristianismo, de modo algum o espiritismo pode ser tido por religião cristã, e desta se afasta quem freqüenta sessões e terreiros.

3) Que, assim como o demônio procura macaquear a Deus, da mesma forma o espiritismo, engendrado por aquele, se compraz em apresentar imagens de santos nos quais não acredita, como também em imitar a igreja no batismo, sem admitir o pecado original, ou em outras práticas religiosas, como procissões e o mais. Tolo será quem se deixar embair.

4) Que, independente das forças naturais do hipnotismo, magnetismo e outras, há no espiritismo usanças que prestam culto aos espíritos malígnos, isto é, aos demônios, como acontece nas macumbas, o que representa grandíssima injúria a Deus e constitui gravíssimo pecado.

5) Que, portanto, não somente nós como Autoridade eclesiástica, mas todos vós, revmos. sacerdotes e prezados fiéis, temos obrigação de esclarecer os que estão mal orientados sobre o espiritismo, como também, compadecidos devemos rezar por sua conversão e caridosamente atraí-los para o Bom Pastor que anda em busca dessas ovelhinhas desgarradas, o Bom Pastor que também por elas derramou seu preciosíssimo sangue.

Este sangue resgata, de fato, aquelas almas queridas para que venham a ser felizes na contemplação da Santíssima Trindade pelos séculos dos séculos. Amém.

Com estes paternais sentimentos, aqui deixamos a vós e a eles, nossas bênçãos e votos de felicidade neste Santo Natal de Nosso Senhor Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, ou como é reconhecido e adorado entre nós: o Homem-Deus".

Há acusações que ditas com habilidade podem trazer certa ilusão a espíritos menos preparados. Estas, felizmente, não têm sequer os predicados com que se ornamentam as muitas velhacarias com que pretendem solapar a doutrina dos Espíritos, isto é, os predicados da habilidade e do ardil. Aqui é tudo manifestamente rude, francamente oposto à realidade, flagrantemente inexato. Vejamos.

1. Necessariamente, só um prosélito ferrenho poderá acreditar que, por não ensinarem os Espíritos que Cristo é Deus, o estarão desprestigiando.

Achar que Deus viveu no Mundo trinta e três anos, deixando o Universo inteiro à matroca; acreditar que o Onipresente veio insular-se num dos seus mais insignificantes orbes; que foi injuriado, maltratado, ridicularizado, cuspido, açoitado, esbofeteado, crucificado por aqueles que ele mesmo fabricou, é que seria elevá-lo ao ápice do desprestígio.

E além de desprestigiá-lo, desmenti-lo, quando Ele declarava que o maior não era Ele, era Deus, (Jo. 14, 28;12, 49); que o melhor era Deus, não era Ele. (Mat. 23, 9 e 10); quando chamava por Deus nos últimos momentos; quando lamentava que Deus o houvesse abandonado: — *Eli, Eli, lama Sabachtani* — (Mat. 27, 46); quando declarava que onisciente era só o Pai (Mat. 24, 36).

Inúmeras são as passagens do Evangelho contrárias à divindade de Jesus; por elas se vê que Jesus crescia em sabedoria, em idade e em graça, diante de Deus (Luc. 2,52); que nada podia fazer, porque não buscava a sua vontade, mas a do Pai que o enviou, (Jo. V.30); a doutrina não era d'Ele, mas de quem o enviou, (Jo. V11, 16).

Os textos continuam claros. Disse Jesus:

"Porém agora procurais matar-me a mim, um homem, que vos tenho falado a verdade, que de Deus tenho ouvido". (Jo. 8, 40).

"A mim a quem o Pai santificou e enviou ao Mundo". (Jo. 10, 36).

"Porque não tenho falado de mim, porém o Pai que me enviou me deu mandamento sobre o que hei de falar. Assim o que falo, falo como o Pai mo tem dito". (Jo. 12, 49 e 50).

"E a palavra que ouviste não é minha, mas do Pai que me enviou". (Jo. 14, 24).

"Para que todos sejam um como tu, ó Pai em mim, e eu em Ti, que também eles sejam um em nós, para que o Mundo creia que tu me enviaste". (Jo. 17, 21).

Como se vê, quem está com o Evangelho é o Kardec e não a Pastoral.

O prestígio do Cristo não consiste em ser ou não ser Deus, mas no trazer à Terra a moral que devia conduzir a Humanidade à verdadeira trilha, e de que deviam ser arautos aqueles que tomaram sobre os ombros a divulgação do seu Testamento.

2. Parece que, à falta de argumento, sério, a Pastoral resolveu apelar para a ênfase: — "Que descrendo de tantas

verdades fundamentais do Cristianismo, de forma alguma o Espiritismo pode ser tido por religião cristã".

De muitas dessas "verdades" descrêm várias religiões cristãs, e nem por isso deixam de permanecer no seio do Cristianismo. O que o Espiritismo rejeita não são as verdades fundamentais ditas pelo Cristo, senão os absurdos fundamentais enxertados na palavra divina por conveniências sectárias, os quais, estes sim, viriam desprestigiar, por completo, a jornada messiânica.

3. Aqui o dogma e a inverdade se dão o braço e se nos apresentam em desenvolta contradança: — "O demônio procura macaquear Deus; assim também o Espiritismo, engendrado pelo dito demônio, se compraz em apresentar imagens de santos e imitar a igreja no batismo, em práticas religiosas, em procissões..."

Toda a imponente fenomenologia psíquica, com seus surpreendentes casos de identificação do defunto, foi varrida de uma só vassourada, para dar passagem ao demônio, que, num magnífico *tour de main*, passou a ser o engendrador dos fatos que há mais de século vêm preocupando os luminares da Ciência.

Depois dessa imponente peça do teatro mágico, as piedosas maranhas: — procissões, batismos, práticas religiosas, imagens...

A quem, com certa responsabilidade, com um nome a prezar, com um cargo a respeitar, se propõe tratar de determinado assunto, mormente em documento com a majestade de uma Carta Pastoral, corria o dever, antes de tudo, de saber o que estava dizendo, de conhecer a matéria que veio atacar tão solenemente, de público.

Naquilo a que damos o nome de Espiritismo nada existe do que consta no mencionado rol.

Allan Kardec é claro e positivo na sua exposição:

> "Bem falsa idéia faria do Espiritismo quem julgasse que sua força deriva da prática das manifestações materiais e que, dificultando tais manifestações, será possível minar-lhe a base. Sua força está na sua filosofia, no apelo feito à razão, ao bom senso...
>
> "Nele nada há de místico, nem de alegorias sujeitas a interpretações; quer ser por todos compreendidos, porque é chegado o momento de dar aos homens o conhecimento da verdade...
>
> "Apoiando-se na razão será sempre mais forte que os que se apoiam no nada".

Diz-nos mais:

> "Que faz a moderna ciência espírita? Reune num todo aquilo que andava esparso; explica em termos próprios aquilo que só o era em linguagem alegórica; corta aquilo que a superstição e a ignorância haviam criado, para deixar, apenas, o que é real e positivo). **(Livro dos Espíritos**. Conclusão, VI.

No *O que é o Espiritismo*, lê-se:

> "Em todas as épocas tem havido pessoas, médiuns por natureza, ou inconscientes, que, por produzirem fenômenos insólitos e não compreendidos, são qualificados de bruxos e feiticeiros, acusados de ter pacto com o demônio. O mesmo sucedeu à maioria dos sábios que possuíam conhecimentos superiores aos do vulgo...
>
> "Longe de ressuscitar a bruxaria, o Espiritismo, destruiu-a para sempre, despojando-a do seu pretenso poder, de suas fórmulas, despachos, amuletos, talismãs, reduzindo às suas devidas proporções os fenômenos possíveis e que, em verdade, não ultrapassam o âmbito das leis naturais". **Ed. Lake**, p. 70.

Uma doutrina, portanto, que se apóia na Filosofia, que faz um constante apelo à razão, onde as alegorias são postas em termos claros, positivos, decisivos; onde o misticismo deve dar lugar à reflexão; onde se deve fazer a luz para todos; onde se procura substituir a superstição e a ignorância pela realidade; onde se busca reduzir os fatos e doutrinas a proporções naturais, dentro de leis naturais, com objetivos úteis, não poderia seguir práticas incompatíveis com a razão e o bom senso, desprovidas de sentido, de finalidade, de utilidade, e que só servem para manter a superstição e a ignorância, o que os bons Espíritos procuram justamente eliminar.

A Pastoral feriu um ponto, onde, iniludivelmente, não se procura macaquear coisa alguma, porque essa macaqueação não consta dos preceitos espíritas.

O Espiritismo busca as leis do Espaço, indaga da vida do Além, procura mostrar ao homem, no trato com os Espíritos, que ele é imortal e responsável. Nesse prodigioso programa não caberiam os macaqueáveis rituais e cerimônias católicos que, como os fogos de vista, são efêmeros e desnecessários.

E, folheando toda a Codificação, ninguém encontrará qualquer prescrição ou mesmo qualquer justificação no que toca às imitações da Igreja, tais como o batismo, as procissões e outras práticas.

Quanto às imagens, como são usadas no Catolicismo, ninguém as vê em centros espíritas que mereçam esse nome. O caso, porém, requer algumas observações.

Não se pode vedar que tenha alguém um objeto de arte em sua casa. Conservar um retrato, uma estátua, uma efígie, uma representação em desenho, pintura ou escultura, de pessoa cara, de um indivíduo estimável, de um ser que se admira, respeita ou cultua, nada há que ver com o fanatismo religioso, nem é privilégio de determinada religião, mas uma prática universal, que vem pelos evos fora demonstrar que existe ainda na alma humana sentimentos de estima, protestos de respeito, preitos de saudade, que não se apagam, homenagens que edificam, e isso enobrece em vez de aviltar.

Aqui também não há macaqueação, mas a demonstração de que o afeto sobrevive no pélago das paixões. Onde há o sentimento emudecem os cânones.

4. Trata-se, neste item, do culto ao espírito maligno, além de uma confusão propositada ou despropositada entre esse espírito, o hipnotismo e o magnetismo. Não se sabe que é que tem uma coisa com outra, mas a Pastoral confunde e mistura tudo isso, e mais a macumba com o Espiritismo.

O Espiritismo é um corpo doutrinário, proveniente do ensino dos Espíritos, estabelecido em bases seguras e processos científicos. Frisemos bem este ponto.

O que não consta do ensino dos Espíritos, com a chancela da universalidade e da uniformidade estabelecidas por Allan Kardec, não é Espiritismo.

Para evitar, precisamente, os enganos que pudessem ser perpetrados ingênua ou maliciosamente, reuniu-se uma comissão de espíritas na Capital da República e firmou um manifesto declarando o que se devia e o que não se devia considerar como parte integrante dos postulados espíritas.

O Pastor fecha os ouvidos. Deve ser o meio mais santo de conduzir o rebanho. E com os ouvidos fechados desfere a cartada: — *usanças que prestam culto aos espíritos malignos, como nas macumbas.*

Macumba é africanismo e catolicismo. A Pastoral errou a porta.

Os autores que se referem ao sincretismo religioso, que tem o nome de afro-brasileiro, e que entre nós tem a denominação de macumba, catimbó, candomblé, xangô, terreiro,

mafuá..., são acordes no afirmar que as práticas africanas estão cheias de práticas católicas. Imagens, andores, altares, procissões, velas, incenso são usanças da Igreja e não do Espiritismo.

O culto e estudioso jornalista Deolindo Amorim, que tem dedicado o melhor dos seus dias a tais assuntos, apresentou um notável trabalho com o título *Africanismo e Espiritismo*, onde demonstra o nosso asserto.

Lippmann Tesch de Oliver, no prefácio a essa obra, indaga:

> "Não será possível distinguir o Espiritismo das seitas afro-católicas?
>
> "É a coisa mais fácil. Basta consultar-se a obra kardeciana e este fornecerá a noção exata, e só se iludirão a respeito os que não se deram ao trabalho de estudá-la ou os que se quedam satisfeitos e refocilam nas camadas do baixo psiquismo.
>
> "Afinal o trabalho que se vai ler logrará abrir os olhos aos cegos".

O trabalho, de fato, tem esse fim. Ele responde à pergunta do prefaciador, e logra abrir os olhos aos cegos para que possam medir a distância que vai da macumba ao Espiritismo.

Diga-se, de passagem, que nada temos com a macumba ou mesmo contra ela, nem pretendemos atacá-la. O que se faz necessário é distinguir entre Espiritismo e macumba, que a Pastoral acintemente confunde. É preciso mostrar que essa confusão é injustificável.

No ano passado, Waldemar Valente publicou interessante livro com o título *Sincretismo Religioso Afro-Brasileiro*, onde salienta a parte que ao Catolicismo cabe nas práticas macumbeiras.

E não poderemos deixar de referir-nos às conferências proferidas na Capital de S. Paulo pelo notável jornalista Herculano Pires, que muitas luzes trazem ao assunto.

Que o Catolicismo trouxe um grande contingente de cerimônias, usanças e doutrinas ao Africanismo, estão de acordo os escritores que mais trataram do caso, e entre eles, Manoel Querino, Gylberto Freire, Nina Rodrigues, Couto de Magalhães, Luis Viana, Artur Ramos...

O que há de Espiritismo nas macumbas é apenas o fenômeno medianímico, que existe em toda a parte, que sempre existiu, quando não se sabia ainda o que era Espiritismo. O

fenômeno psíquico é um fenômeno natural, independente da doutrina, que esta é que constitui o Espiritismo, embora com base naquele fenômeno, doutrina que só apareceu com Allan Kardec.

Esclarece Deolindo Amorim:

> "De comum, há apenas, a manifestação, o transe mediúnico, a evocação sob forma absolutamente diferente da prática espírita. Ora, não sendo a manifestação de Espíritos um ato privativo do Espiritismo, porque os Espíritos se manifestam em qualquer lugar, desde que disponham de médiuns, está claro que, em boa lógica, não deve ter a designação específica de prática espírita qualquer experiência mediúnica, feita a esmo, empiricamente, sem relação com o Espiritismo, cujos ensinos formam uma doutrina filosófica de conseqüências religiosas, como bem disse o seu codificador, Allan Kardec.
>
> "O mediunismo faz parte do Espiritismo, mas é preciso frisar que o mediunismo não é Espiritismo. Que há mediunismo nos cultos africanos não se discute. Mas este motivo ainda não basta. Daí poder-se apresentar a tese de que, embora tenham por base a imortalidade da alma e exercitem o mediunismo, as práticas do **Africanismo**, apesar de espiritualistas, não constituem modalidade de Espiritismo. (**Obra citada**, 12a. ed., pág. 27).

Para que se veja o erro em que incidem, por espírito sectário, padres, frades, bispos e cardeais, quando enchem o Espiritismo de práticas que não lhe pertencem e que melhor caberiam no conserto afro-católico, basta que assinalemos o seguinte: o africanismo e os seus ritos entraram no Brasil com o preto escravo, ou seja pouco depois do seu descobrimento, enquanto o Espiritismo data de Allan Kardec, no século passado, e nos veio depois da morte de Allan Kardec, o que ocorreu na segunda metade daquele século.

A propósito, citemos, ainda, Deolindo Amorim:

> "Em primeiro lugar, o que caracteriza o ato espírita não é exclusivamente o fenômeno; em segundo lugar, o Espiritismo, corpo de doutrina organizado por Allan Kardec, surgiu no Mundo em 1857, e quando suas obras chegaram ao Brasil, já existia o Africanismo generalizado,
>
> "Historicamente, não é possível estabelecer qualquer termo de comparação, porquanto o Africanismo data de

época muito recuada, ao passo que a doutrina espírita é do século passado". **Obr. cit.** p. 25.

O que se deduz, o que se vê, o que se prova é que na religião do preto o que influiu preponderantemente foi a religião católica, religião que aquele encontrou em nossa terra, proveniente do domínio português.

Dizia Manoel Querino, apud Valente:

> "O africano trazia a seita religiosa de sua terra; aqui era obrigado por lei a adotar a religião católica. Habituado naquela e obrigado por esta ficou com as duas crenças". **Costumes Africanos no Brasil**, p. 47.

Nina Rodrigues trata da interfusão religiosa no Brasil por ocasião do tráfico escravo, das associações híbridas, das crenças mestiçadas, em suma, do sincretismo proveniente das religiões em contato. — *O Animismo fetichista dos negros da Bahia.* Bahia, 1900.

Para Artur Ramos o negro aceitou o Catolicismo dos missionários e o incorporou ao seu sistema mítico-religioso, transformando-o em nova e vasta religião, onde os orixás se confundiam com os santos da Igreja. *O Negro brasileiro.* Rio. Pág. 113.

Fernando Ortiz, que tem um livro traduzido em nosso idioma, refere-se à catolização dos negros, embora aparente. *Los Negros Brujos.* Madrid, pág. 302.

Waldemar Valente, no seu consciencioso e imparcial estudo, faz-nos ver como é sensível a fusão entre a crença existente e a importada. Escreve esse erudito Autor:

> "Os negros adotaram as imagens católicas e as cultuaram. Mas, na verdade, sob a invocação dos santos do Catolicismo, adoravam os representantes da divina corte africana. Assim, despistaram a vigilância dos seus senhores. E mais do que isso: iludiram a ingenuidade dos padres na obra apostólica da catequese. "**Sincretismo religioso afro-brasileiro.** Pág. 114.

A linguagem o imuniza de qualquer suspeita sectária. Ouçamo-lo ainda:

> "Das pesquisas que temos realizado na intimidade dos xangôs pernambucanos não nos tem sido difícil cons-

tatar a influência sempre crescente que o Catolicismo vem exercendo sobre o fetichismo africano.

"Como em outras regiões brasileiras, as divindades africanas correspondem, por sincretismo, aos santos católicos" **Ob. cit.** Pág. 115.

Continuemos a folhear o citado Autor:

"A superiordiade da influência cristã às vezes é tão grande que ficamos acreditando que em certos terreiros as festas que se realizam servem apenas como um derivativo..." Pág. 118.

"O Catolicismo, o Cristianismo de modo geral, esse Cristianismo popular, já tocado das influências místicas que trouxe da própria Europa, salpicou-se de idéias supersticiosas, de conceitos mágico-fetichistas". Pág. 119.

"Graças à força sincrética afro-cristã, cada orixá do panteão africano corresponde a um santo agiológio católico'. Pág. 123.

Voltemos a Amorim, que declara com muito acerto:

"O fenômeno etnológico da mestiçagem não podia deixar de ter repercussão psíquica, tanto que a vida religiosa no Brasil, por mais que se insista em dizer que o povo brasileiro é **essencialmente católico**, não tende para a unidade, mas para o sincretismo, para a variedade". **Africanismo**, pág. 33.

Mais adiante, para mostrar as razões por que o Espiritismo é deturpado, dando lugar a que os representantes do clero, ainda os mais graduados, aproveitem a oportunidade, edifica-nos com este trecho:

"O Espiritismo encontrou no Brasil a preponderância do Africanismo e do Catolicismo, com um fator absolutamente favorável: o baixo nível intelectual das massas, educadas na superstição e sob o influxo da religião católica, que lhe imprimiu o apego aos ídolos, aos símbolos etc. Difícil tem sido ao Espiritismo reagir contra a propensão de grande parte de seus simpatizantes para o culto fetichista. Daí muita gente, que desconhece o assunto, que não sabe o que é Espiritismo, dizer que Espiritismo e Africanismo são sinônimos'. Idem, pág. 54.

Valeria explicar que o vezo não é apenas de simpatizantes, mas principalmente de antipatizantes, e não só dos que desconhecem o assunto, mas principalmente dos que o conhecem e a quem é de grande conveniência e vantagem estabelecer a sinonímia.

Afinal, que é que vemos nos terreiros? O culto a S. Jorge, com procissões e romarias, as festas de S. Cosme e S. Damião, a veneração a S. Miguel, as lavagens de Igrejas, as práticas e festividades na Igreja de N. S. do Bonfim, na Bahia, a água benta ou coisa parecida, a adoração a Oxun, transformada em N.S. do Carmo, a identificação de santos e santas católicos com as divindades africanas, o lava-mão e o beija-pé, e mais o culto, o simbolismo, as fórmulas, o ritual, com velas e altares, nichos e defumações; tudo, pois, está a denunciar o Catolicismo das macumbas, e nunca o Espiritismo, onde não existe nada disso nem nunca existiu.

Por maneira, finalmente, que o culto ao demônio, a esse espírito maligno a que a Carta Pastoral se refere, "que representa grande pecado e gravíssima injúria a Deus", é também Catolicismo puro.

Não há demônios no Espiritismo, na acepção católica, nem ninguém lhe presta culto. No *Livro dos Espíritos*, à pergunta se há demônios, no sentido ligado a este vocábulo, respondem os Espíritos:

> "Se houvesse demônios seriam obra de Deus. E Deus seria justo e bom se tivesse feito seres eternamente votados ao mal e infelizes?" **L. E.**, n. 131.

Logo, segundo a doutrina, não existem demônios, ou o demônio católico, porque Deus, bom e justo, não poderia ter feito seres eternamente maus e infelizes.

A obra de Kardec, *Céu e Inferno*(*), tem por fim demonstrar que o Inferno não existe, nem existem os seus habitantes. Há um capítulo especial sobre os demônios, o Capítulo IX, onde se verifica a inexistência de uma entidade maléfica incorrigível. Em determinado ponto usa-se do seguinte raciocínio:

> "Se eram eles (os anjos decaídos), Satã e os demônios, seriam perfeitos mas, perfeitos, como puderam falir a ponto de desconhecer a autoridade desse Deus, em cuja presença se encontravam?" N. 9.

(*) O Céu e o Inferno, ou a Justiça Divina segundo o Espiritismo. — Nota do revisor.

A lógica leva, necessariamente, à negativa.

O que há em Espiritismo são Espíritos inferiores, em começo de evolução, a quem os mais adiantados, na Terra ou no Espaço, procuram encaminhar, mostrando-lhes os erros e lhes abrindo na consciência caminho para o remorso, o arrependimento, a emenda, a regeneração, o progresso.

Isto se acha infinitamente longe do Espírito do Mal, o demônio católico, e do culto das macumbas.

O paralelo da Pastoral só pode reverter contra o preopinante e prejudicar a sua tese.

* * *

Mas o Pastor conserva os ouvidos tapados.

"O Espiritismo como nas macumbas..."

Epaminondas, que nem brincando mentia — *adeo veritatis diligens erat ut ne joco quidem mentiretur* — se voltasse ao Mundo, veria que a verdade não passa de uma brincadeira.

5. É de fazer virem aos olhos lágrimas comovidas a recomendação de que se reze para que possam os espíritas se converter.

Por irresistível associação de idéias, para não dizer associação histórica, chegamos à Idade Média, onde os condenados à fogueira se viam acompanhados pelas preces daqueles que os sentenciaram. Os hereges eram envolvidos, do mesmo passo, pelas orações e pelas chamas.

Ao que parece, o sangue do Cristo não lhes bastava à redenção —, "aquele preciosíssimo sangue que o Bom Pastor também derramou pelas ovelhas desgarradas" —, e foi necessário, então, que os mártires igualmente derramassem o deles.

É nesse derramamento que devemos firmar a nossa doutrina, a fim de que nossas almas possam ser felizes na contemplação da Santíssima Trindade, pelos séculos dos séculos.

* * *

CONCLUSÃO

Cabe-nos, ao termo desta viagem, sem o fito de melindrar ninguém, senão o de esclarecer tão importante matéria, com alguma leveza de estilo por vezes, em vista de tornar menos áridos e monótonos os caminhos, lembrar o seguinte trecho de Gino Trespioli:

> "Salute física, stima publica, pace in famiglia, fiorente condizioni economiche, grado sociale, soddisfazioni e trionfi, nulla di tutto ciò che ci occupa e ci preoccupa ogni giorno, e per cui tolliamo come di cose senza della quali la vita sarebbe un tormento, nulla può assumere il valore che ha il sapere che cosa avverrà di noi dopo la morte".

A tradução parece-nos esta:

> "Saúde física, estima pública, paz em família, florescentes condições econômicas, dignidade social, satisfações e triunfos, nada do que nos ocupa e preocupa todos os dias e por que lutamos como por coisas sem as quais a vida seria um tormento, nada pode representar o valor que há em saber-se o que nos sucederá depois da morte".

Para mostrar o que há depois da morte é que baixam os Espíritos, e entre eles baixaram os pioneiros da Mensagem, que vieram trazer os seus ensinos a Allan Kardec. Esses ensinos, sob a garantia da prova, no fenômeno paranormal, explicam as dúvidas que pairam no espírito humano. Na parte filosófica ilumina-se o problema do ser, justifica-se a dor, companheira inseparável da criatura, e Deus nos aparece sob outro prisma, no verdadeiro esplendor dos seus atributos divinos.

Finalmente trouxeram-nos eles a Moral que nos deve encaminhar, pelo Bem, à suprema felicidade.

Nosso escopo foi este, o de tirar a venda que temos sobre os olhos, para que a humanidade saiba o que nos sucede depois da morte.

Allan Kardec foi o Iniciado e o Iniciador.

* * *

Sumário

Dedicatórias 5
Prefácio à 1.ª edição 7
Prefácio à 2.ª edição 11

PARTE I

Os Precursores 15
A Imperiosa Necessidade do Advento Espiritual 18
Hydesville 24
Pestalozzi 30
Allan Kardec 32
Notas do Dr. Canuto Abreu 38
João Huss 43
Iniciação no Espiritismo 48
O Codificador 55
Plano de "O Livro dos Espíritos" 58
Bases Doutrinárias 62
Princípios 64
Réplicas e Proibições 70
Da Gênese Doutrinária 76

PARTE II

Objeções 85
Objurgatórias 88
Reencarnação 93
O Livro Negro do Espiritismo 97
O Primeiro Fator 98
O Segundo Fator 104
Os Cientistas 109
O Terceiro Fator 119
Galileu 121
Documentos Graves 123
Fatos 124
A Luz 131
Ao Nível dos Médiuns 135
O Quarto Fator 141
O Animismo Prova o Espiritismo 142
Uma Pastoral 145
Conclusão 158